

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that proper record-keeping is essential for transparency and accountability, particularly in financial matters. The text notes that without clear documentation, it becomes difficult to track expenses, revenues, and other critical data points.

2. The second section addresses the challenges associated with data management in a rapidly changing environment. It highlights the need for robust systems that can handle large volumes of information while ensuring its integrity and security. The author suggests that organizations should invest in modern technologies and training to overcome these challenges effectively.

3. The third part of the document focuses on the role of leadership in driving organizational success. It argues that strong leaders are those who can inspire their teams, set clear goals, and adapt to changing circumstances. The text provides several examples of successful leaders and their strategies, offering valuable insights for aspiring managers.

4. The fourth section discusses the importance of continuous learning and development. It states that in today's fast-paced world, individuals and organizations must constantly update their skills and knowledge to remain competitive. The author recommends various methods for learning, such as attending workshops, taking courses, and seeking mentorship.

5. The fifth part of the document explores the concept of innovation and its impact on business growth. It defines innovation as the process of developing new ideas, products, or services that create value. The text emphasizes that innovation is not just a one-time event but a continuous process that requires a supportive culture and resources.

6. The sixth section discusses the importance of customer satisfaction and loyalty. It notes that happy customers are more likely to return and recommend the business to others. The author provides several strategies for improving customer service, such as listening to feedback, resolving issues promptly, and offering personalized experiences.

7. The seventh part of the document addresses the issue of risk management. It explains that every business faces various risks, and it is crucial to identify these risks and develop strategies to mitigate them. The text offers practical advice on how to assess risks and implement effective risk management practices.

8. The eighth section discusses the importance of financial planning and budgeting. It states that a well-thought-out financial plan is essential for the long-term success of any organization. The author provides a step-by-step guide to creating a budget and monitoring financial performance.

9. The ninth part of the document explores the concept of corporate social responsibility (CSR). It defines CSR as the responsibility of a business to act ethically and contribute to the well-being of society. The text discusses the benefits of CSR, such as improved brand reputation and increased employee loyalty.

10. The final section of the document provides a conclusion and summarizes the key points discussed throughout the text. It reiterates the importance of maintaining accurate records, embracing change, and fostering a culture of innovation and continuous learning. The author encourages readers to apply these principles in their own organizations to achieve long-term success.

R I M A S
D E
M A N O E L M A R I A
D E B A R B O S A D U B O C A G E ,
D E D I C A D A S A ' A M I Z A D E .

*Siquid habent igitur Vatum præsagia veri ,
Protinus ut moriar , non ero , Terra , tuus.
Sive favare tui , sive hanc ego carmine famam
Jure ; tibi grates , candide Lector , ago.*

Ovid. Trist. Lib. IV. Eleg. X.

T O M O II,



L I S B O A . M . D C C C I I .

NA OFF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Mesa do Desembargo da Poça.

*Vende-se na mesma Offeina na Rua da A:aluia,
aq Bairro alto.*



A O SENHOR
ANTONIO JOSÉ ALVARES
EPISTOLA DEDICATORIA.

Usus amicitiae tecum mihi parvus, ut illam
Non ægre posses dissimulare, fuit.

Ovid. Trist. Lib. III. Eleg. V.

A Minha gratidão te dá meus versos:
Meus versos, dá lisonja não tocados,
Satélites de Amor, Amor seguindo
Co' as azas, que lhes pôz benigna Fama,
Qual níveo bando de innocentes pombas,
Os lares vão saudar, propicios lares,
Que em doce recepção me contiverão
Incertos passos d'Indigencia errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedára
A catástrofe acerba de meus dias,
Dos infortunios meus o quadro triste:
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos, que forão
Tão dadivosas para o Vate oppresso,
Que o pezo dos grilhões me aligeirão,
Que sobre espinhos me esparzirão flores;
Em quanto não recentes, vão Amigos,
Inuteis corações, volúvel Turba,
(A versos mais attenta, que a suspiros)
No Lethe mergulhou memoria's minhas.

Ami-

Amigos da Ventura, e não de Elmano,
 Aonhô servicial de vós, me vingá:
 Ao nome da Virtude o Vicio core.
 Não sei se vens de Heróes, se vens de Grandet,
 Não sei, meu Bemfeitor, se tens Maiores
 Forão cobertos, decorados forão
 De purpúreos docéis, de Marcios loiros;
 Sei que frequentas da Anizade o templo,
 Que és Grande, que és Heróe aos olhos della,
 E en menos infeliz que tu piedoso:
 (A idéa na expressão me cabe apenas)
 Alma illudida, espirito indigente
 Se paga não do que he, do que outros erão;
 Os Manes dos Avós em vão revoca,
 Lustre quer extrahir do horror da Morte,
 Remexe as Cinzas, e recorre ao Nada.
 Tu, dádiva do Eterno a meus desastros,
 Tu não careces de esplendor postigo,
 Tens os títulos teus nas acções tuas,
 Por indole a virtude, o bem por norma,
 A gloria de o fazer, e de occultallo:
 Eu a gloria também de expóllo ao Mundo,
 De ornar com teu louvor a Humanidade.
 Embora a falsa Opinião maligna
 Dardeje contra mim, fulmine a honra,
 O character de Elmano. Eu tenho Aonio,
 Eu tenho a consciencia; ambos me escudão,
 Munido de ambos, á mordaz Caterva
 Posso affeito bradar: mentis, perversos.
 Quem préza a gra'idão, não préza o vicio:
 O Mortal vicioso he sempre ingrato.

AO LEITOR.

A Maior parte das Poesias, que público, foi recobrada com a memoria em casa do meu officioso Amigo José Salinas de Benavides, huma das pessoas mais benemeritas, e qualificadas de Santarem, onde me avisá-rão de que, affectada a minha letra por al-gum de muitos malévolos, que, á maneira de lobos, matão ás vezes o que não hão de comer, ou, deixando figuras, por algum dos que prejudicão sem utilizar-se, fôra em meu nome extrahida ao depositario dos meus bens poeticos a caixa, em que jazião, com os trastes proporcionados á minha profissão, e hum tanto peores, que os versos. Temen-do a perda do que, para mim ao menos, era precioso, examinei o livro interior, que me não podem roubar, e com effeito copiei d'elle tudo o que dou á luz não relati-vo a hum desastre tão impensado, como pe-ñoso, que me sobreveio depois, e occasio-nou as producções, em que o choro.

Leitor intelligente, verdadeiro Critico (e não a chusma de Zoilos, que usa infestar a República literaria, e cré que a mordaci-da-

dade suppre o talento) o Sabio imparcial (em quem só me louvo) talvez não desdenhe estas novas Rimas , especialmente na tradução das Metamorfoses , que incluem , as quaes me affagaráo o amor proprio , que todavia poderá illudir-me , como a muitos , sem que eu saiba porque os illude , nem por ventura elles mesmos : aos que professão porém a Latinidade pergunto com affoiteza , se as citadas versões provão , ou não o uso , e intelligencia daquelles Authores , e se apparece nellas o character , e energia do texto , ou se indicão o soccorro inutil das languidas traducções Francezas , com que alguns Bavios , e Mevios (que não só os deo Roma) sabem Latim , e Grego na opinião dos que mal entendem a lingua materna .

Em quanto ás composições originaes , póde ser que se taxem de extensas as Cantatas de Hero , Ignez , e Medéa . Eis a minha justificação ácerca da primeira , (que he a mais longa) julguei interessantes todas as circumstancias daquella desgraça , e sem colher hum só passo do Póema de Muséo , (a cujo exame remetto o Leitor) deixei correr a fantasia pelo assumpto pathético , e nada lhe omitti , que podesse commover , inserindo-lhe o mais que devi ao meu coração ,

ção , porque o coração he que produz os versos , que lhe dizem respeito. A prolixidade está no enjôo : tres versos máos canção mais depressa , que huma obra abundante de imagens , e pensamentos sublimes , por comprida que seja. Privo-me do prazer de imprimir a Metamorfose de Myrrha (tambem de Ovidio) em attenção á modestia , e delicadeza , não poupadas naquella admiravel producção , e antes quiz omitilla , que desfiguralla : por evitar hum volume sobejo deixo tambem de publicar a descripção do Bosque de Marselha , trasladada da Farsália de Lucano.

Poderáõ os Zoilos abocanhar a minha Musa , mas serão obrigados a reconhecer a minha gratidão na Epistola dedicatória , que dirijo ao extremoso Amigo , cuja beneficencia me adoçou o infortunio , e deo a saber que o seculo do Egoismo ainda soffre excepções proveitosas aos infelices.

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that proper record-keeping is essential for transparency and accountability, particularly in the context of public administration and government operations. The text notes that without reliable records, it becomes difficult to track the flow of funds, resources, and information, which can lead to inefficiencies and potential misuse of public funds.

2. The second part of the document outlines the various methods and tools used to collect, store, and analyze data. It mentions the use of spreadsheets, databases, and specialized software to manage large volumes of information. The text also highlights the importance of data security and privacy, ensuring that sensitive information is protected from unauthorized access and disclosure. Additionally, it discusses the role of data analysis in identifying trends, patterns, and areas for improvement within an organization.

3. The third part of the document focuses on the integration of data across different departments and systems. It explains how data silos can hinder collaboration and decision-making, and how a unified data environment can provide a more comprehensive view of the organization's performance. The text also touches upon the challenges of data integration, such as incompatible formats and systems, and offers suggestions for overcoming these obstacles through standardization and interoperability.

4. The fourth part of the document discusses the importance of data governance and the establishment of clear policies and procedures. It emphasizes the need for a designated data steward or committee to oversee data management practices and ensure compliance with relevant regulations and standards. The text also mentions the importance of regular audits and reviews to assess the effectiveness of data management processes and make necessary adjustments.

5. The fifth part of the document concludes by summarizing the key points and reiterating the importance of a robust data management strategy. It states that effective data management is not just a technical task but a strategic imperative that can significantly impact an organization's success and ability to serve its stakeholders. The text ends with a call to action, encouraging organizations to take a proactive approach to data management and continuously improve their practices.



SONETO I.

VÓS, que de meus extremos sois a história,
Versos, por negro Zoilo em vão roubados,
Nascidos da Ternura, e restaurados
C'o promptó auxilio de fiel memoria:

Da Inveja conseguindo alta victoria,
Ide, meus Versos, em Amor fiados,
Que delle só dependem vossos Fados,
Que nelle só demando a minha gloria.

Não vos importe o público juizo
Da Voz que pelo Mundo se derrama,
Os vivas caprichosos não preciso.

Voai aos olhos, cuja luz me inflamma;
Tereis de Anarda approvador sorriso:
Hum sorriso de Anarda hé mais que a Fama.

S O N E T O I I

DAs faixas infantís despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente,
Meu tenro coração inda innocente
Hião ganhando as plácidas Camenas.

Faces gentís, angelicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgenté
Da idéa me extrahião de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.

O Tempo me soprou Fervor divino,
E as Musas me fizerão desgraçado,
Desgraçado me fez o Deos Menino.

A Amor quiz esquivar-me, e ao Dom sagrado,
Mas vendo no meu genio o meu Destino,
Que havia de fazer? Cedi ao Fado.

SONETO III.

ENcantador Garção, tu me arrebatas,
 Audaz vibrando o plectro Venuzino,
 Suave Albano, (1) delicado Alcino, (2)
 Musas do terno Amor, vós me sois gratas.

Adoro altos prodigios, que relatas,
 Cantor da Gloria, magestoso Elpino, (3)
 Tu, que, agitado de impeto divino,
 Acezas turbilhões na voz desatas.

Oh Cysnes immortaes do Têjo amêno!
 A carraneuda Inveja em mim não cria
 Viboras prenhês de infernal veneno:

O elazão que esparzis, me accende, e guia,
 Culto, incenso vos dou, quando condemnio
 Delirios que o meu Zoilo ao Prêlo enfia.

A ii

SO-

(1) Matos. (2) Quita. (3) O Desembargador Antonio Diniz da Cruz nas suas Odes aos Herões da India.

SONETO IV.

EM quanto muda jaz, e jaz vencida
Do somno, que a restaura, a Natureza,
Augmento de meus males a graveza
Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma, escurecida,
Envolta nos horrores da tristeza,
Qual tócha que entre túmulos acceza
Espalha fêa luz amortecida:

Velando está minha alma, estão com ella
Velando A nor, velando a Desventura,
Algozes, com que a Sorte me flagella:

Preside ao Acto acerbo a Formosura,
Marilia desleal, Marilia, aquella
Que tão branda me foi, que me he tão dura.

SONETO V.

Incense da Fortuna os vãos Altraz
Dextra venal de astuto Lisonjeiro,
Raios vibrando intrepido Guerreiro,
De nuvens d'atro fumo assombre os ares.

Domando a furia de assanhados Mares
Sagaz Commerciante interesseiro,
Fejado o bojo do Baixel veleiro,
Opulento saúde os patrios Larés:

A Deosa que por bocas cem respira,
Acclame o Sábio que medita, e véla,
Fertil em produções que o Mundo admira:

Minha alma só se apraz, só se desvela
Na gloria de cantar ao som da lyra
Os olhos de Felisa, as graças della.

S O N E T O VI.

MInha Alma se reparte em pensamentos.
Todos escuros, todos pavorosos;
Pondero quão terríveis, quão penosos
São, Existência minha, os teus momentos.

Dos males que sofri, crucis, violentos
A Amor, e aos Fados contra mim teimosos,
Outros inda mais tristes, mais custosos
Deduzo com fataes presentimentos.

Rasgo o véo da Futuro, e lá diviso
Novos damnos urdindo Amor, e os Fados
Para roubar-me a vida após do siso.

Ah! Vem, Marília, vem com teus agrados,
Com teu sereno olhar, teu brando riso
Furtar-me a fantasia a mil cuidados.

S O N E T O VII.

P Or industria de hums olhos mais brilhantes,
Que o refulgente Sol dos Ceos no cume,
Jaz prezo entre os grilhões do Idálio Nume
O mais terno, e sensivel dos Amantes.

Huma Ingrata, exemplar das inconstantes.
Por genio, por systema, ou por costume,
Todo o fel da tristeza, e do ciume
Lhe verte sobre os miseros instantes.

Se com piedoso affago lhe suavisa,
Lhe engana alguma vez a dor que e mata,
Mil vezes em desdenho o tyrannisa.

O laço aperra, e subito o desata...
Ah doce encanto meu, gentil Felisa,
O desgraçado eu sou, tu és a ingrata.

S O N E T O V I I I

EM sonhos na escaldada fantasia
Vi que torvo Dragão de olhos fogueiros
Com afiados dentes sanguinosos
As tépidas estranhas me rompia.

Alva Ninfa louçá, que parecia
A Mãe dos Amorzinhos melindrosos,
Raivosa contra mim, c'os pés mimosos
Mais o Drago faminto embravecia.

De marmore a meu pranto, a meu queixume,
Deste mal, deste horror sem dó, sem pena,
Via dos olhos meus sumir-se o lume.

Ah! Não foi illusão tão triste scena:
O Monstro devorante era o Ciume,
A Cruel, que o pungia, era Filena.

SONETO IX.

Doce Nume de Amor, se á bella Armia
Consagrei por teu mando a liberdade,
Doce Nume de Amor, se tens piedade
Do coração que Elmano em ais te envia :

Entre o calado horror da noite fria
A minha Amada, a minha Divindade
(Com seus olhos doirando a escuridade)
Pinta-me em lédo sonho á fantasia.

Assome tão risonha, e tão brilhante
Como a rósea manhã no Ceo jucundo,
E as lagrimas enxugue ao triste Amante.

Contarei ao meu Bem meu mal profundo,
E que vivo sem ella absorto, errante,
Perdido, amargurado, e só no Mundo.

S O N E T O X.

Distrahe , meu coração , tua amargura ,
Os males que te assanha a fantasia :
Provêm da Formosura essa agonia ?
Seja o seu lenitivo a Formosura.

Por mil objectos adoçar procura
O ardor que lavra em ti de dia em dia...
Mas oh fatal poder da sympathia !
Oh molestia de Amor , que não tem cura !

Astucia exercitaç que te resista ,
Minha Analia , meu bem , debalde intento ,
Está segura em mim tua conquista.

Como hei de minorar-te o vencimento ,
Coarctar o imperio teu , se as mais á vista
Valem menos que tu no pensamento ?

SONETO XI.

O Ceo não te dotou de formosura ,
De attractivo exterior , e a Natureza
Teu peito inficionou c'ò a vil torpeza
De ingrata condição , fallaz , e impura.

Influo-me os extremos da temura ,
A constancia , o fervor , e a singeleza ,
Esses dons mais gentis que a gentileza ,
Dons que o Tempo fugaz não desfigura.

A pezar da traição , do fingimento ,
Que te infama , e desluz , se enleva , e pára
Em ti , Alma infiel , meu pensamento.

Nas paixões a Razão nos desampara :
Se a Razão presidisse ao sentimento ,
Tu morrerás por mim , eu não te amara.

S. O N E T O XII.

As margens do Regaça (1) crystallino.
Nos olhos de Tirséa ardi contente,
Brandos olhos gentís, dos quaes pendente
Estava o meu prazer, e o meu destino.

O tenro Deos, o candido Menino
Pagava meu fervor puro, innocente;
Mas cêdo me impellio Sorte inclemente
Para vós, tristes margens, que abomino.

Aqui, desde que aponta a luz Febéa,
De lugar em lugar deliro, e corro,
Com suspeitas nutriendo a turva idéa.

Não posso contra Amor achar soccorro;
Perdi todo o meu bem, perdi Tirséa:
Ella vive sem mim, sem ella eu morro.

SO-

(1) Rio de Obidos.

SONETO XIII.

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo,
Como fervem no pégo as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás nelle (ai de mim!) palpando, e vendo
De agudas ancias venenosas chagas.

Cégo a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objectos de horror c'o a idéa eu corro,
Sólto gemidos, lagrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu soccorro?
Mandas-me não amar: eu ardo, eu amo:
Dizes-me que socegue: eu peno, eu morro.

S O N E T O X I V .

DEbalde contra Amor seu fel derramã
 Genio feroz, á Natureza opposto,
 Crua Esfinge infernal, de humano rosto,
 Ou Furia acceza, na Tartarea flamma.

Esse, a que astuto Engano hum vicio chama;
 Benigno sentimento em nós disposto,
 Brota o desejo, precursor do gosto,
 Cria o preciso ardor que a tudo inflamma:

Doira a negra existencia ao Desgraçado,
 Do peito arranca as sérpes da Tristeza,
 A que inda o mais feliz não foi vedado.

Ventura, ao doce Amor tu a todas preza:
 He de todo o Vivente instincto, e fado,
 He teu quinto Elemento, oh Natureza. (1)

SO-

(1) Como he no Mundo Amor quinto Elemento,
 Que tem dos Gostos huma, e outra chave.

SONETO XV.

TU, que na foice de sanguíneo gume
Tens fera, estragadora Omnipotencia,
Como soffres de Amor a resistencia,
Oh Tempo devorante, oh ímpio Nume?

E tu, que apagas da ténura o lume,
Que tornas o desvélo em somnolencia,
Filha do Léthes, esquecida Ausencia,
Onde está teu poder, e o teu costumé?

Nos outros c'o prazer morte a firmeza,
Arrefece a paixão de dia em dia
Longe dos olhos, porque fora aceza;

Mas em mim terno ardor jámais esfria:
Por gloria da Constancia, ou da Belleza
Triunfão no meu peito Amor, e Armia.

S O N E T O XVI.

Que idéa horrenda te possui, Elmano?
 Que ardente frenesi teu peito inflamma?
 A Razão te alumie, apaga a chamma,
 Reprime a raiva do Ciúme insano.

Esperanças consome, ou vive ufano,
 Ah! Foge, ou cinge da victoria a rama:
 Ama-te a bella Armia, ou te não ama,
 Seus ais são da temura, ou são do engano.

Se te ama, não consternem teus queixumes
 Os olhos de que estás enfeitado,
 Do 'puro Ceo de Amor benignos lumes;

Se outro n'alma de Armia anda gravado,
 Que fructo has de colher dos vãos ciúmes?
 Ser odioso além de desgraçado.

SONETO XVII.

Tenta em vão temeraria Conjectura
Sondar o abysmo do invisivel Fado,
Que, de umbrosos mysterios enlutado,
Sóme aos olhos mortaes a luz futura.

Presumia (ai de mim!) vendo a ternura
Daquella, que me trouxe enfeitado,
Presumia que Amor tinha guardado
Nos braços do meu Bem minha ventura.

Oh Terra! Oh Ceo! Mentirão-me os brilhantes
Olhos seus, onde achei suave abrigo:
Quão facéis de enganar são os Amantes!

Humanos, que seguis as leis, que sigo,
Vós, Corações, que ao meu sois semelhantes,
Ah! Comigo aprendei, chorai comigo.

S O N E T O XVIII.

A Mor, que o pensamento me saltêas
C'o as memorias de Analia a cada instante,
Tyranno, que vaidoso, e triunfante
Me apertas mais, e mais servis cadêas.

Doces as afflicções, com que me ancêas
Se' ao ver-se de meus olhos tão distante
Soltasse Analia hum ai do peito amante,
E o fogo antigo lhe inflammasse as vêas!

Mas he talvez o exemplo das Perjuras,
Outro amima talvez, em quanto eu choro,
Morrendo de saudosas amarguras;

E, pelo ardente excesso, com que adoro,
Ao clarão de medonhas conjecturas
Vejo o Fantasma da Traição, que ignoro.

SONETO XIX:

Sobranceiro ao poder, e ás leis da Sorte;
Amor ouviu meus ais, cumprio meu gosto:
Já, já sinto nos olhos, peito, e rosto
A nevoa, as ancias, o suor da Morte.

A' terra mão piedosa me transporte,
E depois que em sepulcro mal composto
Der ao frio cadaver frio encosto,
Estes versos por dó na pedra córte:

Aqui se esconde Elmano : alegre estado
Algum tempo deveo á amiga Estrella,
Foi de Armia amador, de Armia amado.

Desunio duro caso o Triste, e a Bella;
Viver sem ella lhe ordenava o Fado:
Quiz antes o Infeliz morrer por ella.

S O N E T O XX.

VOs, credulos Mortaes, allucinados
De sonhos, de quimeras, de apparencias,
Colheis por uso erradas consequencias
Dos acontecimentos desastrados.

Se á perdição correis, precipitados
Por cegas, por fogosas impaciencias,
Indo a cahir, gritais que são violencias
De inexoraveis Ceos, de negros Fados.

Se hum celeste Poder, tyranno, e duro
A's vezes extorquisse as liberdades,
Que prestava, oh Razão, teu lume puro?

Não fôrção corações as Divindades,
Fado amigo não ha, nem Fado escuro:
Fados são as paixões, são as vontades.

SONETO XXI.

A Ureo fio subtil, que teve unida
A corpo immaculado huma alma pura,
De mimoso estalou, e a sepultura
Ficou do teu despojo enriquecida.

De mil graças lustrosa a doce vida
Subio ao cume da immortal Ventura;
Dois Numes = Innocencia, e Formosura =
Vão dando ao Mundo eterna despedida.

Lá onde a Morte, e a Terra te devorão,
Na Estancia do Silencio, e da Tristeza
Inda, Marilia, corações te adorão.

Longe da tua divinal belleza,
Aos olhos, que te virão, que te chorão,
Hum Túmulo parece a Natureza.

S O N E T O XXII.

TEnho assás conservado o rosto enxuto
Contra as iras do Fado omnipotente,
Assás, contigo, oh Sócrates, na mente,
A' dor neguei das queixas o tributo.

Sinto engelhar-se da constancia o fructo,
Cahe no meu coração nova semente;
Já me não vale hum animo innocente:
Gritos da Natureza! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,
De Alma estoica aspirar á vá grandeza,
Quando orgulho não for, será loucura.

No Espirito maior sempre ha fraqueza,
E, abafada no horror da Desventura,
Céde a Filosofia á Natureza.

SONETO XXIII.

Não sou vil Delator, vil Assassino,
Impio, cruel, sacrilego, blasfemo,
Hum Deos adoro, a Eternidade temo,
Conheço que ha Vontade, e não Destino :

Ao Saber, e á Virtude a fronte inclino;
Se chora, e geme o Triste, eu choro, eu gemo;
Chamo á Beneficencia hum dom supremo,
Julgo a doce Amizade hum bem divino :

Amo a Patria, amo as Leis, precisos laços,
Que mantem dos Mortaes a convivencia,
E de infames grilhões oiço ameaços;

Vejo-me exposto á rígida violencia,
Mas folgo, e canto, e durmo nos teus braços,
Amiga da Razão, pura Innocencia.

S O N E T O XXIV.

A Ccezo no almo ardor, que a mente inflamma,
Vivo de amor, de amor suspiro, e canto;
Na face agora o riso, agora o pranto,
D'Arvore tua, oh Febo, eu cinjo a rama.

Prézo a doce Moral, na voz da Fama
Meu nome pouco a pouco aos Ceos levanto,
Mas Turba vil, que abato, ancêo, espanto,
Urde em meu damno abominavel trama.

Réo me delata de hórrida maldade,
Projecta anniquilar-me o Bando rude,
Envolto na Lethéa escuridade.

Que falsa idéa, oh Zoilos, vos illude!
Furtais-me a paz? Furtais-me a liberdade?
Fica-me a gloria, fica me a virtude.

SONETO XXV.

V Em, suspirada, carinhosa Armia,
Remir o Escravo, consolar o Amante,
Que afflicto, que saudoso, a cada instante
Te envia hum pensamento, hum ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flores mais gentis em teu semblante
Que a flor de Cytheréa, a flor brilhante,
Que o manso Abril prefere a quantas cria.

Inimiga de Amor he a tardança:
Não tardes, não, meu Bem, que me flagellas
Em prolongar-me a sôffrega Esperança.

Vem olhar neste rio as faces bellas,
Vem, por doce illusão da semelhança,
Ver enganar se os Zéfýros com ellas.

S O N E T O XXVI.

DO carcere materno em hora escura ,
Em momento infeliz , triste , agoirado
Me desferrolhou terrivel Fado ,
Meus dias commettendo á Desventura.

Perigosas sementes de ternura
Havia o Deos feroz em mim lançado ,
Que mil azedos fructos tem brotado ,
Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despótica Belleza ,
Remir-me de ímpia lei , que me domina ,
Tento , e desmaio ao começar a empreza.

Oh poder da paixão que me allucina !
Oh cégo Amor ! Oh fragil Natureza !
N'alma busco a Razão , e encontro Alcina.

S O N E T O XXVII.

Igual ingratição, e igual vileza
Poucos hão de encontrar entre as ruínas,
Que Amor prepará : pródiga de Alcinas
Não he (graças aos Ceos!) a Natureza.

Genio de Furia, Monstro de torpeza,
Que o pejo afogas, que a traição refinás,
São as Julias, as Lais, as Messalinas
A par de ti modelos da pureza.

Não temas, infiel, que á Terra chame
O raio, que reluz na Mão do Eterno,
Para que em negras cinzas te derrame.

Rasguem-te as garras do Remorso interno
O coração corrupto, o peito infame :
Lá tenho hum vingador, lá tens o Inferno.

S O N E T O XXVIII.

HA hum medonho Abysmo , onde baquêta
 A impulsos das paixões a Humanidade.
 Impêra alli terrivel Divindade ,
 Que de tôrvos Ministros se rodêta :

Rubro facho a Discordia alli menêta ,
 Que a mil Scenas de horror dá claridade ,
 Com seus Sócios = Traição , Mordacidade =
 Range os dentes a Inveja escura , e fêta :

Vê-se a Morte cruel , no punho alçando
 O ferro de sanguento , ervado gume ,
 E a toda a Natureza ameaçando ;

Vê-se arder , fumegar sulfúreo lume . . .
 Que estrondo ! Que pavor ! Que abysmo infando !
 Mortaes , não he o Inferno , he o Ciume.

SONETO XXIX.

AS agoas, e ás arêas deste rio,
A's flores, e aos Favonios deste prado
Meus damnos conto, minhas magoas fio,
Dou queixas contra Isméne, Amor, e o Fado.

A paz do coração posta em desvio,
O gosto em desenganos suffocado,
Lagrimas com lembranças desafio,
E pela tarda Morte ás vezes brado.

Tão maviosos são meus ais mesquinhos,
Tanto pôde a paixão, que em mim suspira,
Que se esquecem das Mães os cordeirinhos,

O vento não se mexe, nem respira,
Deixão de namorar-se os passarinhos
Para me ouvir chorar ao sôm da Lyra.

SONETO XXX.

V Oai , brandos Meninos tentadores ,
Filhos de Venus , Deoses da ternura ,
Adoçai-me a saudade amarga , e dura ,
Levai-me este suspiro aos meus Amores.

Dizei-lhe que nasceo dos dissabores ,
Que influe aos corações a Formosura ;
Dizei-lhe que he penhor da fé mais pura ,
Porção do mais leal dos Amadores.

Se o Fado , para mim sempre mesquinho ,
A outro offerece o bem , de que me affasta ,
E em ais lhe envia Ulina o seu carinho ,

Quando hum delles soltar na Esféra vasta ,
Trazei-o a mim , torcendo-lhe o caminho :
Eu sou tão infeliz , que isso me basta.

SONETO XXXI.

M Il Poetas enfáticos, e ufanos
 Pintando em verso natalicio dia,
 Fazem voar nas azas da Harmonia
 Aurea chusma de hypérboles, e enganos.

Dizem que, sobrepondo-se aos Humanos
 O objecto, que o furor lhes desafia,
 Ha de ver entre os risos da alegria
 Sua gloria sem fim, sem fim seus annos.

Desça a Mentira ao ultimo terceto
 Nos outros, que eu desejo-te saude,
 Mas seres immortal não te prometto.

Só rogo a Deos que, em premio da Virtude,
 Cada verso, que vai neste Soneto,
 A teu favor n'um seculo se mude.

SO-

*Ao Senhor Doutor Agostinho Gomes da Silveira,
 Advogado em Obidos.*

S O N E T O XXXII

Não dês, encanto meu, não dês, Armia,
Ternas lamentações ao surdo vento:
Se amorosa impaciencia he hum tormento,
Com lédas esperanças se allivia.

A rigorosa Mãi, que te vigia,
Em vão nos prende o lúcido momento,
Em que sôlto, adejando o pensamento
Sóbe ao cume da Gloria, e da Alegria.

As fadigas de Amor não valem tanto,
Como a doce, a furtiva recompensa,
Que outorga, inda que tarde, aos ais, e ao pranto.

Amantes estorvar que astucia pensa?
Tem azas o Desejo, a Noite hum manto:
Obstaculos não ha, que Amor não vença.

SONETO XXXIII

FAtaes memorias da traidora Alcina,
Daquella que encantou meu pensamento,
Se vos quero sumir no esquecimento,
Não o consente Amor, que me domina.

Que he da Razão, que as Almas illumina?
Porque não põe limite a meu tormento?
Ah! Que mal que a definem, se exprimento
Que não póde evitar-nos a ruina!

Do que estorvar não sabe ella murmura,
Deixando-me os effeitos perigosos
De amorosa, frenética amargura;

E inda são para mim menos penosos
Os horrores da minha desventura
Que a vista, que o prazer dos venturosos.

S O N E T O X X X I V .

O Ceo , de opácas sombras abafado ,
Tomando mais medonha a Noite fêa ,
Mugindo sobre as róchas , que saltêa
O Mar , em crespos montes levantado :

Desfeito em furacões o vento irado ,
Pelos ares zunindo a solta arêa ,
O pássaro nocturno , que vozêa
No agoireiro Cypreste além pousado :

Fórmão quadro terrível , mas acceito ,
Mas grato aos olhos meus , grato á fereza
Do ciume , e saudade , a que ando affeito.

Quer no horror igualar-me a Natureza ,
Porém cansa-se em vão , que no meu peito
Ha mais escuridade , ha mais tristeza .

SONETO XXXV.

OH-Terra, onde os seus dons, os seus favores
Derrama de áureo còfre a Natureza,
Que na Estação do gèlo, e da tristeza
Borda teus prados de verdura, e flores;

Oh Climas dos Heróes, e dos Amores,
Esmalte, e perfeição da Redondeza,
Tu, que abrigas em ti tanta belleza,
Tantos olhos gentis, e encantadores;

Tu, que do Grego errante, e cauteloso,
Da Mão, que ao nada reduzio Dardania,
Teas em teus campos Monumento honroso;

Delles todos, oh Patria, oh Lusitania,
O do Téjo he mais lédo, he mais viçoso:
Graças ao riso da celeste Armanis.

S O N E T O XXXVI.

Queimando o véo dos Séculos futuros
 O Vate accezo em divinaes luzeiros,
 Assim cantou, (e aos écos pregoeiros
 Exultarão , Sion , teus sacres Muros)

O Justo descera dos Astros puros
 Em deleitosos , candidos chuveiros ,
 As féras dormirão com os cordeiros ,
 Suaráo doce mel carvalhos duros ;

A Virgem será Mãi , vós dareis flores ,
 Brenhas intonsas , em remotos dias ,
 Porás fim , tôrva Guerra , a teus horrores.

Não , não sonhou o altisono Isaías.
 Oh Reis , ajoelhai , correi , Pastores :
 Eis a Próle do Eterno , eis o Messias.

SONETO XXXVII,

Sonho, ou vélo! Que imagem luminosa,
 Esclarecendo o manto á Noite escura,
 A meus olhos pasmades se afigura,
 Sopêa a tua dôr, Alma saudosa!

De mais vistoso objecto o Ceo não gozã;
 A clareza do Sol não he mais pura...
 Que encanta! Que esplendor! Que formosura!...
 Cahio-te hum Astro, Abóbada lustrosa!...

Sorrisos da purpúrea madrugada,
 Vós tão gratos não sois... ah! Como inclina
 A face para mim, branda, apiedada!...

Refulgente Visão, tu és de Ulina,
 Tu és cópia fiel da minha amada,
 Ou reflexo talvez da Luz divina.

S O N E T O XXXVIII.

EM verso tomeado ao som da Lyra
 Eu canto Amor, a Formosura eu canto:
 Por teus olhos gentis, que podem tanto,
 Arde meu coração, treme, suspira.

Audaz Competidor, esse que aspira
 De teus carinhos ao celeste encanto,
 Grosseiro, e carrancudo, infunde espanto,
 Da bruta Estupidez nas sombras gyra:

Ao vello assim, e ao ver minha antargura
 Mal que elle a ti dirige a vista acceza,
 Todos ao meu temor chamão loucura:

Ah! Vem d'alta razão minha tristeza:
 Não receio o Rival, temo a Ventura,
 Porque o póde vingar da Natureza.

SONETO XXXIX.

SE, victima da Ingrata, e do Tyranno,
Que fazem lastimosa a tua Sorte,
Ao pezo de frenetico transporte
Ceder teu coração, misero Elmano,

Se áquelle, que o teu mal contempla ufano,
Quizer seu Fado que o prazer lhe abôrte,
Se nas garras tambem da tôrva Morte
Conhecer que a ventura he doce engano;

Se o seu despôjo em fim se unir contigo,
Para que nem, oh triste, a paz possuas
Entre as eternas sombras do jazigo,

Zelosas desperrando as cinzas tuas,
Revôltas pelo horror, pelo odio anigo,
Hão de em negro montão fugir das suas.

S O N E T O XL.

Voaste, Alma innocente, Alma querida,
Foste ver outro Sol de luz mais pura,
Falsos bens desta vida, que não dura,
Trocaste pelos bens da eterna vida.

Por Deos chamada, para Deos nascida,
Já de vâas illusões vives segura;
Feliz a Fé te crê, mas a Ternura
C'o punhal da Saudade está ferida.

Desgraçado o Mortal, insano, insano
Em dar seu pranto aos Fados de quem mora
No Palácio do ethéreo Soberano!

Perdoa, Anarda, ao triste, que te adora;
Tal he a condição do peito humano:
Se a Razão se está rindo, Amor te chora,

SONETO XLL

JA de novo a meus olhos apparecem
A graça, o riso, as flores da Alegria,
Já na minha teimosa fantasia
Cuidados, que velávão, adormecem:

Co' a verdade illusões se desvanecem,
Qual foge o triste môcho á luz do dia;
Providente Razão, porém tardia,
Já sobre esta alma teus auxilios decem.

Como, céga Paixão, nos persuades!
Quando em Marcia não vi senão belleza,
Julguei que dava gloria ás Divindades;

Mas, de sacro fulgor c'o a mente acceza,
Nóto-lhe o coração, e as falsidades;
Vejo que faz injúria á Natureza.

S O N E T O XLII.

Nascemos para amar: a Humanidade
Vai tarde, ou cedo aos laços da Ternura;
Tu és doce attractivo, oh Formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade.

Enlêa-se por gosto a liberdade,
E depois que a paixão n'alma se apura,
Alguns então lhe chamão desventura,
Chamão-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves jubilos discorre,
Com esperanças mil na idéa accezas.

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre,
E, segundo as diversas naturezas,
Hum portia, este esquece, aquelle morre.

SONETO XLIII.

A Frouxidão no Amor he huma offensa,
Offensa que se eleva a grão supremo:
Paixão requer paixão, fervor, e extremo,
Com extremo, e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que differença!
Eu descóro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo,
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,
Em sombras a Razão se me condensa.

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
E antes que hum coração pouco amoroso,
Quizera vêr-te huma alma ingrata, e dura.

Talvez me enfadaria aspecto iroso,
Mas de teu peito a languida temura
Tem-me cativo, e não me faz ditoso;

S O N E T O XLIV.

AO crébro som do lúgubre instrumento
 Com tardo pé caminha o Delinquente ;
 Hum Deos consolador , hum Deos clemente
 Lhe inspira , lhe vigóra o soffrimento :

Duro nó pelas mãos do Algoz cruento
 Estreitar-se no cóllo o Réo já sente :
 Multiplicada a Morte ancêa a mente,
 Bate horror sobre horror no pensamentos

Olhos , e ais dirigindo à Divindade ,
 Sóbe , envólto nas sombras da tristeza ,
 Ao termo expiador da iniquidade.

Das Leis se cumpre a salutar dureza ,
 Sabe a alma d'entre o véo da Humanidade ,
 Folga a Justiça , e géme a Natureza.

SO-

*Ao Réo que foi conduzido ao Patibulo no dia 11
 de Julho de 1797.*

SONETO XLV.

Sobre o degrão terrível assomava
O Réo, cingido de funéreo manto :
Avezada ao terror, aos ais, ao pranto,
Da intrepidez a Morte se assombrava ;

No firme coração não palpitava
O precursor da Parca, o mudo Espanto ;
E, ufana de subir no esforço a tanto,
Hum ai a Humanidade apenas dava.

Mortal, que foste Heróe no extremo dia,
De idéas carrancudas, e oppressôras
Não soffreste o pavor na fantasia.

Co' as vozes divinaes, consoladôras
Só a Religião te embrandecia :
Fôras de ferro, se Christão não fôras.

SO-

As mesmo.

S O N E T O XLVI.

N Os torpes laços de Belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento,
E, forçada ao servil abatimento,
Contra os sentidos a Razão murmura.

Eu, que outr' hora incensava a formosura
Das que enfeita o Pudor gentil, e isento,
A já corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura.

Se a vejo repartir prazer, e agrado
A'quelle, a este, co' a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado.

Ceos! Quem me reduzio a tal baixeza?
Quem tão cégo me pôz? ... Ah! Foi meu Fado,
Que tanto não podia a Natureza.

SONETO XLVII.

P Erdi tudo, (ai de mim !) perdi Marfida ,
Marfida , a gloria minha , a minha amada :
Tenra flor , a Esperança malograda
Do mimoso matiz cahio despida.

Pede meu coração mortal ferida ,
Só aos ditosos a existencia agrada :
Vida entre angustias equivale ao Nada ,
No risonho prazer consiste a vida.

Eia , Amante infeliz , teu fim procura ,
Fantástico terror não te reporte :
Nos túmulos não reina a Formosura.

Diga triste letreiro a minha Sorte ;
Dai-me piedosa sombra á sepultura ,
Teixos , Cyprestes , Arvores da Morte.

S O N E T O XLVIII.

DA rama escura de lethal Cypreste
Em sonhos vi croada a bella Armia;
Alvas, mimosas carnes lhe envolvia
Da negra Morte a luctuosa veste;

Vagueava o meu Bem n'um ermo agreste,
Onde o môcho agoireiro se carpia,
Não tão meiga, e gentil como algum dia,
Mas inda conservava hum ar celeste.

Esta, que vês, (me disse em tom magoadado)
Que não crêste Mortal, mas Divindade,
He sombra vá, fantasma inanimado.

Eis, ferido de amor, e de saudade,
Grito, acordo, e seguio-se (oh duro Fado!)
A' funesta visão fatal verdade.

SONETO XLIX.

LA' onde o Fado impenetravel mora,
Vôa o Menino Amor entre os Amores :
Loureja a trança , que matizão flores ,
Scintilla o facho , que a Razão devora.

Entra , saúda o Nume , ao Nume implora
Que de Marilia os olhos tentadores
Vejão sempre ante as Graças , e os Louvores
De seus annos gentís surgir a Aurora.

Fronte rugosa vezes tres sacode
O Deos , cujo poder tudo atropelia ;
E ás súplicas de Amor dest' ante acode :

Escape ás minhas leis Marilia bella ,
Seja , seja immortal : durar não póde
O Mundo sem Amor , Amor sem ella.

S O N E T O L.

Quantas vezes, Amor, me tens ferido!
Quantas vezes, Razão, me tens curado!
Quão facil de hum estado a outro estado
O Mortal, sem querer, he conduzido!

Tal que em grão venerando, alto, e luzido
Como que até regia a mão do Fado,
Onde o Sol, bem de todos, lhe he vedado
Depois com ferros vis se vê cingido.

Para que ao nosso orgulho arazas córte,
Que variedade inclue esta medida,
Este intervallo da existencia á morte!

Trávão-se gosto, e dôr, socego, e lida:
He lei da Natureza, he lei da Sorte
Que seja o mal, e o bem matiz da vida.

SONETO LI.

Elmano, de teus mimos anhelante,
 Elmano em te admirar, meu bom, não erra;
 Incomparáveis dons tua alma encerra,
 Ornão mil perfeições o teu semblante;

Grangêas, sem vontade, a cada instante
 Claros triunfos na amorosa guerra;
 Thesoiro, que do Ceo vieste á Terra,
 Não precisas dos olhos de hum Amante.

Oh! Se eu pudesse, Amor, oh! Se eu pudesse
 Cumprir meu gosto! Se em Altar sublime
 Os incensos de Jove a Lilia dêsse!

Folgára o coração quanto se opprime,
 E a Razão, que os excessos aborrece,
 Notando a causa, relevára o crime.

S O N E T O L I I.

A Qui, onde arquejando estou curvado
 A' lei, pezada lei, que me agrilhôa,
 De lúgubres idéas se povôa
 Meu triste pensamento horrorisado :

Aqui não brama o Nôto anuveado,
 O Zéfyro macio aqui não vôa,
 Nem zune insecto aligero, nem sôa
 Ave de canto alegre, ou agoirado.

Expellio-me de si a Humanidade,
 Tu, Astro bemfeitos da Redondeza,
 Não despendes comigo a claridade :

Só me cercão Fantasmas da Tristeza.
 Que silencio! Que horror! Que escuridade!
 Parece muda, ou morta a Natureza.

SONETO LII.

DE nocturno, horroroso pezadêlo
Fui na mente sombria atormentado :
Inda palpito, da Visão lembrado,
Esfria o sangue, eriça-se o cabêllo.

Vi de hum lado a Desgraça impondo o stêllo
A's leis, que em damno meu creára o Fado,
Meus Males em tropel vi d'outro lado,
Ais dirigindo a Corações de gêlo.

Co'a Patria, Mundo, e Ceo me vi malquistado,
Ao longe a Gloria laureada, e bella
Ouvi dizer-me: „ de te honrar desisto ;

Tive a Morte ante mim tôrva, amarélla,
Furias, Manes; o horror não parou nisto :
Vi Nize, e o meu Rival nos braços della.

S O N E T O L I V .

Tão negro como a Turba, que vaguêa
Na margem do Cocito, á luz odioso,
O Bando de meus Males espantoso
No sepulcro dos vivos me rodêa.

Qual me abala os fuzis da vil cadêa,
Qual me afigura hum rótulo affrontoso,
Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso:
Eis de'les todos o que mais me ancêa.

Tomára reforçar pela amargura
Meu ser, que anda c'os Fados tão malquisto,
Tomára costumar-me á Desventura;

Esquecer-me do bem gozado, e visto,
Pensar que a Natureza he sempre escura,
Que he geral este horror, que o Mundo he isto.

SONETO LV.

Nize mimosa, como as Graças pura,
Amavel Nize, como as Graças bella,
Se inda em teus olhos me pertence aquella
Maviosa affeição, que fere, e cura:

Hum ai, penhor de candida ternura,
Envia ao Triste, que esmorece, anhéla,
Que, em ti cuidando, solitario véla
No seio antigo de masmorra escura:

Manda-lhe hum ai, meu bem, com elle affaga
Do ancioso Amante o coração ferido,
A quem mordaz saudade assanha a chaga.

Das minhas afflicções compadecido,
Nas azas côr de neve Amor o traga:
Pago será com mil hum só gemido.

S O N E T O LVI.

OH tu, que tens no Seio a Eternidade,
E em cujo Resplendor o Sol se accende,
Grande immutavel Ser, de quem depende
A harmonia da ethérea Immensidade!

Amigo, e Bemfeitor da Humanidade,
Do mesmo, que te nega, e que te offende,
Manda ao meu coração, que á dôr se rende,
Manda o reforço de efficaz piedade.

Oppressa, consternada a Natureza,
Em mim com vozes languidas te implora,
Orgãos do sentimento, e da tristeza.

A tua Intelligencia nada ignora,
Sabes que, de alta Fé minha alma acceza,
Té nas angústias o teu Braço adora.

SONETO LVII.

N As horas de Morfêo vi a meu lado
Pavoroso Gigante, enorme Vulto:
Tinha na mão sinistra, e quasi occulto
Volume em férrea pasta encadernado:

Ah! Quem és! (lhe pergunto arripiado)
Mereces o meu odio, ou o meu culto?
Sou (me diz) o que em sombras te sepulto,
Sou teu Perseguidor, teu Mal, teu Fado.

Corres, triste Mortal, por minha conta,
Mas ha de a meu despeito haver quem corte
A serie de tormentos, que te affronta;

Poder vem perto, que te mude a Sorte;
Lá tens o teu regresso: (e nisto aponta)
Olho rapidamente, e vejo a Morte.

S O N E T O LVIII.

B Em hajas, oh Morfêo; á fantasia
Que scena divinal me dêste agora!
Nize, qual sahe da Noite a grata Aurora,
Surgio-me d'entre as sombras da Agoaia:

Mais bello inda a Saudade me fingia
O gesto encantador, que os Ceos namora,
Cuido que inda me affaga, e que inda chora
Pranto, que morta flor viver faria.

Graças, oh Nume, de meus ais magoado,
Alta mercê meu coração te deve
Por este acinte, que fizeste ao Fado.

Só tua Divindade a tal se atreve;
Mas ah! Que eras prazer de hum desgraçado
Sempre mostraste, oh Sonho, em ser tão breve.

SONETO LIX.

NA acceza fantasia estou medindo
Os passos, e as acções da minha Amada,
Noto-lhe o puro cóllo, a mão nevada,
Os olhos divinaes, o gesto lindo:

Vejo-a com doces lagrimas sentindo
Minha acérba oppressão, de horror cercada,
E em torno da Belleza amargurada
As Graças soluçando, Amor carpindo:

A tudo quanto a vê, quanto a rodêa,
Té mesmo irracional, e inanimado,
Obriga a suspirar, commove, ancêa;

E de a ter com meus males consternado
Talvez lá na profunda Estancia fêa
Dê tambem algum ai meu duro Fado.

S. O N E T O L X.

O H vós, que lamentais de Elmano a Sorte,
Crendo na escura Terra o corpo frio,
E os Manes já sulcando o mudo Rio
Na barca immensa de geral transporte:

Sabei que o doce, inevitavel corte
Lhe foge da existencia ao ténue fio,
E que seria em vós dever mais pio
Chorar-lhe a vida, que chorar-lhe a morte.

Existindo agonisa hum Desgraçado:
Quem lagrimas nas cinzas lhe derrama,
Parece que o queria atormentado;

Vive, mas pela Morte Elmano chama,
Com suspiros Elmano implora ao Fado
Que seja voz de agoiro a voz da Fama.

SONETO LXI.

Qual o Itálico Heróe, o audaz Tancredo, (1)
 Pondo o Apóstata infame em vil fugida,
 Cahio no laço da fallaz Annida,
 Na confusa prisão, de mago entredo:

Tal eu, depois que enchi de opprobrio, e medo
 Os Zoilos, a Gaterva embravecida,
 Fui abysmado por Calumnia infida
 Nas ermas sombras de hórrido segredo.

Nem só nisto ao Heróe sou semelhante:
 Nize, e o voado Tempo na memoria
 São a minha Clorinda, o meu Argante.

Ah! Tu, que inda has de honrar a Lusa História,
 O meu Reinaldo sê, Varão prestante:
 Torna-me a Liberdade, o Mundo, a Gloria

SO.

(1) Tass. Gerus. Cant. 7, e 10.

S O N E T O L X I I .

MEus dias, que já forão tão luzentes,
Hoje da Noite opáca Irmãos parecem,
Meus dias miseraveis emmurhecem
Longe do gosto, e longe dos Viventes.

Horror das trévas, pezo das correntes
Olhos, forças me abatem, me entorpecem,
E apenas por momentos me apparecem
Rostos sombrios de intrataveis Entes.

Pagão-me da rugosa austeridade,
Antolha-se-lhe hum crime, hum attentado
Soffrer nos corações a humanidade.

Voai, voai do Ceo para meu lado,
Ah! Vinde, doce Amor, doce Amizade:
Sou tão digno de vós, quão desgraçado.

SONETO LXIII.

Victima do Rigor, e da Tristeza,
Em negra estancia, em carcere profundo,
O Mundo habito, sem saber do Mundo,
Como que não pertença á Natureza.

Em quanto pela vasta Redondeza
Vai solto o crime infesto, o vicio immundo,
Eu (não perverso) em pranto a face inundo,
Do grilhão supportando a vil dureza.

Mas no bojo voraz da Desventura,
Monstro, por cujas fauces fui tragado,
Em parte hum pensamento a dôr me cura :

O Infeliz (não por culpa, só por fado)
Naquelles corações, em que ha ternura,
He mais interessante, he mais amado.

S O N E T O L X I V .

A Quelle, que domina os Ceos brilhantes,
Artifice da Máquina estrellada,
Ante cuja Grandeza os Reis são nada,
A'tomo a Terra, os Seculos instantes.

O Deos, que contra os vicios negrejantes
Pela voz dos Trovões ao Homem brada,
Da misera Virtude atropellada
Vinga os tristes suspiros penetrantes.

Sem que o Mortal com lagrimas o peça,
Juiz imparcial, Juiz superno,
Na Causa do Innocente se interessa;

Manda-te resurgir do horror eterno,
Devorante Remorso: em ti começa
O supplicio dos Máos, dos Máos o Inferno.

SONETO LXV.

P Ara as sombras da Morte aqui me ensaio
Na habitação da culpa, e do desdoiro,
Lendo no mal presente o mal vindoiro,
Aqui choro, aqui tremo, aqui desmaio;

Por imagens fataes a idéa espraio,
Negreja n'uma, e n'outra infausto agoiro:
Febo! Oh Febo! Ai de mim! Teu sacro loiro
A frente não me escuda contra o Raio.

Sou victima de asperrima violencia,
Sem ter quem dos meus males se lastime
Neste horrivel sepulcro da Existencia.

Mas pezo dos Remorsos não me opprime:
A susurrante, a vil Maledicencia
De' erros dispersos me organiza o crime.

S O N E T O L X V I .

A Frente, que de loiro ergui cingida,
Ufana do louvor, e da innocencia,
Jaz (por effeito de horrida apparencia)
Curvada pelo opprobrio, e denegrida.

De mil gratos objectos guarnecida,
Rutilava a meus olhos a existencia:
Hoje, amavel Prazer, na tua ausencia
Parece aos olhos meus hum ermo a vida.

De quantas côres se matiza o Fado!
Nem sempre o Homem ri, nem sempre chora,
Mal com bem, bem com mal he temperado;

Os estados varião de hora em hora:
Sábio o Mortal, que em hum, que em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora!

SONETO LXVII.

EXcedo lustros seis por mais tres annos,
 Mas bem que juvenis meus annos seião,
 Já murchão de agonia, e já me alveião
 Não raros na cabeça os Descenganos.

Os Fados, meus Verdugos, meus Tyrannos,
 Que de Pandóra o cofre em mina despejão,
 Folgão de que os Mortaes nas cans me vejão
 Tristes amostras de frequentes damnos.

Parece que devia a Formosura
 Vingar-me dos Cruéis comigo irados,
 E da ternura o premio ser ternura;

Mas Nize (oh vãos extremos desgraçados!)
 Na trança infausta branquear procura
 O resto escuro, que escapou aos Fados.

S O N E T O LXVIII.

O Pezado Rigor de dia em dia
 Se apure contra nós, oppresso Amigo,
 Tolere, arraste vis grilhões contigo
 Quem contigo altos bens gozar devia.

Da nossa amarga Sorte, escura, impia
 Colha triunfos tático Inimigo,
 Sombra como a do lúgubre jazigo
 Nos cubra de mortal melancolia.

Custão fadigas a Virtude, a Gloria,
 Por entre abrolhos se caminha ao Monte,
 Ao Templo da honorifica Memoria.

Posto que hoje a Calumnia nos affronte,
 Inda serão talvez na longa Historia
 Dois nomes immortaes = Bocage, e Ponte =.

SO-

Ao Senhor André da Ponte Quental e Camara.

SONETO LXIX.

OH tu, consolador dos Malfadados,
Oh tu, benigno Dom da Mão divina,
Das mágoas saborosa medicina,
Tranquillo esquecimento dos cuidados:

Aos olhos meus, de prantear cansados,
Cansados de velar, teu vôo inclina,
E vós, sonhos de Amor, trazei-me Alcina,
Dai-me a doce visão de seus agrados.

Filha das Trevas, froxa Somnolencia,
Dos gostos entre o fervido transporte
Quanto me foi suave a tua ausencia!

Ah! Findou para mim tão leda sorte:
Agora he só feliz minha existencia
No mudo estado, que arremeda a Morte.

SONETO LXX.

DO Tempo sobre as azas volve o dia
 O ponto de meu triste nascimento :
 Vedado á luz do Sol este momento,
 Furias, com vossos fachos se alumia.

Nascido apenas, pavorosa Arpia
 Ao berço me voou, de imnuado valento
 Empestando o miserimo aposento,
 Eis me roga esta praga horrenda, impia :

Esteja sempre o bem de ti remoto,
 Vivas sempre choroso, amargurado,
 Dane teus dias o Destino inmoto.

Cahio-me a imprêcação do Monstro alado,
 Curto mil males, e entre sombras fioto
 Outros, com que me espera ao longe o Fado.

SONETO LXXL

Neste horrendo lugar, onde comigo
Geme a Consternação desanimada,
E parece que volta o Ser ao Nada,
Equivocados carcere, e jazigo:

Aqui, onde o Fantasma do castigo
Assusta a Liberdade agrilhoadá,
Tornão minha oppressão menos pezada
Mãos providentes de piedoso Amigo,

No Tempo infando, na corrupta Idade
Em que após o Egoismo as Almas correm,
E em que se crê fenomeno a Amizade,

Oiro, fervor, desvélos me sóccorrem
De hum Genio raro... oh doce Humanidade!
Tuas virtudes, tuas leis não morrem.

Do Senhor Antonio José Alvarca.

A' EXISTENCIA DE DEOS

O D E.

Extrahida do Poema da Religião de Racine.

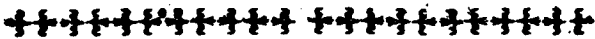
O Deos, a quem se deve a nossa crença,
 Mortaes, he Deos occulto;
 Mas oh! que irrefragaveis testemunhas
 Ante nós congregadas,
 Pelas quaes se revê a Gloria sua,
 A sua Omnipotencia!
 Respondei, Mat, e Ceo; responde, oh Terra;
 Astros, Mundos brilhantes,
 Que mão vos esparzio, vos tem suspensos
 Na ethérea Immensidade!
 Donde te veio, oh Noite, o véo lustroso?
 Ceos! Oh Ceos! Que grandeza!
 Que assombro! Que esplendor! Que magestade!
 Em vós, era vós conheço
 Quem milagres sem conto obrou sem custo,
 Quem nos vossos desertos
 As luzes semeou, como semêa
 Na terra o pó volatil.
 Oh Tocha do Universo, Author dos dias,
 Da Aurora annuciado!
 Oh Astro sempre o mesmo, e sempre novo!

A que mando obedeces,
orque preceito, oh Sol, dos Mares surges,
Restituindo ao Mundo
O raio amigo, a fertil claridade?
De teus lumes saudoso,
Cada dia te espero, e tu não faltas.
Ah! Sou eu quem te chama?
Sou eu talvez quem te regula o passo?
E a ti, Pélago horrendo,
Que em teu bojo voraz como que intentas
Absorver toda a Terra,
Que alto Poder no Carcere arenoso
Retem, constringe, enfraça?
Em vão forcejas, assanhado, e tórvo,
Para arrombar teus thuros:
Morrem na praia as espumosas furias.
Esses, cuja avareza
No teu seio traidor corre a punir-se,
Quando em serras, e abysmos
Ora os levas aos Ceos, ora aos Infernos,
Implorão-te clemencia?
De olhos fitos na Abobada celeste,
Na Fonte donde emana
Sobre os tristes Mortaes macio orvalho
De amor, e de piedade,
Invocão, suspirando, o Braço eterno,
Domador das Procellas,
Bradas naquelle extremo, oh Natureza,
E as vistas lhe diriges,
Guias-lhe as preces ao supremo Asylo,

As preces, o tributo,
 Que aterrados Espiritos não negão
 Ao Numen esquecido,
 Ou trocado atéli por mil quimeras.
 As vozes do Universo,
 Do assombrado Universo a Deos me chamão,
 „ Sim, a Terra o pregôa.
 „ Fui eu quem produzio, fui eu (diz ella)
 „ Quem compôz os matizes,
 „ Que a minha superficie aformosêão?
 „ Não fui eu, foi Aquelle,
 „ Aquelle, que assentou meus alicerces,
 „ A's mil necessidades,
 „ Que te vexão, Mortal, se logo acudo,
 „ Deos, he. Deos quem o ordena:
 „ Os dons, que me confere, a ti destina.
 „ Flores, com que me adorno,
 „ Vós da Mão lhe cahis sobre meu seio.
 „ O Creador, o Eterno
 „ Lá onde árida sou, e avara, e dura,
 „ Lá no escaldado Egypto,
 „ (Para que folgue a tímida esperança
 „ Do Cultor desejoso)
 „ Em prescripto momento ao Nilo acena
 „ Que trasborde, que inunde
 „ Meus campos; alongando-se das margens,
 „ E os orne, os enriqueça
 „ De doiradas espigas susurrantes.
 Assim se exprime a Terra,
 E encantado de orvilla, e contemplando

Tra-

Travados hũns com outros
 Por invisiveis, portentosos laços
 Milhões de Entes diversos,
 Que á Regra universal concorrem todos,
 Encontro, encontro em tudo
 A Lei, que os encadêa, a Mãe, que os liga,
 E do Plano sublime
 N'um júbilo sem termo, admiro, adoro
 A pasmosa Unidade.



AO ILL.MO, E EX.MO SENHOR

JOSÉ DE SEABRA DA SILVA,

*Ministro, e Secretario de Estado dos Negócios
 do Réino, &c. &c. &c.*

O D E.

F Antasmás do Terror, Socios funestõs
 Do queixoso Infortunio,
 Tristes combinações, verdugos d'alma,
 Já não sois meus Tyrannos.
 Descei, Filhas do Ceo, tomai-me a Lyra,
 Tomai-me o Dom sagrado;
 Meus dedos, quasi inertes de ociosos,
 Pelos canoros fios
 C'os Apollíneos sons de novo atinem,
 Achem

Achem de novo a Gloria.
 Celeste Viração, que a mente humana
 Fecundas, purificas,
 Estro brilhante, creador dos Hymanos,
 Dissipa imagens turvas,
 D'agra Tristeza desvanece o rasto
 No espirito do Vate,
 A' sombra dos Altares acolhido.
 A estrídula corrente,
 O pezo infamador aqui não sôa,
 Aqui não sôão mágoas
 Da vexada Innocencia lamentosa,
 Nem do Crime opprimido
 Atroz blasfemia desafia o Raio,
 Aqui reina a Virtude,
 A fagueira Piedade acode ao Pranto,
 Tempera a Desventura:
 Mais do que em todos neste Asylo angusto
 Como que estás soprando,
 Oh pura, salutar, vivificante
 Respiração de Jove!
 Já da semente, que afogavão medos,
 Surgem fructos viçosos,
 Em que os Heroes a Eternidade gostão,
 D'alma rebentão Versos,
 Versos que vão luzir, votiva offrenda,
 Da Gratidão nas Aras.
 Tu, Seabra immortal, meu canto acolhe,
 Como os ais me acolheste,
 Constrangendo a modestia, annúe ao voto.

No idioma de Febo
 Dá que em teus vivas minha voz se inflamme,
 Que das Musas o Alumno,
 Grato aos influxos da clemencia tua,
 A teu Character grande
 Padrões erija, que não rõe a Idade.
 Horas ha portentosas,
 Em que, da vil materia desatado,
 Sem que o desligue a Morte,
 Além da Natureza adeja o Vate:
 De encarar no Vindoiro
 O dom foi aggregado ao Estro santo,
 Para os Filhos de Apollo
 Privilegio não tem, nem véos, nem sombras
 O immutavel Destino.
 N'um igneo turbilhão correndo a mente
 Aos Penetraes eternos,
 Em laminas de bronze olhei teus Fados
 Com mudo acatamento.
 Dado me foi tambem colher Futuros
 Para amaveis Penhores,
 De que o doce Hymenêo te fez mimoso.
 He da Sorte decreto
 Que as Vergôntes gentis vicejem tanto,
 Como a Planta, que as nutre:
 Em não remota Idade ornando a Patria,
 Na Fama reluzindo,
 Heroes produzirão, que Heroes produzão.
 Não se allucinão Vates,
 Mil glorias te hei previsto á clara Estripe,

Bri-

Brilhará, como brilhas,
E de igual permanencia estão fadados
O Universo, e teu Nome.



O D E.

Impávido outra vez, Quintela egregio,
Vas pôr freio aos Tufões, dar leis aos Mares,
Do grande genio teu dobrar ao jugo
Carrancudas Procellas.

Rúem por terra as emperradas portas
Das Eólias; horrisonas Masmorras,
Que de hum fero encontrão, rugindo, arromba
A Caterva dos Euros:

Sôa o duro estridor das azas negras,
Nuvens a nuvens súbito se aggregão;
O Pégo se revolve, o Ceo gotêa,
Tinto da côr do Inferno:

Eis arde, serpeando entre os horrores
Da basta cerração, fulmíneo lume,
Eis pezados trovões o Pólo atrôão,
Os Nautas ensurdecem;

Nos

Nos crespos escarcéos lá surge a Morte,
 Em montanhas de espuma o Lenho affronta:
 Rasga celestes véos o aéreo tope,
 Roça no Averno a quilha:

Aos bravos Furacões, que não fraquejem,
 Grita o Deos do Tridente, e o Deos do Raio:
 Nos eixos nuta o Mundo á voz dos tórvos
 Irmãos omnipotentes:

Medrosa pallidez destinge as faces,
 Sopêa as forças, enregela o sangue:
 Já sobre as azas do Terror convulso
 Foge a murcha Esperança:

Em choro fragor mil preces tentão,
 Vbando, amollec de Jove as iras:
 Sanhudos Turbilhões c'oas amplas fauces
 Os votos extravião.

Sobranceiro ao pavor, Quintela em tanto,
 Contrastando os revóltos Elementos,
 Depois que exhaure, oh Arte, em vás industrias,
 Teus próvidos thesoiros,

Pela undosa braveza ao ver sem fructo
 Subtis combinações, subtis segredos,
 Reporre á sacra Lyra, ao Dom divino,
 Dom fecundo de assombros.

Rebentão d'entre as ondas marulhosas
 Namorados Delfins, os Ventos dormem,
 Desassombra-se o Pólo, o Mar se encurva
 A' potente Harmonia:

Ante o novo Arión, como encantados,
 Surdem verdes Tritões do equóreo seio;
 Assoma de Nerêo a ingenua Prole
 Nos Monstros escamosos.

Oh dádiva dos Ceos! Oh Lyra augusta!
 Para o digno Cantor, o exímio Vate
 Não corre o Tempo, não dimana o Lethes,
 Não ha segunda Morte.

AOS

*À Senhor Ignacia Quintela, Official da Mari-
 nha, e excellentes Poeta.*



A O S A M I G O S

O D E.

Imitada de huns versos de Mr. Parny.

J Azem desfeitos meus penosos ferros.
 Sócios fiéis, eis volto
 Liberto de afflicções aos vossos braços.
 Oh serena Amizade!
 Tu prestas, mais que Amor: seus váos favores
 São caros, são custosos;
 Já, já lhes disse a Deos, e lhes prefiro
 O néctar, que roxêa
 Em honra de Liêo nos vítreos cópos:
 Elle me extrahe, me apaga
 A memoria tenaz de acerbos males.
 Eia, Amigos, libemos
 Almo, rubro licor, que gera os risos,
 Os festivaes gracejos,
 Que espanca o frôxo medo, o pejo inerte,
 E as Musas desafia,
 E esperta o sangue ao Ancião rugoso.
 Dos prazeres da Terra
 He este o só prazer extreme, e puro,
 He de todos os tempos:
 Elle da perda de gentis Ingratas
 Tom, II. F Nos

Nos consola, e nos vinga
 Elle... ah triste de mim! Como he difficil
 Affectar alegria
 No seio da afflicção! Como he forçado,
 E semsabor o tiso,
 Se o pranto da tristeza acode aos olhos!
 Não mais, oh taça inutil,
 Licor infructuoso, ah! Longe, longe;
 E tu, séria Amizade,
 São, divino prazer, tu só não podes
 Contentar meus desejos.
 Ao tropel das Paixões, que lutão n'alma,
 Debalde impõe silencio
 As vozes da Razão, e as vozes tuas.
 Ai de mim! Tu lamentas,
 Choras os males meus, e a ti cumpria
 Acautelar meus males.
 Quando me vês cahido, a mão me offreces,
 A mão, que funda chaga
 Em vez de ma curar, tentêa, assanha.
 Vai-te, não me alumies:
 As luzes da Verdade Amor não soffre;
 Quer Amor que eu me illuda,
 Que, surdo á voz do Desengano austero,
 Que, desmentindo os olhos,
 Engane o pensamento em mil quimeras;
 Que, dos ferros curvado,
 Cante os prazeres, cante a liberdade,
 Que em suave transporte
 Mil sombras vãs na fantasia abrace,

Que

Que imagine venturas ...
 Entre as garras de aspérrimos Desgostos.
 Virão, virão remir-me
 Do cativeiro antigo esses momentos,
 Em que os Mortaes acordão
 De hum profundo lethargo, em que severa
 Na escuridão do Engano
 A próvida Razão menêa o facho,
 E em que aos olhos já claros
 Vôa, desaparece o falso encanto,
 O sonho dos Amores.
 Tu, Tempo estragador, batendo as azas,
 Arrebatas comigo
 As nossas propensões, os gostos nossos;
 Tu has de melhorar-me,
 Tu has de rematar minhas cegueiras.
 Então, fiéis amigos,
 Rôtos os ferros, sacudido o jugo,
 O coração de Elmano
 Tornará para vós, será qual fôra,
 Se o permitisse Armia.
 Sobre a vossa experiencia então firmada
 Minha usual fraqueza,
 Talvez cobre vigor, talvez evite
 O regresso damnoso,
 A fatal sensação de váos prazeres.
 Vós me vereis, com tudo,
 Volver para as paixões da fresca idade
 Olhos humedecidos,
 Gemer a meu pezar, córar de pejo

Co' a teimosa lembrança
 Dos delirios de Amor, e envergonhado
 Ter-lhe ainda saudades.



O D E S E N G A N O ,

Versos epódicos.

Assás temos cantado, assás carpido,
 Oh Lyra, oh doce Lyra,
 Os bens, e os males do commum Tyranno,
 Que nas almas derrama
 A dor, e o riso, o néctar, e o veneno.
 Longe a brilhante idéa
 De olhos fagueiros, de aneladas tranças,
 De angelicos sorrisos,
 De momentâneos, amorosos furtos,
 Longe a amarga lembrança
 De vis perjúrios, de crueis enganos,
 De traições estudadas,
 Longe as memorias da infiel Marilia.
 Feitiços perigosos,
 Verdugos da alterosa Liberdade,
 Tu, dom da formosura,
 Fatal aos corações, suave aos olhos,
 Tu, que em meus pensamentos,
 No arbitrio meu, despótico, imperavas,

Ty:

Tyranno, impõe teu jugo,
Teu férreo jugo na cerviz daquelles,
Que a sisuda Experiencia
Por entre pavorosos precipicios
Inda ao Templo remoto
Não guiou do proficuo Desengano.
Vencida a longa estrada,
Onde o Erro elevou montes, e montes
Para estorvar ao Homem
Sagaz instinto, que á Verdade o guia,
Vejo, saúdo os Lares,
Lares augustos do terrivel Nume,
Attento á voz do Afflicto,
Que ingénuas preces lhe dirige ás Arts,
Surdo a rógos fallazes
Do pego Escravo, que idolátra os ferros,
Liberdade implorando...
Que solidão, que plácida tristeza,
Que profundo silencio
Reina em torno do Alcáçar venerando!
Oh sacro Domicilio
Da Verdade immortal, que, tu n'um ermo!
Os teus atrios desertos,
Sem culto, sem Ministro os teus Altares,
Em quanto á vã Grandeza
Servil Caterva prostitúe incensos,
E a curvada Lisonja
Os crimes doira, os vicios abrilhanta!
Ah! Eu te vingó, oh Deosa,
Eu entro o franco pórtico espaçoso,

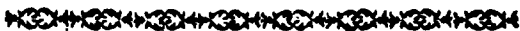
E ás Aias... mas que sinto!
 Que gêlo, que tremor, que sobresalto
 Me prende a voz, e a planta,
 Me abate as forças, me arripia as carnes!
 Coração, que te assombra?
 Que temes, coração? Perder Marília!
 Marília acaso he tua?
 Não maculou, traidora, os puros votos,
 Os ternos juramentos!
 Não viste a desleal sem dor, sem pejo,
 Cevar-se nos teus males,
 C'os lindos olhos em Fileno absórtos?
 Que importa que em seus labios,
 Seu lédo rosto, seu virgíneo seio
 Os Amores, e as Graças
 Presentem mil imagens deleitosas,
 Onde os sentidos nascem,
 Que importa, se a Traição surgio do Averno
 A corromper-lhe o peito?
 Que vale sem virtude a Formosura?
 Céde ao Tempo, á Desgraça:
 Do Espirito a belleza he sempre nova.
 Coração, triunfemos,
 Triunfemos da pérfida Marília,
 E se a Razão não basta,
 Vença a Vaidade o que a Razão não vence.
 Envergonha-te ao menos
 De seres só feliz, quando o permite
 O teu Rival soberbo,
 Que, enjoando os affagos importunos

Da perjura, que adoras,
 A's vezes com desprezo em ócio os deixas;
 E se a ti se dirigem,
 Não vem do coração, vem do costume.
 Eia, misero Escravo,
 Sacode o jugo, despedaça os ferros,
 A vaidade te anime:
 Quasi tudo o que he raro, estranho, illustre
 Da vaidade procede,
 Móvel primeiro das acções pasmosas.
 Tente-se a grande empreza,
 Fórcem-se os Fados... ai de mim! Palpitas?
 E em frequentes arrancos
 Como que exprimes o pavor da morte!
 Coração, não desmaies,
 Alenta-te, infeliz... porém que escuto!
 Que ruido, que assombro!
 Que resplendor me cerca, e me deslumbra!
 Tôrvos Dragões, batendo
 Azas de negra côr, com duro estrando,
 Se encontrão, se atropellão,
 E, quaes nocturnas aves, que amedrenta
 O clarão matutino,
 Espavoridos pelos ares fogem
 Ao fulgor scintillante
 De rubro facho, que na dextra enspanha
 Veneravel Matrona,
 Librada sobre os Zéfyrus plumosos!
 Ah! Quem és? Vens do Olympo,
 Portentosa Visão! Vens socoórer-me!

Ou

Ou és aéreo fructo
 Da enferma, delirante fantasia
 Que entre illusões vagueta?...
 Não, já me illuminaste a mente cega,
 Reconheço-te, oh Deosa;
 E's a Próle dos Céos, és a Virtude,
 Que no benigno seio
 Acolhes os meus ais, os meus remorsos,
 Indulgente á demora
 Que tive em demandar teu santo Asylo.
 Esses Monstros, voando.
 Anté o celeste resplendor, que espraías,
 São pungentes saudades
 Feias traicões, frenéticos ciumes,
 Que invisiveis tégora
 As cálidas entranhas me ralávão.
 Graças, oh Divindade,
 Que do sábio Varão mantens o esforço,
 Quando a voluvel Sorte,
 Inimiga do mérito, o sepulta
 Nas solitarias sombtas
 De profunda masmorra aferrolhada,
 Onde por mãos infames
 De aspérrimas correntes o carrega:
 Munido da innocencia,
 Comtigo ri o Heróe no cadafalso,
 Comtigo alegre observa
 Do carrancudo Algôz na mão terrivel
 O amolado cutélo,
 Executor de barbara sentença;

E contigo, oh Deidade,
 Oh alta Bemfeitora, encaro as portas
 Do formidavel Templo.
 Teu sagrado fervor de vêa em vêa
 Me agita, me transporta,
 Eu te sigo, eu te sigo... oh Ceos! oh Deoses!
 Já sou meu, já sou livre.
 Idolo falso, que de Altar profano
 Davas leis á minha alma,
 Recebias meus votos, meus incensos,
 Tributos da fraqueza;
 Aleivosa Marilia, horror, e affronta
 Té do tropel de ingratas,
 De astutas, de inféis, que o Mundo infamão,
 O escravo de teus olhos,
 A victima infeliz de teus enganos
 Já tem rôtos os ferros,
 Sôlta a vontade, o coração tranquillo.
 Como o Sol, quando vibra
 Na crystallina esfera os raios de oiro,
 Gasta, desfaz, consome
 Vapores, que exhalou, do seio a Terra:
 Tambem, fallaz Marilia,
 As luzes, que a Verdade em mim dardeja,
 Absorvem, de.vanecem
 A funesta illusáo, que na minha alma
 Te assemelhava aos Deoses.
 Ingrata, consumiráo-se os incensos,
 Retractáráo-se os votos,
 Foráo-se as oblações, e os sacrificios,
 Cahio o Altar, e o Nume.



A INSTABILIDADE DA FORTUNA,

Versos epódicos.

DE serenos Favonios bafejada,
 Alveja no horizonte
 Mansa Auróra, affagando a Natureza;
 Das libertas madeixas
 Distilla sobre a terra humor benigno
 A planta vivifica,
 Déspe o tenro jasmim no cális tenro,
 Ao Zéfyro anhelante
 Do espinhoso botão desprende a Rosa:
 A'ureas guias sustendo
 Aos activos Ginetes, Fébo assoma,
 Bate a cérula estrada,
 E estende pelos Ceos brilhante dia:
 Eis terrenos vapores
 Em miudas porções, que attrahe, que eleva,
 Aos puros ares sobem,
 Unem-se pouco a pouco, avultão, gyrão,
 A grata luz suffocão,
 E em rápidos chuveiros se derretem.
 Por entre várzeas lédas,
 Verdes collinas, florecentes prados
 O claro, o doce Téjo
 Susurra, ufano das arêas de oiro,
 D'alta vêa abundosa,

Mas,

Mas , quando mais audaz , mais amplo corre ,
 No salgado Oceano
 Perde o sabor , o cabedal , e o nome.
 Sobrepujando ás nuvens ,
 Torre alterosa os seculos affronta ,
 Com rigido alicerce
 Carréga , escóra no profundo Avérno ,
 Qual do oppresso Gigante
 Péza nos hombros o estrellado Olympo :
 Súbito brama , estoira
 Ar comprimido no interior da Terra :
 Desordena-se a baze ,
 A assombrosa Babel se desconjunta :
 Sôa a terrivel quéda ,
 N'um baque se desfaz o ingente orgulho.
 Crespo , enórme Rochedo
 Rebate as Vagas , que a tragallo investem :
 Ronca de injuriado
 O Pélago arrogante , as furias dóbra ,
 Multiplica os assaltos ,
 Recréscem Ondas , e o Penedo illeso.
 Nisto do seio escuro
 Da procellosa nuvem rebentando
 I'gnea Frécha , seguida
 De horrisono Trovão , dá sobre a Rócha ,
 Em pedaços a espalha :
 O que não pôde o Mar , lá pôde o Raio.
 A' temerosa fronte
 De bravos Esquadrões , ardendo em sanha
 Qual tu , Numen da Guerra ,

Frenético Mortal insulta a Morte;
 Por entre espessa chuva
 De fervidos peloiros, que sibilão,
 Corre, vozêa, ataca,
 Rompe, abate, destroe, e em fim triunfa.
 Ei-lo em carro pomposo,
 Tirado por miserrimos Despójos
 Da sanguenta victoria,
 Por seus Iguaes, que afflictos, prezos, curvos
 Ao jugo vergonhoso,
 No pó, no pejo envoltos, suão, gémem.
 Lá volve ao duro officio
 O Flagello, o Terror da Humanidade,
 D'ante mão se gloria
 Dos novos loiros, que já crê que apalpa:
 Engana-se o Perverso,
 A Ventura cançou de honrar-lhe os crimes.
 Lá se atêa o conflicto,
 O bárbaro Guerreiro arqueja, e fêrve,
 Contra as armas adversas
 Punge o Bruto veloz, que ardido espuma.
 Assassino adornado
 Do titulo de Heróe, não vês, não sentes
 Os Ministros da Morte,
 Os hórridos Fantasmas, que te seguem?
 Lá o assalta, o rodêa
 Raivosa Turba hostil, pezados golpes
 Chovem sobre o Tyranno;
 Lida em vão, perde o ferro, em rubro lago
 Se revolve na terra:

Ex-

Exulta, Natureza, o Monstro expira.
 Nada tem permanencia,
 Caprichos da Fortuna alterão tudo.
 Musas inspiradôras,
 Graças mimosas, candidos Amores
 Almo prazer me dêrão;
 Fitos em Nize o coração, e os olhos,
 N'um extasis suave
 Puz em doce alliança 'a voz, e a lyra;
 Da famosa Ulisséa
 Os Córvos atterrei, fui grato aos Cysnes:
 Hoje, sumido á Gente,
 A' luz vedado em carcere medonho,
 Nem parece que existo.
 Réo me pública opinião potente,
 Triste labéo me afféa;
 Perdi a minha Nize, a gloria minha,
 A minha liberdade.
 Remotos estes bens, que bem me resta?
 O maior, a constancia.



E L F I R A,

IDYLLIO FARMACEUTRIO, ou MÁGICO.

O Duro inverno as arvores despia,
 Pelos cumes da serra branquejavão
 As néveas cans ao túrbido Janeiro;

Lo-

Lodoso o rio, em rápida torrente
 Excedendo as barreiras pedregosas,
 Dos campos destruiu o verde ornato;
 Relampago fugaz crestava os ares,
 Fendia o negro bojo ás altas nuvens
 Co' a momentanea luz, que a espaços doira
 O procelloso horror; de quando em quando
 Sentia-se o trovão roncar ao longe:
 Envôlta n'um cerrado, escuro manto,
 Estava semimorta a Natureza.
 Já por entre o crepúsculo soltava
 A estrella occidental seu frôxo lume,
 Já da Ciméria cóva a Mãi das sombras
 Vinha no carro de évano esparzindo
 Silencio, confusão, pavor, cegueira,
 Vinha com denso véo, das mãos pendente,
 Dando prazer a amor, lugar ao crime.
 Eis saúda Lorrêo a amiga Noite,
 Lorrêo sumido em húmida caverna,
 Em subterranea abóbada gretada,
 Onde, oh Lua, onde, oh Sol, depois de haveres
 Vingado o cume azul dos Ceos brilhantes,
 Pelas fendas do tecto entraes a medo,
 (E onde agora a profunda escuridade
 Mantem a densidão, o horror sustenta
 Entre desmaios de cerúlea véla,
 Cujo avaro clarão sabe d'hum recanto,
 E parece, a tremer, que receoso
 Está da Habitação, ou do Habitante.)
 Teus preceitos fataes elle professa,

Sciencia horrenda ao Mundo, ás Fúrias grata,
Sciencia atroz, que os A'quillos enfrêas,
Que ora em rasa campina o mar convertes,
Ora em montes de espuma aos Ceos o elevas,
E, revogando as leis ao Fado, á Morte,
Do seu carcere eterno os Manes sóltas.
No duro chão do lóbrigo aposento
Mistas em bando o Mágico rodêão
Tristes aves de agoiro: a preta Gralha,
Tu, Môcho velador, tu, Corvo infesto;
A Víbora mordaz alli serpêa,
O negro Sapo immundo aos pulos berra,
Alli se aninha o lânguido Morcêgo,
E alli, á varia Turba presidindo,
O Mestre insigne das Tartáreas artes
Revolve agora os mágicos mysterios
Na mente absôrta em lúgubres idéas,
Murmura agora os hórridos conjuros,
Os versos, a que annúe a estygia Deosa.
Indo principiar seu rito infando,
Tres vezes lhe estremece o lar medonho,
O pállido carão se lhe affoguêa,
Aos olhos côr da noite os lumes tórce,
Carrega hum tanto o ríspido sobrolho,
Erriça-se-lhe a grenha, arqueja, espuma,
Vibra a vara efficaz, e açoita os áres,
Susurra, bate o pé. Súbito a chusma
De aves, e bichos pávida emudêce.
Vendo em silencio tudo o féro Mago,
Nos Astros embebido, assim se exprime:

A'u-

Aureas Estrellas , que inspirais na Terra
 Diversas condições , diversos Fados ,
 Do influxo , que de vós se desencerra ,
 Hoje os encantos meus sejam tocados.

De Amor , que anda comigo em dura guerra ,
 Os farpões adoçai , no Inferno ervados ;
 Meus Destinos vencei crueis , e adversos :
 Astros potentes , ajudai meus versos.

Tríplice Deosa , oh Hécate , oh Consorte
 Do tórvo Rei , que o Bárathro governa ,
 Vós , Manes , vós , Euménides , tu , Morte ,
 Que vos cevais no horror da sombra eterna ;
 Minos , e os dois Irmãos , a quem por sorte
 Coube exercer do damno a lei superna ,
 Punir traidores , aterrar perversos ,
 Sede-me attentos , escutai meus versos.

Tu , que as luzes de Fébo , oh Cynthia , aclarão ,
 Hoje o teu quinto gyro estás fazendo ,
 Hoje do seio maternal brotarão
 Plutão , e as Filhas de Acheronte horrendo ;

E os que sérras de sérras carregarão ,
 Sacrilegos aos Ceos arremetendo :
 Este dia fatal o encanto aspira.
 Triunfai , versos meus , da ingrata Elfira.

Tyranna, por quem são meus males tantos,
Quantas arêas volve o mar consigo,
Por quem vou desfazendo em ais, e em prantos
O coração, que em ti não acha abrigo,
Podendo sujeitar-te a meus encantos,
Só de humilde brandura usei contigo,
Mas já que hum doce amor em vão suspirá;
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Peito, a ferinos peitos semelhante,
Rebelde á Natureza, hoje veremos,
Se o que não podem lagrimas do Amante
Podem do iroso Mágico os extremos.
Tolher não has de que a victoria cante,
Com forças desiguaes vencer queremos:
Eu com versos, e amor, tu só com ira.
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Segredos murmurando o Mago astuto,
A Lua arranca da azulada Esfera,
Reclama as Almas a Charonte hirsuto,
Da vasta Natureza as leis altera;
Das tres gargantas adormenta o Bruto,
De sombras cobre o Sol, no Averno impera:
Mesmo aos Ceos, quando quer, terror inspira.
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

As regras, que estudei co' a Fada Olena,
 Vinguem minha paixão, e o teu desprezo;
 Dois ramos de cypreste, hum de verbena
 Queimo no enxôfre de repente accezo:

Ao mocho agoirado tiro huma penna
 Junto da cauda, e pelas azas prezo,
 Agora, o cresto na sulfúrea pyra.
 Céde a meus versos, desdenhosa Elíra.

Deste apertado círculo no meio
 Ponho a sinistra mão, depois o apago;
 Tres vezes para traz aqui passeio,
 E debaixo dos pés tres rás esmago;
 Raspo esta pedra, que do Ganges veio,
 Trazida por Fatino, illustre Mago:
 Insoffrivel calor de si transpira.
 Céde a meus versos, desdenhosa Elíra.

Esta figura, que em metal gravada
 He de audaz Campião, que hum Trigte aterra,
 Esta figura, Talisman chamada,
 Mil virtudes sympathicas encerra.

Bem como a fera aqui representada
 Se reáde ao bravo Heróe, cahindo em terra,
 Renda-se-me a cruel, o encanto a fira:
 Céde a meus versos, desdenhosa Elíra.

Lidal, Artes venéficas. Eis nesta
 Já morna decocção da dormideira
 Tres vezes de hum morcego alago a testa ;
 E cahirá dormindo á vez terceira.

Misturo cinco folhas de giesta
 Com a flor amarella, que não cheira ;
 E súbita fragrancia ei-la respira.
 Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Como esta cera se derrete ao lume
 O rijo coração de Elfira escaça,
 Adorando o poder do Idálio Nume,
 Em lagrimas piedosas se desfaça.

Como arde esta resina, este betume,
 Como se afferra aos dedos esta maça,
 Preza, ardendo por mim, quem já te víra !
 Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Encravo de urso preto as duras garras
 Na garganta loquaz de corvo antigo ;
 Fazendo verdejar tres seccas parras,
 Elfira ? Inda não vens ? (com ancia digo.)

Tórro na quente cinza estas cigarras,
 De aréca (1) tres porções depois mastigo,
 Fructo que a corrupção prohibe, ou tira.
 Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

G ii

Qual,

(1) Aréca, fructo da Araqueira, planta da Índia.

Qual, pungido da sede, em pouco espaço
Vôa o rápido cervo á fonte amena,
Caminhes tu, meu bem, com leve passo
A mitigar meu pranto, e minha pena...

Mas Ceos!... Eu vejo Elfira!... Elfira abraço!...
Eis, eis dos olhos seus a luz serena:
Ah! Menos conseguiste, Orfêo, co' a lyra.
Não mais, encantos meus: cedeo-me Elfira.



A R M I A,

I D Y L L I O.

INTERLOCUTORES:

ELMANO, JOSINO.

J O S I N O.

SAlve, meu caro Elmano, em fim, voltaste
De Scálabis (1) aos campos, onde outr' hora
Cantando os versos teus, nos encantaste.

Porém que avesso te diviso agora
Do que estavas então! Fere-te o peito
Interna mágoa, que se vê por fóra.

Pas-

(1) Santarem.

Pastor, ás Musas, e á ternura affeito,
Que mal te aconteeço? Talvez padeces
O de amor, a que tudo está sujeito?

Elmano, o antigo Elmano ah! não pareces:
Conta-me, por quem és, o teu desgosto:
Quanto o devo sentir já tu conheces.

ELMANO.

Banhai-me sempre, lagrimas, o rosto,
Té que este corpo misero, e cançado
Tenha na fria sepultura encosto.

Choremos, coração desenganado,
Chorai, Ninfas gentis, gentis Amores,
Com lagrimas de sangue o nosso estado.

Oh Ceos! Oh rio! Oh arvores! Oh flores!
Eis o mais consumido, o mais saudoso
Entre a turba infeliz dos Amadores.

JOSINO.

Refrêa o terno pranto copioso,
E c'um peito fiel reparte, amigo,
Damnos, que te grangea o Fado iroso.

Se és qual foste , qual fui , qual sou contigo ,
 Dize-me a tua mágoa , o teu segredo ,
 Que no meu coração terá jazigo.

Como que nos acena este arvoredor ,
 Movendo-se tão manso , que parece
 Estão soprando os Zéfyras a medo.

Sentemo-nos : contado o mal decrece ,
 A queixa he natural , e a filoméla
 No raminho cantando , a pena esquece.

Imita , meu Pastor , o exemplo della ,
 Do peito amargurado a voz desata :
 Que Pastora te afflige , ingrata , e bella ?

ELMANO.

Pastora bella sim , mas não ingrata
 Dá motivo a meu pranto , a meu tormento ,
 Não mata de rigor , de amores mata.

No momento , em que a vi , (fatal momento !)
 Para seus olhos meigos me voarão
 A vonade , o prazer , e o pensamento.

Elles a noite carrancuda acclaração ,
 Nelles as Graças vivem , nelles morão
 Os que ardentes farpões em mim disparão.

Del-

Delles o Ceo , e a Terra se namorão ,
Serenos como as agoas em remanso ,
Lindos no gosto , e lindos quando chorão .

Dei por elles meu siso , e meu descanso ,
Custão-me esta saudade , esta agonia ,
E os ais , que sem proveito aos ares lanço .

JOSINO.

Torno a dizer , se extremos de algum dia
Inda te não passarão da memoria ,
Claramente de mim teus males fia .

Desse queixoso amor a inteira historia ,
Dando-te a dôr lugar , saber quizera :
Crê que a ninguem por mim será notoria .

ELMANO.

Se da amizade a força me não dera
Causa , oh Josino , a declarar qual ando ,
Tambem meu mal por mim ninguem soubera .

Lá onde o Téjo teu , que vai manando
Tão claro para o mar , se dana , e torna
Em salgado , e feroz de doce , e brando ,

Vasta planicie de arvores se adorna
Junto de hum fresco valle , onde sereno ,
Murmurante cristal no chão se entorna .

Dos

Dos Arroios se chama o valle ameno,
Além delle o casal tem n'um recosto
Armia, por quem ardo, e por quem peno.

Ella, e Felisa em voz, em modo, em rosto,
Em tudo, sendo Irmãs, differem tanto,
Como em calor differe Abril de Agosto.

A fama, que por lá ganhei no canto,
Os meus laços teceo, guiou-me hum dia
A' minha desventura, ao meu encanto.

De ouvir-me curiosa, a Mãi de Armia
Roga a dois Socios meus, Montano, e Fido,
Me levem ao casal, onde vivia.

Segui-os, fui, olhei, fiquei perdido
De amores, e desejos por aquella,
Que nunca fugirá do meu sentido.

Descancei mansamente os olhos nella,
Mudo lhe expuz meu mal, e a vi, e achei-a
Fagueira, maviosa, além de bella.

Já leda nos meus versos se recreia,
Minha lyra lhe apraz, e em meus louvores
Não soffre se anticipe a lingua alheia.

Calados , mas dulcissimos favores
Desfructo do meu bem , e ambos sentimos
Os brandos corações arder de amores.

Ligados desde a hora , em que nos vimos ,
Fomos passando o tempo em doce estado ,
Em furva ternura , e cautos mimos.

Da Mãi , e Irmãos de Armia era prezado ,
(Irmãos , porque esquecia o moço Anselo ,
Que sempre então me desejava ao lado.)

Porém tu , da innocencia atroz flagello ,
Tu , oh Calumnia vil , n'um fero instante
Nos foste malograr tanto desvelo.

Ditoso neste amor igual , constante ,
(Turbado ás vezes só pelo ciume ,
Necessaria pensão do peito amante.)

Davamos termos ais , e algum queixume ,
Sem reccar mudanças da Ventura ,
Vária por genio , vária por costume.

Eis se arma em nosso damno , eis se conjura
Contra a nossa alegria hum maldizente ,
Tão mrdaz como as feras da espessura.

Pessima produção de má semente,
Infimo Pegureiro, o vil Domicio,
Que dalli longo tempo andára ausente.

Era, por compaixão, por beneficio,
Acceito, recebido, agasalhado
Nos lares, onde Amor me foi propicio.

Em baixas cantilenas mal versado,
A's vezes, mas de balde, usar queria
Das Musas immortaes o dom sagrado.

Este, pois, com sagaz aleivosia
(Sem que jámais de mim provasse offensa)
Hum seductor me finge á Mãi de Armia.

Ella acredita o Monstro, em raiva intensa
Arde contra a paixão, que em nós conhece,
Olha-nos já com rispida presença.

Claro de dia em dia o tedio crece,
Converte-se em rigor o affago d'antes,
Tudo nos desampara, e nos empece.

Nós, desvalidos, miseros Amantes,
Com disfarces em vão cegar queremos
A cuidadosa Mãi, e os circumstantes.

Todos a nosso amor contrarios vemos;
 Comigo desleaes Montano, e Fido
 Condemnãõ quaes delictos meus extremos.

Para tormentos mil eu fui nascido:
 Quiz soffrer o pêor, sacrificar-me
 A'quella, que me tinha alli rendido,

A' furto não deixava de amimar-me,
 Dizendo-me: „ tolera a Mãi raivosa,
 „ Até que o Tempo as furias lhe desarme.

Mas vendo, a seu pezar, minha alma anciosa
 Que de alguns dons, que devo á Natureza,
 O desconto me faz Fortuna irosa,

Ousado me arrojé a estranha empreza,
 Fugi subitamente ao caro objecto
 Para evitar-lhe a maternal dureza.

No peito a dor, e a pallidez no aspecto,
 Morrer longe de Armia amante, e bella
 Era ao principio meu feroz projecto;

Mas o fervente amor, que me desvela,
 Me disse ao coração que não perdesse
 A gloria, o bem de padecer por ella.

A' morte eu antepuz este interesse :
 (Se alguém a si prefere a sua amada ,
 O fiel , o estremado amante he esse.)

Em fugir ao meu bem vi requintada
 Esta acceza paixão , que me transporta ,
 Paixão que he tão leal , quão desgraçada :

E dado todo á magoa , que me corta
 O triste coração , sem tino a mente ,
 Com alma esmorecida , ou quasi morta , (1)

Deixo aquelles contornos de repente ,
 Desertos , solidões achar desejo ,
 Onde as aves da Noite andem sómente.

Mil vezes canço , vezes mil forcejo
 Por caminhar no mato , onde me entrenho ,
 E em fim (sem saber como) aqui me vejo.

JOSINO.

Com lagrimas as tuas acompanho ,
 Mas a quem , meu Pastor , conhece o Mundo
 Nenhum mal como o teu se faz estranho.

A sólida experiencia , em que me fundo ,
 Bravezas das paixões em mim quebranta ,
 Salvando-me de hum peço tão profundo.

Amor

(1) Imit. de Ferr. na Castr.

Amor nos multiplica, e nos encanta,
Docemente ligado á Natureza,
Os Homens, os Mortaes ao Ceo levanta;

Mas se influe o prazer n'uma alma acceza,
A's vezes, todavia, em nós se afferra,
Qual monstro de ímpia garra, aguda preza.

O velho Auliso não treslê, não erra
Em dizer, e affirmar que amor he fogo,
Fogo devorador de toda a Terra.

Mas cumpre haver, Elmano, hum desafogo;
Hum corte nas paixões. Valor, constancia,
Não chores, cahe em ti, céde a meu rogo.

Os males diminue a tolerancia:
De amor o activo incendio se modera
C'os auxilios do tempo, e da distancia.

Attento neste prado, a dor tempera,
Vê como brilha na planicie amena
A vistosa estação da Primavera:

Olha a corrente como vai serena,
Ouve quão branda pelos ares sôa
Das aves a amorosa cantilena.

ELMANO.

Primeiro que este mal , que me magôa ,
 Cesse de me affligir , serão gostosos
 Os éccos do trovão , que o Mundo atrôa :

Serão sem graça os passaros mimosos ,
 As Estrellas sem luz , sem pranto a Aurora ,
 Bravos os cabritinhos boliçosos.

JOSINO.

Não te quero opprimir , prantêa embora ,
 Mas em penhor de affecto ao puro amigo
 Ao menos hum prazer concede agora.

Acompanha meus passos , vem comigo ,
 Que já são horas de acolher-se o gado.

ELMANO.

Sim , Josino fiel , eu vou contigô ,
 Mas soffre lamentar-se hum desgraçado.

ULI-

Esta Idyllio , como verá o Leitor versado nisso ,
 he escrito no estylo de Fernão Alvares do Oriente.



U L I N A ,
 IDYLLIO PISCATORIO.

DE Pedroços na praia extensa, e fria
 Quando, extinguindo os Astros, apontava
 No córado Horizonte a luz do dia,

Sózinho hum Pescador se lamentava,
 Em quanto na tenaz fateixa prezo
 Seu batel sobre as ondas fluctuava.

De amores o Infeliz perdido, accezo,
 Derretia-se em lagrimas queixosas,
 Provando amarga dor, cruel desprezo.

Ulina, Irmá das Tágides formosas,
 E inveja das Irmás, a bella Ulina
 Lhe motivava as ancias lassimosas.

Em seus olhos gentís, com que domina
 Rendidos corações Amor tyranno,
 Em sua linda face, e voz divina

Perdêra a liberdade o terno Elmano:
 (Assim se nomeava o triste Amante,
 Que inda não cedia ao desengano.)

Oh

Oh tu (clamava o cego, o delirante)
Filha das ondas, como as ondas pura,
E tambem como as ondas inconstante!

Que mal te fiz, que mal? Porque tão dura
Negas doce attenção, doce piedade
Aos ais de amor, aos prantos da temura?

Se és Prole de Nerêo, se és Divindade,
De fêa ingratidão como te infamas,
Vicio que enche de horror a Humanidade?

Que premio dás ao coração, que inflammas!
Teu prazer, teus amores me chamaste,
Teu odio, teu desgosto hoje me chamas.

Risos, e affagos em desdens trocaste,
Risos, e affagos mil, com que os sentidos,
Com que os livres sentidos me enlaçaste.

Meu canto foi suave a teus ouvidos,
Hoje aos ouvidos teus sómente he grato
O rouco, inutil som dos meus gemidos.

As lagrimas de amor, que em vão desato,
Amarguras, que em miseros clamores
A' Terra, ao Vento, ao Mar, e ao Ceo relato,

Dobráo-te as iras, cevão-te os rigores ;
E debalde a teu lado estão carpindo ,
Chamando-te á piedade os nús Amores :

De seus ais , de meu mal tu , ímpia , rindo ;
Tens por timbre , por gloria a tyrannia ,
Manchas c'um genio fero. hum rosto lindo.

Noite mais clara para mim que o dia
Minha prizão forjou , quando eu folgava
No regaço da paz , e da alegria.

Ferindo a lyra , ao ar meus versos dava
Nesta lustrosa praia : a branda Lua
Lá no cume dos Ceos então brilhava .

Eis sobre as agoas límpidas fluctúa
Das Nynfas o Tropel , e Amor me offrece
O sereno esplendor da face tua ;

Confusamente aos olhos me apparece
Entre as mais , e hum sagaz presentimento
De todas por melhor te reconhece ;

Levaste-me na voz o pensamento ,
Sendo, oh Nynfa , o momento de escutar-te
Da minha perdição fatal momento.

Vieste sobre a margem reclinar-te,
Jurando que meus sons encantadores
Podérão d'entre as ondas arrancar te'

Absorto me deixárão teus louvores,
E o ver das bellas Nynfas a mais bella
Mover-se á rude voz dos Pescadores.

Que noite para mim, que noite aquella!
Tempo, que tudo estragas, e devoras,
Ah! não me roubes as memorias della.

Horas do meu prazer, benignas horas,
Ao menos consolai na idéa hum triste,
Tende sequer fantasticas demoras.

Oh Ceos! Com quanto júbilo me ouviste,
Minha adorada Ulna, e quão mimosa
Que volvesse a teus olhos me pediste!

Que vezes nesta praia deleitosa
(Que, ufana de gozar teu meigo rosto,
Mais fresca se tornava, e mais formosa.)

Pintaste em brando olhar o amor, e o gosto!
Vieste, encanto meu, lograr comigo
As amenas manhãs do claro Agosto!

Ven-

Venturas, que idolatro, e que não digo,
Altas venturas, em que trago a mente,
O carinhoso Amor me deo contigo.

Ah! Que nunca o prazer foi permanente;
Arremeda ao relampago a alegria,
He tão fugaz como elle, e tão luzente.

Quando serenas glorias possuia,
E erguido ao Ceo de Amor meu pensamento;
Do térreo Mundo vil já nada via,

Agros zelos traçarão n'um momento
A minha desventura, e quiz a Sorte
Fartar-se nos meus ais, no meu tormento.

Qual súbita rajada aguda, e forte
Que ao ledo, ao descuidado Navegante
Esperança, e baixel destroe co'a morte:

Tal para meu amor foi outro Amante,
Que, por ti, Nynfa ingrata, olhado apenas;
Vio terno acolhimento em teu semblante.

Desde então me aborreces, me condemnas
Do desdem, do ciume, e da saudade
A's negras afflicções, ás duras penas.

Horrenda , cárrancuda tempestade ,
Que rebenta nas rochas , e ennegrece
Dos Mares , e dos Ceos a claridade ,

A' que tolero em mim não se parece :
Em breve aquella affroxa , e se abonança ,
Nesta de dia em dia a furia crece .

Más oh cruel , tristissima lembrança !
Se ao menos de outro o merito murchasse
A meus vivos desejos a esperanza ,

Se outro , digno de ti , me despenhasse
Neste abysmo de horror , nesta agonia ,
E os prazeres em flor me desfolhasse ,

Desculpára a traição , a aleivosia ,
A soberba , o desdem , com que me trata ,
Quando fagueiro amor te merecia ;

Porém de puros laços te desatas ,
E n'um sordido nó tua alma prendes ,
Exemplo das crueis , e das ingratas .

Fosse Rival abjecto , a quem te rendes ,
Não sabe em molle verso harmonioso
Cantar-te as perfeições , com que me accendes ;

Não

Não he constante, fêrvido, extremoso,
Pranto de amor aos olhos não lhe acode
Não conhece o que vale hum ai piedoso :

As redes, e os anzóes apenas póde,
Introduzir no mar co' a mão bisonha,
E a isca preparar, que o peixe engode.

Oh quanto me envilece, e me envergonha
Esta amargosa idéa ! Oh Ceos ! E he crível.
Que Ulina hum torpe Amante me anteponha !

Cinme abrazador, paixão terrível,
Deixa-me, ou tu, Razão, Razão sagrada,
Presta-me auxilio, torna-me insensível.

Na mente por Amor incendiada
Apaga, desvanece-me os encantos,
As graças, e o poder da minha amada ;

Rompe-me hum jugo tão penoso a tantos,
Corre . . . mas ai de mim ! que em vão te implorô ;
E's surda a minhas preces, a meus prantos.

Não, não me attendes, e a infiel, que adoro,
Se paga, e se gloria, e se recrêa
Com as perdidas lagrimas, que choro.

Oh

Oh tu, que lambes a ditosa arêa,
Onde gozei mil gostos, mil favores,
Mar, que a muda bonança agora enfiêa,

Propicio á minha dôr, e a meus clamores,
Sacode a mansidão. Tu, Rei dos Ventos,
Teus Monstros sólta, excita-lhes os furores;

Travem raivosa guerra os Elementos,
Em quanto no alto Pégo a sepultura
Escolho, por fugir aos meus tormentos.

Nocturnas aves da morada escura
Venhão, voando aqui, carpir de dia
Os rigores de Ulna ingrata, e dura:

Amor, que tantos bens me promettia,
Quebre os crueis farpões, que me abrazarão,
Lance hum ai de piedade, e de agonia:

Os Delfins, os Tritões, que me espreitarão
Mil vezes de sentidos, de invejosos,
Quando amorosas ditas me encantarão,

Agora enternecidos, maviosos,
Veção como perece hum triste Amante
Por culpa só de huns olhos tão formosos.

Brilhe alegre sorriso em teu semblante,
Origem do meu mal, doce inimiga,
Surge a ver-me entre as agoas fluctuante.

Graças ao Mar piedoso, á Morte amiga:
Ingrata, o seu poder (pois não te abrando)
Ao menos dos teus laços me desliga.

Disse, e com turvos olhos foi trepando
Ao agro pico de rochedo ingente,
Que as ondas porfiosas vão cavando.

Para os Ceos ergue a vista, e de repente
Se arroja, se despenha o desgraçado,
Victima da paixão, do mal que sente.

Eis que do seio do licor salgado
Salta a Ninfa gentil, mimosa, e núa,
Dos ternos olhos seus objecto amado.

Espera, caro Amante, inda sou tua:
(Exclama, e transportada as mãos lhe lança,
O infeliz arrancando á Morte crúa)

Espera, torna em ti, não ha mudança
No meu candido amor: de vãos ciumes
Com fingida traição tomei vingança.

Não commetto a perfidia, que presumes,
Sou qual fui, sou fiel... (e orvalha em tanto
De chorosa piedade os puros lumes.)

A' voz, e á vista do seu doce encanto
No ancioso Pescador, no Amante afflicto
Qual foi a confusão! Qual foi o espanto!

De prazer desmaiou, soltando hum grito,
E a Ninfa padeceo no susto a pena
Do supposto, fantastico delicto.

Suspirando, o conduz á praia amena,
Onde lhe dá dulcissimos instantes.
De puros gostos ineffavel Scena,
Sempre te gozem corações amantes.



A SEPULTURA,

O U

A MORTE DE ADONIS.

IDYLLIO DE BION DE SMYRNA,

Vertido fielmente da traducção litteral em Latim.

C Horo Adonis, he morto o bello Adonis,
He morto Adonis, choráo-no os Amores.

Não

Não mais, envolta nas purpúreas vestes,
Não mais durmas, oh Venus, eia, acorda,
E luctuosos véos trajando afflicta,
Fere co' a mão de neve o lindo peito,
Dize a todos: he morto o bello Adonis:
Eu choro Adonis, chorão-no os Amores.
Jaz na montanha Adonis, o formoso,
Mordidas de alvo dente as alvas carnes:
A triste Venus esmorece ao vèllo
Ir exhalando os ultimos suspiros;
Sahe do golpe fervendo o rubro sangue,
Névoa da morte lhe entorpece os olhos,
Foge dos labios a punicea rosa,
Vão-se com ella os delectosos beijos,
Em que de gosto desmaiava a Deosa.
Inda no Moço amavel, já não vivo,
Dar osculo amoroso he doce a Venus;
Mas Adonis (oh Ceos!) não vê, não sente
Que Venus infeliz o abraça, o beija:
Eu choro Adonis, chorão-no os Amores.
Adonis junto á candida cintura
Tem mortífero golpe, e tu, oh Venus,
Tu tens no coração maior ferida.
Os fiéis animaes á caça usados
Em roda ao gentil Dono uivarão tristes;
Nos montes as Oreades o chorão.
A anciosa Venus, soltos os cabellos,
Sem cor, sem atavio, e núa a planta,
Pelos bosques vaguêa, e corre, e geme.
Na rapida carreira agudo espinho

Lhe

Lhe extrahê dos tenros pés o sangue puro.
 Ella com alta voz atrôa os valles,
 Chama o terno Amador, o Assyrio Moço.
 Ai! Entretanto o misero distilla
 Rubicundo licor das rotas veias,
 E purpúrea apparece a nívea carne.
 Ah Venus! Venus! (os Amores gritão
 Dos olhos, e da face os mil encantos
 Perdeo Venus, perdendo o bello Amante.
 Quando Adonis vivia, era das Graças
 Venus a Deosa, Venus o modélo:
 Toda a belleza della, o riso todo,
 Quando Adonis morreo, morreo com elle.
 Arvores, montes por Adonis clamão,
 De Venus a tristeza os rios chorão,
 Vão por Adonis suspirando as fontes,
 Roxas as flores pela dor se tornão.
 Delira a consternada Cytheréa
 A gyrar, e a carpir de valle em valle.
 Ah Venus! Jaz sem vida o meigo Adonis.
 Ecco, de gruta em gruta resoando,
 Repete: jaz sem vida o meigo Adonis.
 Quem não lamentará da afflicta Deosa
 O duro estado. os miseros amores!
 Oh dor! Quando ella vio ser insanavel
 Do seu mimoso Adonis a ferida,
 E o sangue em borbotões correr do golpe,
 Abrindo os braços, e arquejando: „ espera,
 „ Espera, triste Adonis, (exclamava)
 „ Dá-me que eu goze este prazer extremo,
 „ De-

- » Deixa que me console hum terno abraço,
» Que inda meus labios nos teus labios toquem.
» Abre os olhos, Adonis, abre hum pouco,
» Dá-me hum beijo, hū só beijo, em quanto a Morte.
» Não te extingue o calor nos molles beiços.
» Tua alma acolherei na minha boca,
» E della descera para meu peito;
» Doce amor. beberei no beijo doce,
» E o doce beijo guardarei saudosa,
» Como se fosse Adonis, já que ingrato
» A Venus desamparas, foges della
» Para as medonhas margens de Aqueronte,
» Para o feio, implacavel Rei do Inferno.
» Eu, infeliz, sou immortal, sou Deosa,
» Eu seguir te não posso, eu vivo, e morres!
» Recebe, oh tu, Prosérpina, recebe
» O meu formoso encanto, a gloria minha.
» Ah! Quanto he superior ao meu teu Fado!
» Tudo o que ha mais gentil, melhor no Mundo
» Tudo possuirás, e eu desditosa,
» Curtirei dor sem fim, saudade eterna:
» Temo a Deosa Tartárea, choro Adonis.
» Morreste, oh suspirado, e teus carinhos
» Como hum sonho fugaz de mim voarão:
» Em triste viuvez eis Venus fica,
» E os Amorzinhos seus em ocio triste.
» Do meu cinto a virtude encantadora
» Comtigo pereceo! Ah temerario,
» Como, sendo tão lindo, e tão mimoso,
» Ousaste accommetter sanhudas feras?

Assim carpia a Mãi, e os Cupidinhos.
 Ai Venus! Ai que he morto o bello Adonis.
 De Venus tantas lagrimas corrêrão,
 Quanto sangue correo do loiro Amante,
 E em flores se mudirão sangue, e pranto:
 Nasceo daquelle a purpurina rosa,
 Deste nasceo a anémone brilhante.
 Choro Adonis, he morto o bello Adonis.
 Não mais no bosque, oh Venus, o prantêes;
 Em sublime lugar já Mão piedosa
 Digno tóro aprestou ao teu querido.
 Sobrê teu leito jaz o morto Adonis,
 E morto, e descorado he bello ainda:
 Parece nelle a morte hum brando somno.
 Depõe seu liso corpo em lisas vestes,
 Vestes nas quaes envolto elle gostava
 De noite ou mimos teus, ou gratos sonhos.
 Ama, posto que extincto, Adonis ama,
 Tece-lhe as crôas, e os festões de flores,
 Que depois que morreo, ficárão murchas.
 Rega do çumo de amorosos mirtos,
 Perfuma de gratissimos aromas,
 Perfuma os frios, delicados membros;
 Pereção, Venus, os perfumes todos,
 Se Adonis pereceo, que era o perfume,
 O suave perfume da tua alma.
 Na pupura descança o tenro Adonis:
 Em torno delle suspirais, Amores,
 As lustrosas madeixas decotadas
 Em honra funeral do extincto Amante.

Aquel.

Aquelle calca aos pés bicudas settas,
Este o arco desmancha, estoutro parte
Aureo carcaz, de farpas abundante:
Hum lhe descalça o nitido cothurno,
Outro agoa crystallina em ricos vasos
Traz, carpindo, outro lava-lhe a ferida,
Co' as pennas outro em fim lhe agita os ares.
Os Amores lamentão Cytheréa,
E na porta Hymenêo seu facho apaga,
E a crôa nupcial desfaz saudoso...
Ah! Não mais Hymenêo, não mais seus hymnos;
Só lagrimas, só ais borbulhão, sôão.
Oh misero Hymenêo! Misero Adonis!
O filho de Cinyra as Graças chorão,
He morto Adonis (entre si clamando
Em mais aguda voz, que a tua, oh Venus)
As tres negras Irmãs, as mesmas Parcas
Chorão em flor cortado o Moço lindo,
E até com mago verso á vida o chamão:
Elle escuta, elle attende, e fica immovel,
Não por estar contente onde se occulta,
Mas Prosérpina o quer, e não permite
Que elle goze outra vez a luz do Mundo.
Cessem, pois, Cypria Deosa, os teus suspiros: (*)
Hum terno suspirar não move os Fados.

DA-

(*) Este remate he meu, porque o do Original, relativo ás festas annuaes, celebradas em honra de Adonis, e Venus, me pareceo pouco interessante.



D Á F N I S,

QUINTA EGLOGA DE VIRGILIO.

M E N A L C A.

JA' que neste lugar nos encontrámos,
 Eu versado no canto, e tu na flauta,
 Mópso, porque razão nos não sentámos
 Entre estas aveleiras, cujas folhas
 Quasi com as dos álamos se enredão?

M O P S O.

Tu és mais velho, que eu, e a ti, Menalca,
 Me cumpre obedecer, ou descancemos
 A' sombra destas arvores, que tremem
 Co' as froxas virações, ou antes vamos
 Para a gruta, que allí se nos offrece.
 Olha, como verdejão dentro nella
 De uvas agrestes pequeninos (1) cachos.

M E N A L C A.

Nos nossos montes disputar-te a gloria
 Pertende Amintas só.

MO-

(1) Raros diz o texto.

M O P S O.

Não se presume
Capaz de até vencer no canto a Febo ?

M E N A L C A.

Eia , Mópso , começa , ou saibas versos
Aos amores de Filis alva , e loira ,
Ou em louvor de Alcão , ou á contenda
De Codro , do bom Rei , começa : em tanto
Tityro cuidará dos nossos gados ,
Que na vária planície andão pascendo.

M O P S O.

Antes exprimentar huns versos quero ,
Huns versos , que são meus , que inda outro dia
De hum a Faia en:aihei no verde tronco :
Ora os hia escrevendo , ora entoando.
Ouve , e dize depois ao fofo Amintas
Que ouse , que venha disputar-me o premio ?

M E N A L C A.

Quanto o molle salgueiro ás oliveiras ,
Quanto o rasteiro arbusto da alfazema (1)
Céde á belleza do rosal corado ,
Tanto , a meu parecer , te céde Amintas.

MO-

M O P S O .

Basta , Mancebo , já na gruta estamos.
 Desgrenhadas as Ninfas , pranteavão
 De morte lastimosa extincio Dáfnis (2)
 Vós fostes de seus ais , de seus lamentos
 Testemunhas , oh arvores , oh rios ,
 Quando a pállida Mãi , tendo nos braços
 O misero cadaver de seu filho ,
 Cruéis aos Ceos chamou , crueis aos Fados.
 Naquelles dias ninguem houve , oh Dáfnis ,
 Ninguem que fartos bois levasse ao rio ,
 E quadrúpede algum naquelles dias
 Não gostou agoa , nem bolio na relva.
 Té n'Africa os Leões te deplorarão :
 Dizem-no os montes , dizem-no as flores.
 Dáfnis instituio , mandou que o jugo
 Ao carro submettesse Armenios Tigres ,
 Em honra a Baccho introduzio coréas ,
 E a revestir de pâmpanos os thyrsos
 Ensinou aos Pastores. Como as vides ,
 Trepando , são das arvores adornos ,
 E adornos são da vide os prenhes cachos ;
 Como servem de pompa , e de ufania
 A's manadas o toiro , ao campo as messes.
 Dáfnis , eras dos teus o amor , e a gloria ,
 Depois que os Fados negros te levarão ,
 Páles , e Apollo d'entre nós fugirão ;
 Estas nossas campinas , que abundarão
 De barbadas espigas proveitosas ,

Só brotão jóio infesto, inúteis ervas:
 Surge o cardo mordaz, a çarça aguda,
 Onde a molle violeta roxeava,
 E o purpúreo narciso. Oh vós, Pastores;
 Mil folhas pela terra ide esparzindo,
 As fontes assombrai co' a rama agreste:
 Dáfnis quer que a memoria assim lhe honremos:
 Hum tumulto erigi, gravai-lhe em cima
 Estes saudosos versos: „ Eu fui Dáfnis,
 „ Das selvas conhecido até aos astros,
 „ De hum bello gado Guardador mais bello (3)

M E N A L C A.

He, divino Poeta, he o teu canto
 Suave para mim, como he suave
 O dormir sobre a relva aos fatigados,
 Ou qual ao encalmado, ao sequioso
 Matar a sede em limpido regato,
 Que vai por entre seixos murmurando.
 A teu Mestre és igual não só na flauta,
 Mas no verso, e na voz. Feliz Mancebo!
 Tu lhe has de succeder no dom, na fama,
 Nós, com tudo, pastor, como podermos,
 Algum verso tambem soar faremos,
 Nelle ás estrellas ergueremos Dáfnis,
 O teu Dáfnis aos Ceos irá com elle,
 Que Dáfnis se dignou tambem de amar-nos.

M O P S O .

Que prazer me darás maior que ouvir-te ?
 Dáfnis he digno assumpto desses versos ,
 E ouvi a Stimicon louvallos muito.

M E N A L C A .

Do Olympo as aureas portas estranhando ,
 Pasma , em almo prazer , o ingenho Dafnis :
 Vê debaixo dos pés núvens , e estrellas .
 Eis a doce alegria occupa os bosques ,
 Os valles , as montanhas , os Pastores ,
 O Arcadio Pan , e as Dryades Donzellias .
 Nem o lobo ao rebanho insidias tece ,
 Nem a rede traidora engana os cervos .
 Dáfnis ama o socego . Intonsos montes ,
 Mil vozes de prazer soltais vós mesmos ;
 Proferem brando verso até rochedos ,
 E o trémulo Arvoredo está soando :
 Oh Menalca ! Elle he Deos , he Deos ... ah Dafnis ,
 Sê benéfico aos teus . Eis quatro altares ,
 Ei-los , dois para ti , dois para Febo .
 Aqui te sagrarei todos os annos
 Dois vasos , em que e pume o leite novo ,
 Com outros dois também ; nos quaes loureje
 Da placida oliveira o grato çumo .
 Baccho , fervendo em prodigos banquetes ,
 Com fogoso prazer ha de espertar-nos ,
 E , á sombra no Verão , no Inverno ao lume ,

As

As taças encherei de Arvisio nectar.
 A Dametas, e Egon direi que entõem
 Ledas canções, e os Satyros saltantes
 Ao leve Álfesibêo direi que imite.
 Sempre serás por nós dest' arte honrado,
 Ou quando, amavel Dáfnis, consagremos
 Votos solemnes ás formosas Nynfas,
 Ou quando á roda dos ervosos campos
 Co' as victimas andemos, como he uso.
 Em quanto o javali na serra, em quanto
 O peixe nadador folgar no rio,
 Em quanto de tomilho a loira abelha,
 E de orvalho as cigarras se abastarem
 Háo de permanecer por estes montes
 Teu nome, o teu louvor, tua saudade.
 Como a Ceres, e Baccho os Lavradores
 Todos os annos te farão mil votos,
 E obriga-os tu, se á risca os não cumprirem.

M O P S O.

Que premio te darei, que valha os versos,
 Os versos immortaes? que me encantaráo,
 Tanto austral viração me não recrea,
 Nem de hum mar brando arêas açoitadas,
 Nem o susurro de hum arroio ameno,
 Que serpêa entre valles pedregosos.

M E N A L C A .

Eu te hei de preceder nos donativos;
 Aqui tens esta flauta. He ella, oh Mópso,
 Quem fez com que eu cantasse aquelles versos:
 „ O Pastor Coridon, louco de amores,
 „ Pelo famoso Alexis suspirava. „
 E os outros: „ Esse gado a quem pertence?
 „ Talvez a Melibêo?

M O P S O .

Pois tu recebe
 Fste cajado, tem de bronze o conto,
 E iguaes os nós. Antígenes mil vezes
 Mo pedio, (e era então crêdor de amar-se)
 Mas por mais que lidou, não pôde obtello.

AMOR

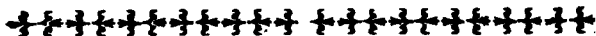
-
- (1) Alguns traduzem salgadeira.
 (2) Julio César, segundo as melhores opiniões.
 (3) Traduzi este verso por dois modos; o segundo
 he assim: Bellissimo Pastor de hum bello gado, &c.
 Note-se o mal que Leonel da Costa verteo este dif-
 ficulposo verso.



AMOR FUGIDO,
IDYLLIO DE MOSCHO.

Venus chamava o Filho em altas vozes.
 Se alguém vio pelo campo (a Mãe dizia)
 Andar vagando Amor, esse he meu filho,
 Meu filho, que fugio. Quem souber d'elle,
 Quem noticias me der do meu Cupido
 Premiado será, tem certo hum beijo
 Nos proprios labios da amorosa Venus:
 Porém, se mo trazer, terá mais gloria,
 Coisas mais doces, do que huma simples beijo.
 Entre Meninos mil este Menino
 Por differentes sinaes se reconhece.
 Não tem candida a tez, mas cor de fogo;
 São seus olhos espertos, scintillantes,
 Meigo o fallar, o coração maligno;
 Nunca sente o que diz; tem mel nas vozes,
 Mas torna-se feroz, traidor, insano,
 Apenas se enfurece. He mentiroso,
 He sagaz, he cruel, até brincando;
 Trança espessa, e formosa ao ar lhe ondêa,
 Em doirados anneis lhe desce ao collo;
 Nas faces lhe transluz o ardor, a audacia;
 Tem pequenina mão, porém tão forte,
 Que arroja muito longe as fataes armas:

A' margem do Aqueronte ás vezes vôão ,
 E colhem descuidado o Rei do Inferno ;
 Seu corpo he nú , sua alma impenetravel ;
 Com azas como hum passaro , voltêa
 Do sexo vigoroso ao debil sexo ,
 Pousa nos corações , e allí se aninha ;
 N'um arco delgadinho aponta as frechas ,
 As frechas , que , assim mesmo tenues , curtas ,
 Se entranhão pelos Ceos , alcanção Jove ;
 Pejão farpas subtis a aljava de oiro ,
 Que ao lado traz suspensa , e de seus tiros
 Até eu , sua Mãi , sou alvo ás vezes ;
 Tudo o que lhe pertence , inclue estragos ,
 Mas nada do que he seu , produz mais damno ,
 Que hum curto , antigo , inextinguivel facho :
 O Sol , o proprio Sol com elle abraza .
 Mortaes , se o encontrares , eia , atai-o ,
 Atai-o , e muito bem , porque não fuja ,
 Se elle chorar , seu pranto vos não mova ,
 Antes desconfiai , seu pranto engana .
 Se elle rit , apertai-lhe os nós do laço ;
 Se quizer abraçar-vos , longe , longe ,
 Fugi , não vos fieis ; abraços , beijos
 Nada , nada : seus labios tem peçonha ,
 Seus beijos enfeitição . Se elle acaso
 Vos disser : „ aqui tendes estas armas ,
 „ Tomai , eu vo-las dou „ não pegueis nellas .
 Mimos de Amor são pérfidos , e ardentes .



A A R M I A ,
E N D E I X A S .

JÁ de illusões não vivo,
Meu bem, sou desgraçado:
Nenhum Mortal se esquiça
Do que lhe ordena o Fado.

Em vão com mil sorrisos
Os candidos Amores
Me affagão, me promettem
Dulcissimos favores;

Em vão meiga Esperança
Me diz que em brandos laços
Hei de expirar de gosto
Nos teus mimosos braços.

Suspeita roedora
Me gasta o froxo alento,
De imagens pavorosas
Me enluta o pensamento;

Murmura na minha alma,
Onde mil serpes cria,
Oíço-lhe em surdas vozes:
Não lograrás Armia.

Usa sonhar ventura
A credula Esperança,
Só entre mortas cinzas
No tumulto descança ;

As lagrimas nos olhos,
No peito enfrêa os ais,
Doira crueis desastres
A miseros Mortacs.

Em rapidos momentos
Aos Deoses me igualou,
Fantasticas delicias
Na idéa me traçou.

Mil vezes, doce Amada,
Fingio ao meu desejo
Patentes os thesoiros,
Que resatava o pejo ;

Mil vezes (ah ! Foi sonho,
Mas sonho encantador)
Me fez voar contigo
A' Gloria, ao Ceo de Amor.

Alli do terreo manto
Minha alma sôlta, e núa,
Filtrando-se em teus labios,
Hia aggregar-se á tua ;

Alli teu brando peito ,
De Amor altar sagrado ,
De accezos pensamentos
Só visto , só tocado ,

A' boca melindrosa ,
Leda , suave , e pura
Suspiros te enviava
De gosto , e de ternura.

Mas eis que a luz se extingue
Da fúlgida illusão ,
E escura , horrenda nuvem
Me abafa o coração.

Tenaz Desconfiança ,
Que ás fibras se me afferra ,
Garras mortaes vibrando ,
Move aos Prazeres guerra.

Subito , abrindo as azas ,
As azas cor de neve ,
Foge de horror a instavel
Turba risonha , e leve.

Debalde a Companheira
Fiel dos desgraçados
Quer suspender o adejo
Dos Jubilos alados :

Por corações tranquilos,
Sótos das leis de Amor
Te abrigas, te repartes,
Oh Bando voador.

Nos ais, Armia, em tanto
Minha alma se evapora,
Victima lamentavel
Da angustia, que a devora;

E além do turvo Lethes
Zelos temendo achar,
Frenetica deseja
Poder-se aniquilar.

Se o Racional tivesse
Do Irracional a Sorte,
Se as almas se apagassem
Ao halito da Morte,

Feliz de hum terno Escravo,
Feliz de hum triste Amante,
Remindo-se do jugo
No derradeiro instante!

Mas ai que a Turba insana
Dos mestos Amadores
Té lá no Reino escuro
Vai suspirar de amores.

Sobre os Elysios Prados
Inda a Sydonia Dido
Guarda as fataes memorias
Do Teucro fementido ;

Entre os formosos pomos
O golpe inda roxêa ,
Inda goteja o sangue ,
Que a neve purpurêa.

Tambem nas margens tuas ,
Oh rio somnolento ,
Sem demandar o abysmo.
Do eterno esquecimento ,

Carpindo a bella Esposa ,
(Ah ! Que não pôde Amor !)
Arde , suspira o Thracio ,
Miserrimo Cantor.

Alli, aos olhos d'alma
Lhe retrocede o dia ,
Em que applicára os Monstros
Da Região sombria ;

Alli, no pensamento
O estygio Rei figura ;
Vê-lhe os terriveis olhos ,
A tôrva catadura :

Vê-o

Vê-o fervendo em raiva ,
Troando em ameaços ,
Porque hum Vivente ousára
Tocar-lhe os negros Paços.

Eis fere a maga lyra ,
Que infunde o Ceo no Inferno :
De assombros assaltado ,
Céde o Tyranno eterno :

Acode aos igneos olhos
Doce , invencivel somno ,
Baquêa o ferreo sceptro
Sobre os degrãos do Throno.

Até que em si volvendo
Do subito lethargo ,
Contempla Orfêo saudoso ,
Desfeito em pranto amargo.

Soffrendo hum ar benigno
No carrancudo aspecto ,
Mostra sentir piedade
Do mavioso objecto.

Co'a fera mão , que firma
Dos reos a eterna pena ,
Para indagar seus males
Em fim ao Vate acena.

Inquire a causa ignota ,
Pergunta o grão motivo
De lhe invadir o Imperio ,
De ir aos Infernos vivo.

Mal que as razões lhe escuta ,
Quebranta a lei da Morte ,
Manda que á luz do dia
Volva a gentil Consorte.

Mas ai , que o vingativo ,
Terrifico Plutão
Une á maior das graças
Pezada condição !

Nas férvidas entranhas
Feroz despeito occulto
Quer da amorosa audacia ,
Quer despicar o insulto.

„ Vai , (diz ao triste Amante)
„ Que hum não sei que me obriga
„ A permittir que os passos
„ Eurídice te siga ;

„ Mas nega-lhe teus olhos ,
„ Em quanto profanares
„ Co' a temeraria planta
„ Meus horrorosos lares.

„ A' clausula , que imponho ,
 „ Se execução não dás ,
 „ Sem a chorada Esposa
 „ Rever o Mundo irás .

Ah malfadado ! Acceitas
 O rigoroso artigo ,
 Mas subito experimentas
 Hum barbaro castigo .

Pela mordaz saudade
 Roto o cruel preceito ,
 Olhas , e vês em sombras
 Teu júbilo desfeito .

Sumindo-se a teus olhos
 A cara Esposa vai ,
 E a teu inutil grito
 Responde ao longe hum ai .

Soltando-se , apôs ella
 Te vóa o coração ,
 Para alcançalla emprendes
 Tudo , mas tudo em vão :

A's ferrolhadas portas
 Do amplo Salão ruidoso
 Tomas de novo , e queres
 Entrar-lhe o seio umbroso :

Extrahes hum som da lya
Mais tentador , mais terno ,
Mas o divino encanto
Náo move o surdo Inferno.

Dest' arte a meiga Esposa
Do mísero Amador
Foi por amor ganhada ,
Perdida por amor.

Ah brando Orfêo ! - Não chores ,
Supprime os ais , que lanças ,
Turbado o pensamento
Com tão crueis lembranças.

Eu sou mais desgraçado ,
Tu não padeces tanto ,
Tu logras , tu desfructas
O premio de teu praato :

Aquella , que soava
Na tua doce lya ,
Qual suspirava d'antes ,
Inda por ti suspira :

Eu , miserando objecto
De dor , e de piedade ,
Junto á fatal balisa
Da triste Humanidade ,

Queimando o veo dos Fados,
 Co' a luz da fantasia,
 Vejo futuros males,
 Vejo traições de Armia.

Dura expriencia antiga
 No coração me diz
 Que o lacrimoso Elmano
 Jámais será feliz.

Oh domador das feras! (1)
 A doce, a bella ingrata,
 Que o laço da existencia
 Me solta, me desata,

Eurídice he nas graças,
 Mas na paixão, na fé,
 No affago, nos extremos
 Eurídice não he.

Votos de amor lhe escuto,
 Mas no benigno rosto
 Hum animo lhe observo
 Para a traição disposto.

Os bens instraveis préza
 Da lubrica Ventura,
 E o desvelado Elmano
 Não tem senão ternura.

Na

(1) Orfco.

Na mente a cada instante
Diviso (oh Ceos! Que horror!)
Volver a Ingrata os olhos
A novo Adorador;

Sacrificar excessos
Aos dons da varia Sorte,
Sumir-me os tristes dias
Na escuridão da Morte,

E, ainda não contente
Da enorme aleivosia,
Co' presumçoso Amante
Fizar-me a campa fria:

Alli, entre seus braços,
Para o cruel faltar,
Do extinto Elmano as cinzas
De imprecações manchar.

Mas trema a deshumana,
Se desleal me for,
Trema, que até na Morte
Terá dominio Amor.

Fará surgir do Averno
Meus Manes vingadores,
Para terror, e exemplo
De corações traidores.

Qual o afãoso Oréstes,
 Das Fúrias acossado,
 Sempre terás, oh fera,
 O meu fantasma ao lado;

Como a contínua sombra
 Persegurei teus passos:
 Não folgarás ao menos
 Do meu rival nos braços.

Irei lá no silêncio
 Da erma noite escura
 Turbar-te os delectosos
 Mystérios da ternura.

Quando (ai de mim!) sentires
 Teu coração tremer,
 Voar tua alma ao cume
 Do rápido prazer,

Perjura! (Hei de gritar-te
 Com pavorosa voz)
 Eu sou Elmano, e venho
 Punir teu crime atroz.

Verei de horror gelar-se
 Teu animo infel,
 E o nectar de teus gostos,
 Impia, mudar-se em fel:

Teu

Teu complice odioso
 Verei , dando hum gemido ;
 Fugir-te d'entre os braços ,
 Convulso , espavorido.

Amia , ah não te exponhas
 De hum Numen ao furor :
 Se as leis de Amor não cumpres ,
 Teme o poder de Amor.



A GRUTA DO CIUME.

HA hum cerrado bosque
 A'quem do Abysmo eterno ,
 Vê-se o vapor do Inferno
 Nos ares negrejar ;

Alli rebentão , crescem
 Mil plantas venenosas ,
 Mil serpes tortuosas
 Ouvem-se alli silvar ;

Rochedos escabrosos
 As nuvens ameação :
 Raios por elles passão ,
 Medrosos de os tocar ;

Alli tremúla a rama
Do teixo, e do cypreste,
Fermenta estygia peste,
Que as almas vem danar,

De infestar, roucas aves
O bando alli se acoita,
Que está de moita em moita
Desastres a agoirar;

As azas não meneias
Alli, Favonio brando,
Tufões de quando em quando
Só se ouvem rebramar.

Alli humas com outras
As arvores se feixão,
De sorte que não deixão
Do dia a luz entrar;

A custo alli respira
Cercada a Natureza
De horror, e de tristeza,
Capaz de a suffocar;

Alli, sempre aclarado
Pelo Tartareo Lume,
Jaz do cruel Ciume
O temeroso lar.

Na aborrecida entrada
Vela a mordaz Suspeita,
Continuamente affeita
A crer, e a recear;

No seio da caverna
A torpe Inveja escura
Frenetica murmura,
Venenos a espumar;

Sente-se lá no fundo
Da estancia sinuosa
Caterva pavorosa
De Monstros ulular;

N'um ferreo Throno em brazo
Reina o Ciume horrendo,
Angustias mil tecendo,
Para os Mortaes tragar;

Na mão tem negra taça
Cheia do fel da Morte,
Com rábido transporte
Não cessa de arquejar;

Ara fatal ao Mundo
Terror n'um canto inspira,
Sulfúrea, ardente pyra
Nella se vê fumar;

Nella milhões d' Amantes
Vão por destino infausto
Ser misero holocausto,
As veias esgotar ;

Ministro carrancudo
Frio cutelo amola ,
E as victimas degolla
Sobre o medonho altar.

Vós deveis crer, Humanos,
Que a descripção, que ouvistes,
He de quem fôí tão tristes
Objectos contemplar.

Ah ! sim, já tenho sido
Pelo tyranno alado
Mil vezes arrastado
Ao horrido lugar ;

E se eu, Mortaes, não pude
Como poderão tantos,
Em sangue, em ais, em prantos
O espirito soltar ,

Foi porque Amor cruento
Não quiz que extincto eu fosse :
Achou que era mais doce
Morrer, do que penar.

QUEI-



QUEIXUMES DE AMOR,

E

DA AMIZADE.

OH vós, emanações da Divindade,
 Prazer, consolação das Almas grandes,
 Vós, que em suaves, em mimosos laços
 Prendeis os corações, e os pensamentos;
 Vós, que não só de asperrimos costumes
 Usais purificar a Humanidade,
 Que a é dos Tigres, que na Hircânia rugem,
 Das Serpes, dos Leões, que a Libya infestão,
 Mitigais o voraz, o fero instincto:
 Oh divinos Irmãos! Oh Par celeste!
 Oh doce Amor! Oh candida Amizade!
 Vingai-vos de nefandos sacrilegios,
 De mil profanações, mil torpes crimes,
 Mil horrores, que fervem, que negrejam
 Sobre vossos Altares sacro-santos.
 Jove, Jove immortal, Senhor do raio,
 Porque na rubra dextra o tens em ocio?
 Se as fezes, se o peor de quantos vicios
 O abrasado, espantoso Abysmo eterno
 Pelos igneos vulcões arroja á terra;
 Se a vil ingratição, se a vil perfidia
 Soffres em muda paz, e não te acordão
 A somnolenta colera meus brados,

Pa-

Para que nova especie de maldade
 Reservas teu furor? Se és Deos, és justo,
 E deves, como tal, vingar teu nome,
 As tuas leis vingar, vingar meus males
 Nas almas desleaes, crueis, infames,
 Que o Ceo com falso voto assoberbááo.
 Pune, oh Deos, pune o perfido Mirtilo,
 Pune a traidora Isméne, objectos sejam
 Da suprema vingança inevitavel
 Dois inficis espiritos corruptos.
 Em teus sacros Altares inda jazem,
 Fumégáo inda as cinzas venerandas
 Do immaculado incenso, que a teu Nume
 Votáráo minhas mãos, e as mãos da Ingrata;
 Inda nas ermas grutas deste bosque
 Resoa a voz dos ecos falladores,
 Que em opprobrio da perfida repetem
 Promessas, que lhe ouvi, que tu lhe ouviste.
 Sim, por teu nome, oh Deos, sim, por teu nome,
 Por teu nome ineffavel a traidora
 (Tintas de pejo as faces, orvalhados
 De lagrimas de amor seus olhos meigos,
 E absortos para o Ceo) jurou ser minha,
 Jurou que em deleitoso, em aureo laço,
 Em laço que Hymenêo tece á Virtude,
 Na torrente de candidos prazeres
 Comigo engolfaria o pensamento;
 Que para sempre então na sua idéa
 Se haviáo de sumir, voltar ao nada
 O Mundo, a Natureza, excepto Elmano.

Não

Não paga, de ardentissimos protestos,
Em doces, em furtivos caractéres
Imprimio, renovou tão ternos votos.
Eu os conservo; oh Jove, elles accusão
A maior das traições, a mais infame,
No teu grão Tribunal justiça implorão:
Tu debes aterrar com alto exemplo
As almas, que propendem para o crime,
E firmar na innocencia os virtuosos
Pelo estrago dos reos, debes vingar-me:
Quem offende os Mortaes, os Ceos offende.
A Monstros, que, sacrilegos, profanão
De Amor, e da Amizade as Aras santas,
Não bastão, não convem, não correspondem
Esses males communs, communs flagellos,
Com que as brutas paixões sem lei, sem freio,
Ou attentados de remota origem
Fulminas da estellifera Morada.
Castigos cria, inventa, e cáião, chovão
Sobre os cruéis Artifices perversos
Da desesperação, que me atassalha;
— Sim, chovão mil, e mil, porém teus golpes
Não sejam tão mortaes, que matem logo:
Gradúa-lhe o veneno, e dobra as forças,
Engrossa o vital fio aos dois Ingratos.
Teimosa, penosissima existencia,
Transcendente em tristeza, em amargura
Aos damnos da Tartárea Eternidade,
Lhe arranque d'alma horrisonas blasfemias,
Que avivem teu furor, e os seus effeitos.

Or-

Ordena, summo Deos, á torva Morte
Que súbito em mil mortes se converta,
Que manso, e manso os perfidos consuma:
Seculos gyre o Sol, milhões de vezes
Negando-se aos Antipodas, aclare
O Clima, que dois Monstros enxovalhão,
E inda os ache a morrer. Com tudo, oh Jove,
Se na cadea de horrosos dias
Queres, para afagar-lhe o soffrimento,
Prender-lhe, consentir-lhe algum mais doce,
Algum menos fatal, seja esse dia,
Qual este, em que as entranhas me devora
Ciume abrazador, porção do Inferno.
Eia, zo som dos meus ais acode, acode,
Eterna, pavorosa Omnipotencia....
Mas ah! Que em preces vás a voz fatigo!
Oh Jove, ensurdeceste! Eu não te rogo
Que da fecunda terra me franquês
As medidas entranhas, prenhes de oiro,
Não dou meu culto aos Idolos do Avaro,
E o loiro dos Heroes, dos Reis o sceptro
Tambem com fátua luz me não deslumbrão:
Não quer elevação quem teme a queda:
O que exijo, o que espero he que exercites
Da Justiça o terrivel attributo,
Faze o dever d'hum Deos, e estou contente...
Mas, Ceos! Que sinto em mim! Que surdas vozes
No coração chagado me susurrão!
Eu lhes oiço dizer: „ perdido Amante,
„ Frenetico Mortal, para que invocas

„ O tremendo poder da Divindade
„ Contra o doloso amigo, e contra a fera,
„ Por quem morres de Amor, por quem suspiras?
„ Socega, volve em ti. Crês, por ventura,
„ Que para a punição de enormes crimes
„ Cumpre aos Ceos arrojare physicos males
„ Sobre a fronte odiosa dos culpados?
„ A Morte para os reos não he tormento,
„ Dos reos a maior pena he o remorso;
„ O remorso te vingue: assim defere
„ A's preces dos Mortaes o grande Jove.
Oh vozes da Razão, vozes celestes,
Oraculo divino! Eu vos adoro,
Bem que os ouvidos meus, bem que a minha alma,
Afeitos longamente ás meigas frases
Do engano, da lisonja, e da ternura,
A salutar dureza vos estranhem.
Basta, já torno a mim, não mais, oh furias,
Não mais, imprecações. Perdôa, oh Jove,
Perdôa á minha dôr, e ao meu delirio;
Fui louco, estrado andei nas preces minhas:
O crime, sem que as victimas te implorem,
Por si mesmo justiça está bradando.
Traidor, que em falsas mostras de virtude
Envolveste a baixeza, a tyrannia,
A cavilosa intriga, a torpe inveja,
Da fraca Humanidade os vicios todos,
Negros enxames, que te fervem n'alma;
Amigo desleal, que me arrancaste
Do terno coração segredos ternos.

Segredos que nas trevas do sepulcro-
 Irião com meus dias abysmar-se,
 Se a mascara fallaz não me iltudisse
 Da vil simulação, da astucia feia,
 Se a minha alma fiel, ingenua, pura
 Podesse conceber a idéa horrenda
 Do teu crime aleivoso, e detestavel;
 Presumes-te feliz? E's desgraçado
 Mais que o reo, quando em mãos do Algoz sanhudo
 Já piza o cadafalso, ou mais que eu mesmo.
 Esse infame prazer, que tens comprado
 A' custa de meus ais, de teus deveres,
 Esse infame prazer em breve, oh Monstro,
 Corrompido será pela vileza
 Da lisonjeira Isméne, e mais que tudo
 Pelas pungentes garras do remorso.
 Não te cegues, traidor, não te allucines:
 O merito não foi, foi fortuna
 Quem chamou para ti de Isméne os olhos,
 Quem de hum férvido amor me arranca o premio.
 O sofrego Interesse, a mais indigna
 De todas as paixões, e a mais teimosa;
 Envenenou de Isméne o peito ingrato.
 Se aos Fados como tu devesse Elmano
 Os momentaneos dons, que adora o Mundo,
 Frenetico de inveja, a grenha hirsuta,
 Quaes as Furias do Inferno, arrepeláras,
 Vendendo-me em almos extasis de gosto
 Suspirando entre os braços da Perjura.
 Fraudulento, infiel, não és amado,

Não

Não compra corações a vá riqueza ,
Cedo , cedo o verás. De longe observo
C'os olhos da prespicua fantasia
A catastrophe atroz dos teus prazeres.
Lá vejo a refalsada , injusta Isméne
Ante as aras de Pluto , (1) os olhos fitos
Com feiticeiro agrado em outro objecto ,
Como tu desprezível , tocoo , indigno ,
Mais pomposo , porém , mais carregado
Dos bens , que ás cegas dá Ventura eriante.
Lá te vejo cahir , victima triste
Do desdem , da cobiça , e da inconstancia.
Então conhecerás meu duro estado ,
De zelos infernaes então raivando ,
Sentirás mais acerbo , e mais agudo
O remorso enterrar-se-lhe no peito ;
Então co' pezo enorme do teu crime
Esse vil coração todo esmagado ,
Saberá que invisivel Mão suprema
Pune , flagella os Mãos ou cedo , ou tarde.
Accelera o teu vôo ; absorve , oh Tempo ,
Este enfadoso espaço , que divide
O dia , em que lamento a minha sorte ,
Do dia , em que meu mal será vingado.
Arda , espume , blasfeme , arqueje o Monstro ,
De minhas afflicções fatal principio ,
Sobrepuje o seu mal aos males todos ,
Nem hum só dos Mornaes o atenda , o chore :
Dos

(1) Pluto , Deos das riquezas.

Que horrores pelas Fúrias propagados
Mais, e mais esses ares ennevôão,
Da Gloria longo tempo illuminados !

Crimes, soltos do Inferno, a Terra atrôão,
E em torno aos cadafalsos luctuosos
Da sedenta Vingança os gritos sôão :

Turba feroz de Monstros pavorosos
O ferro de ímpias leis, bramindo, encrava
Em mil, que a seu sabor faz criminosos.

A brilhante Nação, que blasonava
De exemplo das Nações, o Throno abate,
E de hum Senado atroz se torna escrava ;

Por mais que o sangue em ondas se detate,
Nada, nada lhe ácorda o sentimento,
Que as insanas paixões prende, ou rebate ;

Vai grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,
Qual rubra labareda exposta ao vento :

Não cede, não repouça, não se acalga,
E a funesta, insolente Liberdade
Ergue no punho audaz sanguines palma.

Barbaro Tempo ! Abominosa Idade ,
A's outras Eras pelos Fados preza
Para labeo , e horror da Humanidade !

Flagellos da Virtude , e da Grandeza ,
Reos do infame , e sacrilego attentado
De que treme a Razão , e a Natureza !

Não bastava esse crime ? Inda o damnado
Espirito , que em vós está fervendo ,
A novos parricidios corre , ousado !

Justos Ceos ! Que espectaculo tremendo ,
Que imagens de terror , que horrivel scena
Vou na assombrada idéa revolvendo !

Que Victima gentil , muda , e serena
Brilha entre espesso detestavel Bando ,
Nas sombras da Calumnia , que a condemna !

Orna a paz da innocencia o gesto brando ,
E os olhos , cujas graças encantárão ,
Se voltvem para o Ceo de quando em quando :

As mãos , aquellas mãos , que semeárão
Dadivas , premios , e na molle infancia
Com os sceptros auríferos brincárão ,

Ludibrio do furor, e da arrogancia
Soffrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da belleza, e da constancia.

Oh Justiça dos Ceos! Oh Mundo! Oh Gente!
Vinde, acudi, correi, salvai da morte
A malfadada Victima innocente...

Mas ai! Não ha piedade, que reporte
A raiva dos terriveis Assassinos:
Soou da Tyrannia o duro córte.

Já cerrados estais, olhos divinos,
Já voando, cumpriste, Alma formosa,
A ferrea lei de asperrimos Destinos.

Do Rei dos Reis na Corte luminosa
Revês o pio Heroe, por nós chorado,
Que da excelsa Virtude os lauros goza.

Na mente vos observo: ei-lo a teu lado
Implorando ao Senhor, que os Maos flagella;
Perdão para seu Povo allucinado.

Despido o véo corporeo, oh Alma bella,
No seio de immortal felicidade,
Só sentes não voar mais cedo a ella;

Em quanto aos Monstros de horrída maldade
Murmura, a seu pezar, no peito iroso
A voz de vingadora Eternidade.

Desfructa sümma gloria, oh Pár ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o Mundo consternado, e respeitoso
Te aprompta as Aras, te dispõe o incenso.



E L E G I A.

HE todo o Mundo hum carce'e, em que a Morte
Os miseros Viventes guarda, encerra,
Para nelles cumprir-se a lei da Sorte:

Ou baça Enfermidade, ou tôrva Guerra
Vão co' as ferinas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco hum ermo a Terra:

De dia em dia as lagrimas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmoreas campas, urnas luctuosas:

Males, e males em terrivel bando
Vagão por toda a face do Universo,
Peste, veneno, horrores derramando:

Cahe o exímio Varão como o perverso,
A Morte pelo effeito os dois iguala,
O modo, com que os fere, he que he diverso.

A'quelle a voz de hum Deos dos Ceos lhe falla,
O Remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpêa, e rala:

Da chamma divinal affoguedo
Hum, cravando no Empyreo os olhos ternos,
Ergue de almo futuro o véo doirado:

Outro, mordido de aspides internos,
Se entranha em feio abismo, e vê que passa
De mal finito a males sempiternos.

A Mão, que as frageis vidas desenlaça,
Ao pio he, pois, suave, ao ímpio dura,
Traz o flagello a hum, ao outro graça.

Que importa que na terrea sepultura
Baquêe o corpo, a victima do Nada,
Se triunfa nos Ceos huma Alma pura?

Se na radiante, olympica Morada
Co' fulgor, que do Eterno reverbera,
Como o Sol resplandece illuminada!

Vê negrejar ao longe a tenue Esfera,
 Onde o cego Mortal vagueza ufano,
 Nota quanto differe o que he, e o que era:

Por entre a cerração de antigo engano
 Contempla como nutre, e como céva
 Vão tropel de illusões o orgulho humano;

Como o barro servil se abstrahê, se eleva,
 Como a allucinação, como a loucura
 Lhe abafa o pensamento em densa treva;

Como o bem, como a paz, como a ventura
 No Mundo não são mais que hum fatuo lume;
 Que doira mal o horror da vida escura.

Graças, graças ao bom, propicio Nume,
 Que aliza com a Dextra omnipotente
 A' foice matadora o ferreo gume.

Dos Ceos, oh Morte, és dadiva eminente,
 E's precioso balsamo divino,
 Que cerra as chagas do infeliz Vivente.

Morte, se padecer he seu destino,
 Se o torna a febre ardente, a dôr aguda
 Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino,

Se hum salutar bafejo lhe não muda
Em manso allivio tão penoso estado,
Dita não he que tua mão lhe acuda?

He sim. Pela afflicção desacordado,
Hia affrontar teu nome em meu lamento,
Oh mimo celestial, oh dom sagrado!

Sumido na tristeza o pensamento,
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de perennal contentamento,

Estrada, que a Virtude aos Astros guia,
Guia ao Reino immortal, ditoso, e pyro,
Onde nunca interrompe a noite ao dia;

Chave, e porta do incognito Futuro,
Doce Amiga fiel, que nos franquêas
Dos Ceos lustrosos o invisivel muro;

Já voou meu terror, já não me ancêas,
Em risonhas idéas se trocarão
Carrancudas vi.ões., imagens fêas;

Razão, verdade a mente me aclararão,
E de teus mil fantasticos horrores
A medonha apparencia em mim doirarão;

Ah!

Ah! Verta o meu pincel vistosas cores
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os fêrvidos clamores.

O'ço gemer a filial piedade,
Ferem meu peito os écos da tristeza;
Ingenuas expressões da Humanidade.

Deixemos suspirar a Natureza,
E os Estoicos, ou Barbaros, embora
Se paguem de huma apáthica dureza.

Labeo da Especie humana he quem não chora;
Por Leões devorado em selva escura,
Aprenda a conhecer a dôr, que ignora.

Solta te em ais, dulcissima ternura,
De hum virtuoso Pai tu, Prole amante,
Deves banhar-ihe em pranto a sepultura;

Mas não seja a paixão tão dominante,
Que insulte a sacra Mão, que já da Terra
O attrahio luminoso, e triunfante.

Se o Mundo he campo de contrínua guerra,
E os Ceos habitação da Paz serena,
M'ngue o dissabor, que em vós se encerra;

A força da Razão sujeite a pena;
Na vontade de hum Deos consiste o Fado;
Louvem-se o mal, e o bem, que o Fado ordena.

O semblante cahido, e consternado
Erguei da terra, erguei, Filhos saudosos
De hum respeitavel Pai, amante, e amado.

Recordai seus dictames proveitosos,
A mão, que vos guiou para a virtude,
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.

Em vez de pompa vá, que attrahe, que illude
Inchados corações, e enfeita a Morte
Na cega opinião do Povo rude,

Hum ardor firme, hum ávido transporte
De alcançar o que os Sabios chamão gloria,
E que he no mar da vida o fixo norte,

Honrem as cigzas, honrem a memoria
Desse, que do mundano, atroz conflicto
No Ceo desfructa singular victoria.

Isto exige de vós, e n'alma escripto
Sempre deveis trazer o insigne exemplo,
Que honrosa obrigação vos tem prescripto.

Com

Com os olhos em vós do ethéreo Templo
A causa da afflicção, que vos devora,
Como que, absorto em extasis, contemplo;

Como que ao Enté excelso, ao Deos que adora;
Ao Senhor mais que os séculos antigo
Amplios favores para vós implora.

Oh tu, meu Bemfeitor, meu caro Amigo,
Que contra o desprazer no affável seio
D'alta Filosofia achaste abrigo,

De hum grato coração de magoa cheio
Acolhe o temo, o candido tributo;
Que a Musa, gloria minha, e meu recreio,
Te offrece, envolta no funéreo luto.

*Offerecida ao Senhor Joaquim Pereira de Almeida,
na morte de seu Pai.*



E L E G I A.

O Sábio não vai todo á sepultura,
Não morre inteiro o Justo, o Virtuoso,
Na memoria dos Homens brilha, e dura;

Em

Em quanto o nescio, o inutil, o ocioso
Vão, ignoradas Victimias da Morte,
Sumir-se no sepulcro tenebroso.

Jonio feliz, bom Pai, fiel Consorte,
Neste dia, em que o véo mortal despiste;
Dias eternos te confere a Sorte.

Se longe do Universo errado, e triste
Triunfa teu espirito fulgente,
Immortal entre nós teu nome existe.

Da etherea Habitação do Omnipotente
Reflecte o resplendor da gloria tua
Na tua Prole honrada, e descontente.

Em lagrimas no peito lhe fluctúa
O coração de angustias macerado,
Posto que o ledo Empyreo te possúa.

Eis o caracter, que aos Mortaes foi dado:
Como que ó bern do Amigo nos magôa,
Quando o gosto de o ver nos he vedado.

Na dextra a palma tens, na frente a crôa,
Tens, (assegura a Fé) porque a virtude
De jus nos almos Ceos se galardôa;

Mas,

Mas, por mais que se esmere, e lide, e estude,
 Quem á dôr accommoda o soffrimento?
 Quem ha que á Natureza o genio mude?

Corra o pranto de amor, sôe o lamento,
 Té que a paixão, nos ais evaporada,
 Deixe livre folgar o entendimento.

Então tua Familia consternada
 Vendo na idéa teus serenos dias,
 Alma, vinda do Ceo, e ao Ceo tornada;

Vendo as dignas acções, virtudes pias,
 Com que assombros, e exemplos semeaste
 Na carreira vital, quando a seguias;

Vendo que os Sábios, que a Sciencia honraste,
 Que o mundano esplendor tiveste em pouco,
 Que os perversos carpiste, os bons amaste,

Enfreados seus ais no peito rouco,
 De ineffavel prazer sentindo o encanto,
 Dirá: quem te lamenta, he cego, he louco.

Perdôa á nossa dôr, e ao nosso pranto,
 Soffre as mostras fíeis do amor mais terno,
 E, orando pelos teus, que amavas tanto;
 Graças lhes adquire do Monarca eterno.

ME-

A morte do Senhor João dos Santos Bressane.



M E D É A ,
C A N T A T A .

JA' de Colcos a fera, ardente Maga
Horridos versos murmurado havia,
Ao som de atroz conjuro, e negra praga
Já tinha amortecido a luz do dia;
 Já co' a força do encanto
Os implacaveis Monstros subjugara
Na feia Habitação do eterno pranto,
E á voz terrível, ao potente açeno
A triforme carranca em fim curvára
Do Rei das Sombras a feroz Consorte.
Embebidas n'um férvido veneno
As roupas nupciaes, brilhante ornato,
Em que hia disfarçada, alegre a Mor-te,
Instrumentos da raiva, e do ciúme,
Punindo a vil traição do Esposo ingrato,
O invisível por arte aereo lume
 Pouco a pouco ateavão
Nas lisas carnes da real Donzella,
 E a preferida, a bella,
Miseranda Rival desesperavão.
Descendente do Sol, do Deos feroso,
Tu, zelosa, frenetica Medéa,
Foste colher ao carro luminoso
Tenue, fatal porção da luz Febéa,

Ta-

Talhaste fulvo anel da ígnea trança,
 E delle urdiste asperrima vingança.
 Estás desafrentada? Estás contente?
 Nas garras da afflicção Creusa expira:
 Jason sem alma a sente,
 Jason, que te offendeo, Jason delira,
 Brama de horror, de angustia desfalece,
 E mais que teu furor teu dó merece:
 Eis o envolve, o consterna amargo lucto,
 Foi falso, foi traidor, foi réo sem fructo.
 Que novo crime, insolito, execrando;
 Que atrocidade insana
 Vás contra a Natureza aparelhando?
 Poupa os Filhinhos, barbara, inhumana,
 Poupa os meigos Filhinhos:
 Elles são innocentes,
 Elles .inda tem jus aos teus carinhos.
 Não vês que, descontentes,
 Não vês que, enternecidos,
 A teu Fado, a teu mal dão mil gemidos,
 Solução, tremem, chorão;
 Se lamentão do Pai; e a Mãe deplorão?
 Oh Ceos! No coração da Maga horrenda
 Natureza, e Vingança
 Armão fervente, pertinaz contenda:
 Ora a Ternura suspirando amansa
 Dos Zelos a raivosa tempestade,
 Ora de agro despeito
 Ao vigoroso impulso
 Céde a benigna, maternal piedede:

Em

Em fim do irado peito
 Foge, vão carpindo Amor expulso.
 Eis a Mãi, (já não Mãi) qual ímpia Furia,
 Medonha, e desgrenhada,
 Te faz, oh Natureza, atroz injuria.
 A tua doce voz em vão lhe brada,
 Em vão lhe representa, em vão lhe pinta
 Com mimoso pincel, com varia tinta
 Aureos instantes, scenas deleitosas,
 Nos Meninos gentis em vão lhe aponta
 De amor suave as prendas carinhosas :
 Co' as imagens brilhantes
 Se assanha do divorcio a crua affronta,
 Dobra-se a pena, a raiva se requinta.
 Já lança mão dos candidos Infantes,
 E empunhando mortifero instrumento,
 Com que a Ternura espanca,
 No cerrado aposento
 Estas vozes crueis do peito arranca :
 „ Longe, affectos piedosos,
 „ Longe, materno amor : estes, que eu mato ;
 „ São Prole de Jason, são criminosos,
 „ Detestavel porção de hum peizo ingrato.
 „ Morra, morra com elles a memoria
 „ Do perfido Consorte.
 „ Justiça, Indignação, dai-me a victoria,
 „ Cessa de murmurar, oh Natureza,
 „ Recebe as tenras victimas, oh Morte.
 Nisto, em chammas do Inferno a Maga acceza ;
 Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos,

Lacrimosos Filhinhos :

Ao acto de os ferir lhe cahe por terra :

Mas a dextra fatal de novo o aferra.

Infancia, formosura, a dôr, e o pranto

Nada o terrivel impeto embarça,

• Hum apôs outro os miseros traspassa :

Tu, Ciume cruel, tu podes tanto !

No horror da morte as victimas arquejão,

E, inda sentindo a filial ternura,

A Mãi, o Algoz acarinhar desejão.

Ella, mais que rochedos seca, e dura,

Denso véo luctuoso

Sobre os rotos cadaveres estende,

E aos olhos tristes do culpado Esposo

A triste scena renovar pertende . . .

Ei-lo, ah ! Ei-lo, convulso, arrebatado,

Derriba a porta da horrorosa estancia

No lizo pavimento ensanguentado :

Ferro mortal brandindo,

Corre a Medéa com terrivel ancia.

Ao vèllo, em novas furias se affogûeã,

Relampagos dos olhos sacudindo

A torva Maga, e súbito menêa

Com rapido susurro a tenue vara,

Que ás longas vestes do perjuro applica :

Elle treme, elle pára,

Calado, immovèl, qual estatua fica ;

Porém se perde a voz, e o movimento,

Conserva illesos vista, e sentimento.

Logo o fúnebre veo Medéa açando,

Do

Do falsario Jason a angustia dobra,
 Aponta ao espectáculo nefando,
 Mostra-lhe os Filhos, e a traição lhe exprobra;
 Depois, abominando os ímpios lares,
 Theatro de seus horridos furores,
 As soberbas abobadas atrôa
 Com mil imprecações, com mil clamores,
 E em leve salto se arremessa aos ares,
 E pelos ares vôa
 De aligeros Dragões n'um carro enorme,
 Dádiva de Proserpina triforme.
 Das Górgonas, das Furias negro bando
 Retorce os olhos, que arremedão brazas,
 A segue, e vai correndo, e vai crestando
 Com rubro facho ardente ao vento as azas.
 Unisono alarido
 A sanhuda Caterva aos Ceos levanta,
 E da brutal fereza
 O triunfo atrocissimo decanta.
 O Sol na escuridão fica sumido,
 Negreja horrorisada a Natureza,
 Montanhas ergue o Mar, vulcões a Terra
 Aos sons, que o Coro estygio desencerra;
 E entretanto o misérrimo Consorte
 Jaz entre os Filhos, a lutar co' a Morte.

Triunfe, (os Monstros clamão,
 E a Compaixão suspira)
 Triunfe, reine a Ira,
 Caia, pereça Amor.

Teus

Teus raios, oh Vingança,
Jámais, jámais se apaguem,
Sempre o altar te alaguem
Ondas de rubra cor.

Pasmai, Tartáreas Hydras,
Pasma, infernal Tyranno:
Inda o furor humano
Transcende o teu furor.

Da atroz Medéa o nome
Em perennal memoria
Será do Averno a gloria,
E dos Mortaes o horror.

Tropel de acerbos males
O Mundo assalte, e fira;
Reine, triunfe a Ira,
Caia, pereça Amor.



A MORTE

D E

IGNEZ DE CASTRO

CANTATA.

Longe do caro Esposo Iгнеz formosa
 Na margem do Mondego,
 As amorosas faces aljofrava
 De mavioso pranto.
 Os melindrosos, candidos Penhores
 Do Thalamo furtivo,
 Os Filhinhos gentis, imagem della,
 No regaço da Mãi serenos gozão
 O somno da Innocencia.
 Coro subtil de aligeros Favonios,
 Que os ares embrandece,
 Ora enlevado affaga
 Com as plumas azues o Par mimoso,
 Ora, solto, inquieto
 Ent' leda travessura, em doce brinco,
 Pela Amante saudosa,
 Pelos tenros Meninos se reparte,
 E com tenue murmurio vai prender-se
 Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
 Primavera louçã, Quadra macia
 Da ternura, e das flores,

Que

Que á bella Natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao Mundo apuras

O prazer da existencia,

Tu de Ignez lacrimosa

As mágoas não distrahes com teus encantos.

Debalde o Rouxinol, cantor de amores

Nos versos naturaes os sons varia,

O limpido Mondego em vão serpêa

Cum benigno susurro, entre boninas

De lustroso matiz, almo perfume;

Em vão se doira o Sol de luz mais viva,

Os Ceos de mais pureza em vão se adornão

Por divertir-te, oh Castro:

Objectos de alegria Amor enjôão,

Se amor he desgraçado.

A meiga voz dos Zéfyras, do rio

Não te convida o somno:

Só de já fatigada

Na luta de amargosos pensamentos,

Cerras, misera, os olhos;

Mas não ha para ti, para os Amantes

Somno placido, e mudo;

Não dorme a fantasia, Amor não dorme:

Ou gratas illusões, ou negros sonhos

Assomando na idéa, espertão, rompem

O silencio da Morre.

Ah! Que fausta Visão de Ignez se apossa!

Que scena, que espectaculo assombroso

A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!

Em marmoreo salão de altas columnas

A Solio magestoso, e rutilante
 Junto ao regio Amador se crê subida;
 Graças de neve a purpura lhe envolve,
 Pende augusto Docel do tecto de oiro;
 Rico Diadema de radioso esmalte
 Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
 Nos luzentes degráos do Throno excelso
 Pomposos Cortezãos o orgulho acurváo;
 A Lisonja sagaz lhe adoça os labios,
 O Monstro da Politica se atterra,
 E se Ignez perseguia, Ignez adora.

Ella escuta os extremos,

Os vivas populares, vê o Amante
 Nos olhos estudar-lhe as leis, que dicta;
 O prazer a transporta, Amor a encanta;
 Premios, dadivas mil ao justo, ao Sabio

Magnanima confere,

Rainha esquece o que soffreo Vassalla:
 De sublimes acções orna a Grandeza,
 Felicita os Mortaes, do Sceptro he digna,
 Impera em corações... mas Ceos! Que estrondo
 O sonho encantador lhe desvanece!

Ignez sobresaltada

Desperta, e de repente aos olhos turvos
 Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
 Ministros do Furor, tres vis Algozes,
 De buídos punhaes a dextra armada,
 Contra a bella Infeliz bramando avanção.
 Ella grita, ella treme, ella descora,
 Os Fructos da temura ao seio aperta,

In-

Invocando a piedade, os Ceos, o Amante;
 Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
 A' suave attracção da formosura,
 Vós, brutos Assassinos,
 No peito lhe enterrais os ímpios ferros.
 Cahe nas sombras da Morte
 A Victima de Amor, lavada em sangue,
 As rosas, os jasmims da face amena.
 Para sempre desbotáo.
 Dos olhos se lhe some o doce lume,
 E no fatal momento
 Balbucia, arquejando: „ Esposo, Esposo. „
 Os tristes Innocentes
 A' triste Mãi se abração,
 E soltáo de agonia inutil choro.
 Ao suspiro exhalado,
 Final suspiro da formosa Extincta
 Os Amores acodem.
 Mostra a Prole de Ignez, e a tua, oh Venus,
 Igual consternação, e igual belleza:
 Huns dos outros os candidos Meninos
 Só nas azas differem,
 (Que jazem pelo campo em mil pedaços
 Carcazes de marfim, virotes de oiro)
 Súbito vôão dois do Coro alado:
 Este, raivoso, a demandar vingança
 No Tribunal de Jove,
 Aquelle a conduzir o infausto annuncio
 Ao descuidado Amante.
 Nas cem tubas da Fama o gráo desastre

Irá pelo Universo :

Hão de chorar-te, Ignez, na Hircânia os Tygres ;
No torrado Certão da Libya fera

As Serpes, os Leões hão de chorar-te.

Do Mondego, que attonito recua,

Do sentido Mondego as alvas Filhas

Em tropel doloroso

Das urnas de crystal eis vem surgindo,

Eis, attentas no horror do caso intando,

Terriveis maldições dos labios vibrão

Aos Monstros infernaes, que vão fugindo.

Já crôão de cypreste a Malfadada,

E, arrepelando as nitidas madeixas,

Lhe urdem saudosas, lúgubres endeixas.

Tu, Eco, as decoraste,

E, cortadas dos ais, assim resôão

Nos concavos penedos, que magôão :

Toldão se os ares,

Murchão-se as flores :

Morrei, Amores,

Que Ignez morreu.

Misero Esposo,

Desata o pranto,

Que o teu encanto

Ja não he teu.

Sua alma pura
Nos Ceos se encerra :
Triste da Terra
Porque a perdeu !

Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeo.

Tem roto o seio ,
Thesoiro occulto ,
Barbaro insulto
Se lhe atreueo.

De dôr, e espanto
No carro de oiro
O Numen loiro
Desfaleceo.

Aves sinistras
Aqui piarão ,
Lobos uivirão ,
O chão tremeo.

Toldão-se os ares ,
Murchão-se as flores :
Morrei , Amores ,
Que Ignez morreo.



A MORTE

DE

LEANDRO, E HERO

CANTATA.

DE horrenda cerração croada a Noite,
 Surgira ha muito da cimeria Gruta;
 Tapando o longo Ceo co'as azas longas,
 Reina em meio Universo:
 Occupáo-lhe os degrãos do negro Throno
 A Tristeza, o Silencio,
 O Medo, a Solidáo, o Amor, e o Crime;
 Vôáo lhe em roda lúgubres Fantasmas,
 Aves sinistras pousáo lhe no gremio.
 Eis manso, e manso as nuvens se entumecem,
 Eis o liquido pezo
 Rompe os enormes, carregados bojos,
 Em torrentes susurra, e cahe na Terra.
 Rebentáo furacões, flammejáo raios,
 O estrondoso trováo no Ceo rebrama,
 O fle'espono nas rochas ferve, e ronca.
 Tu, Abydêno Amante,
 Tu vé'as neste horror com a Saudade.
 Já corres insoffrido ás ermas praias,
 Donde he teu uso arremessar-te ao peço,
 E, desuro Nadador, talhando as vagas,

Teus

Teus gostos demandar na opposta margem.

Ao longé em celsa Torre, estancia cara

De Héro, Sol dos teus dias,

O brilhante sinal, o amigo lume

(Que he no facho de Amor por ella accezo)

Vês entre as sombras scintillar a espaços,

E como que te accena, e te suspira.

Debalde o Mar bramindo, o Ceo troando,

Teu impeto ameação;

Ardem-te n'alma os sofregos desejos,

Fulgurante Illusão, doirando as trevas,

N'um quadro tentador te offrece aos olhos

Glorias a furto, vívidos prazeres,

Doces mysterios, que da luz se temem.

A sagaz Esperança

Te reforça, te incita,

Jura aplacar-te o ar, pôr freio ás ondas,

Dar-te aos suspiros da suave Amada.

Attento á meiga voz, que attrahe, que mente,

No montoso Pelago te arrojas:

A' queda repentina altêa hum grito

O Corvo grasnador na dextra parte,

E os Ecos, despertando ao som medonho,

Gemem nas brutas, cavemosas fragas.

O triste agoiro te arripia as carneç,

Teus cabellos erriçz;

Mas prevalece Amor, e, expulso o medo,

Fórças a equorea, tumida braveza.

Metade já do transito afanoso

Industria, e robustez vencido havião:

Nis-

Nisto a Procella horrisona recresce,
 Tingem sombras do Inferno os véos da Noite,
 Que o súbito relampago retalha;
 Braveja o Mar, aos Astros se remontão
 Serras, e serras de fervente espuma:
 Carrancudos Tufões arrebatados
 Dobrando a força, a raiva, lutão, berrão,
 E revolvem do Pelago as entranhas:
 Rochedo immovel, afferrado á Terra,
 Rebate apenas o horroroso assalto...
 Ah Leandro infeliz! Tu já fraquêas,
 A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas
 Já, misero Amador, já te falecem.
 Procuras o distante, o caro lume,
 Astro benigno, que te influe, e guia,
 Olhas, vês que te falta,
 Que desapareceo, que jaz extincto:
 Suspiras, esmoreces;
 Da tua doce luz desamparado.
 Invocas o grão Deos, que rege os Mares:
 De teus rogos não cura, immoto, e surdo.
 Invocas de Nerêo potente as Filhas:
 Ellas ardem por ti, mas, invejosas
 Do objecto encantador, que lhes preferes,
 A's maritimas furias te abandonão.
 Héro invocas, e Amor, e os Ceos, e a Sorte:
 A Sorte he implacavel,
 Dos ma'es, que dispõe, não se arrepende,
 Teus dias sinalou de hum termo infausto.
 Debalde te auxilia o Deos mimoso,

O alado Creador de teus suspiros,
 Dos amorosos bens, que desfructaste;
 O facho luminoso em vão menêa
 Para encurtar-te as sombras,
 E mais facil tornar a undosa estrada;
 Em vão co'as azas brandas
 Tenta arrazar os orgulhosos Marés.
 Sobre altos escarcéos o Fado escuro
 Folga, triunfa, e reina,
 Punge, ameaça, desespera os Ventos,
 Enrola a Morte nas horrendas vagas.
 Ella, prompta a seu mando, ella accommette
 O deploravel Moço:
 Eis dos olhos gentis lhe turva o lume;
 O tardo movimento eis lhe sopêa,
 Pelas agoas o embebe, e de Héro o nome
 Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.
 Abaixo, acima co'as cavadas ondas
 Vai, vem mil vezes o infeliz Mancebo...
 Ai! Já sem vida aqui, e alli vaguêa
 A' discrição do Mar, e o Mar com elle
 De Sésto ás praias súbito arremete;
 Dá contra a Torre de Héro, alli rebenta,
 E deixa o triste Corpo á margem nua.
 Tu entretanto, carinhosa Amante,
 Que fazias, (oh Ceos!) que imaginavas?
 Solitaria, anhelando,
 Nas trevas espantosas,
 Nos soltos Ventos, alterosos Marés
 Lias de feio azar presagios feios.

Em

Em torno á viva luz , que vigiavas ,
 (Que em raro véo com arte envolto havias ,
 Resguardado-a dos ares indignados)
 Em torno á viva luz eis de improviso
 Negro insecto voou , zunio tres vezes ,
 E á terceira apagou a esperta chamma ;
 (Foi no ponto funesto , em que o Mancebo
 Com teu nome adocou o extremo arranco)
 Do repentino assombro espavorida ,

Attonita , convulsa ,

O agoirado clarão não renovaste.
 Em ancias imp'orando os Deoses todos ,
 E mais que todos o que em ti reinava ,
 A bem do affeito , desvelado Amante
 Ao Numen indulgente , á Mãi piedosa
 Mil incensos , mil victimas votaste.
 Depois , cevando a revoltosa idéa
 Em terriveis imagens ,
 Ora do Moço audaz o usado arrojio
 Reprovavas comtigo ,
 Ora a cega imprudencia maldizias ,
 Com que em tão desabrida , horrivel noite
 A perigosa senha aventuráras...
 Ah triste ! Contra ti não te conjures :
 Foi lei dos Fados a imprudencia tua.

Héro desanimada ,

Metida em profundissimo lethargo ,
 Jaz sem tino , e sem voz , até que apenta
 A purpúrea manhã no Ceo já ledó .

Fato o cruel Destino ,

Adelgaçára os ares,
Ao pego a mansidão restituíra
Depois que a terna Victima saudosa
Foi suffocada nas voragens feras.
Elle, o duro Oppressor dos desditosos,
Elle do almo prazer, que os dois gozárão,
Está vingado em parte, e da vingança
A' Desesperação commette o resto.
Héro, ah Héro infeliz! Tu pelas agoas
Humida vista, suspirando, alongas.
Não vês o Nadador, por quem desmaias,
O teu bem não fluctua
Pelas ondas desertas.
Eis a consternação te inclina os olhos
A' pedregosa arêa
Onde o Desventurado está sem alma.
Que vista! Que terror! As alvas carnes,
Rôtas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejão sangue, aberta a boca,
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, oh Héro, murmurar teu nome.
No espectáculo horrendo,
Misera, tu reparas,
Tu... Ceos! Não lhe acudis! Tu reconheces
O querido semblante, o corpo amado,
Entre as sombras da Morte inda formoso:
Com pallidez, que a pinta,
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve ás tranças de oiro,
E as tranças de oiro, delirando, arrancas.

Levada em fim de hum impeto raivoso,
 Te arremessas da Torre, e ds, e entregas
 O teu ai derradeiro ao mudo Amante.
 Lá jazem sobre a arêa luctuosa

As victimas do Fado ;

Nas angustias mortaes a linda Moça
 Inda , estendendo os amorosos braços ,
 Tenta apertar o suspirado Objecto.
 Apiedados Delfins nas ondas surgem ,
 E altos sons (oh prodigio !) derramando ,
 Lamentão junto á praia o duro caso :
 As mesmas Nynfas invejosas de Héro
 Solução de pezar nos vitreos lares.
 Hum marmoreo padrão se erige em breve ;
 Compadecidas Mãos a historia triste
 Gravão na lisa pedra : a pedra existe ;
 Mas o Monstro voraz , que roe penedos ,
 Comendo em parte a fúnebre escritura ,

Só deixa soletrar-lhe

O remate piedoso ,

Em meus piedosos versos trasladado ,

Carpido ao som da lyra :

Inda agora de ouவில் Amor suspira.

Aos dois Amantes

De Abydo, e Sésto

Ardor funesto

Deo negro fim.

Forão-lhe Algozes
Os seus extremos:
Mortaes, amemos,
Mas não assim.



AO ILL.MO, E EX.MO SENHOR
MARQUEZ DE POMBAL,
&c. &c. &c.

EPISTOLA.

Seigneur, si jusqu'ici par un trait de prudence
J'ai demeuré pour toi dans un humble silence,
Ce n'est pas que mon coeur, vainement suspendu,
Balance pour t'offrir un encens qui t'est du.

Boileau.

SÓ conheço de ti grandeza, e nome,
Magnanimo Pombal, jamais teus olhos
Com doce, amavel, usual brandura
De meus destinos a humildade honraráo;
Sempre Fortuna, do meu mal sedenta,
Vedou que, em teu louvor pulsando a lyra,
Arremessasse o canto além dos Tempos,
E em premio fosse de te dar meus hymnos
Contigo reluzir na Eternidade:

De-

Declive espaço, que entre nós se estende
Froxo alento abatia o Vate ancioso,
Quando apenas tentava o cume excelso,
Onde, recta huma vez, não caprichosa,
Te ergueo, te amima, te laurêa a Sorte.
Hoje, porém, Senhor, que má Ventura
Golpes, e golpes sobre mim desfecha,
Hoje que ferrea lei de negros Fados
Me esmaga o coração, me enluta os dias,
Ao desmedido espaço a dôr se arroja,
Lenitivo benefico implorando,
Vence o longo intervallo, a ti se eleva.
Dá-me tão alto jus tua alta Fama,
Minha tribulação tem jus tão alto:
Perante as Almas, que a Virude accende,
He grave intercessor a Adversidade:
O Mortal infeliz, o Desvalido
Invoca o Generoso, o Pio, o Grande,
O Grande, o Pio, o Generoso abriga
Das furias do Destino o Malfadado.
Carcere umbroso, do sepulcro imagem,
Caladas sombras de perpetua morte
Me ancêão, me suffocão, me horrorisão.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime, que aos direitos attentasse
Do Solio, da Moral, da Natureza
Neste profundo horror me tem submerso.
A Calumnia fallaz, de astucias fertil,
Urdio meus males, affeou meu nome,
Mil, e mil vicios extrahio do Averno,

Mi-

Minha Fama, Senhor, que, honrada, illesa,
 Vagava o seio de Ulissea altiva,
 Foi pelo estygio Bando assalteada:
 Bramindo, lhe ennegrece a tez lustrosa,
 Torna-lhe a nivea cor da cor do Abysmo:
 Doira Zelo impostor paixões danadas,
 Delatores crueis com arte envolvem
 Vis interesses no exterior brilhante
 Da Razão, da Justiça, e da Verdade;
 Cahe a Innocencia, victima da Inveja,
 Dos Zoilos o rancor de mim triunfa.
 Eis-me vedado ao Sol, vedado ao Mundo,
 Eis a reminiscencia apenas traça
 O quadro do Universo á minha idéa,
 Que, se aos olhos illusos dera assenso,
 Julgára que inda os Ceos, que inda as Estrellas
 Não tinham rebentado á voz do Eterno,
 Que a antiga escuridão, que o Cáo informe
 No que hoje he Natureza inda reinava,
 Que na mente immortal do Rei dos Fados
 Inda em mudo embrião jazia a Terra.
 Memoria, e dôr minha existencia prováo,
 Porém dôr, e memoria o ser me azedáo,
 E a Desesperação, desfeita em pranto,
 Inutil vida aborrecendo, anhela
 A paz, e o somno do insensivel Nada.
 Sobre meu coração tormentos fervem,
 E pela fantasia exacerbados,
 Se embebem no pavor da Morte horrenda:
 D'hum lado em trage infame a vil Affronta;

Sordido Espectro, me affogua o rosto,
 A doce Patria de outro lado afflicta
 Hum doloroso a Deos me diz carpindo:
 Aqui, e alli mil pallidos Fantasmas,
 Prole do Medo, com visagens feias
 Série me agoirão de amargosos damnos,
 Nestes horrores a existencia pasma,
 O exercicio vital em ocio fica,
 Sentidos, forças o terror me absorve.
 Tal he, Genio preclaro, a ordem triste
 De meus funestos, nebulosos dias,
 Dias marcados no volume eterno
 Pela torrida mão da Desventura.
 Ah! No maligno seculo corrupto,
 Em que o duro Egoismo abrange a Terra,
 Inda restão, Senhor, ao desditoso
 Benignos corações, que se repartão,
 Que para os seus prazeres só não vivão,
 Que sintão, que venerem, que pratiquem
 Lei no Altar da Razão por Jove escripta,
 Lei na infancia do Mundo ao Mundo imposta:
 = O Homem favor, e asylo ao Homem preste,
 = Mutua beneficencia os Entes ligue =.
 Teu grande coração colheo taes dores
 No thesoiro, onde os zela a Natureza,
 Mesquinha de seus dons co'a Terra ingrata.
 Além da condição o heroico exemplo
 Em teu peito arreigou feliz semente,
 Da qual se erguêrão generosos fructos.
 O Varão providente, o Pai da Patria,

O assombroso Carvalho, o Luso Atlante,
 Cuja vista mental descortinava
 Os sumidos arcanos tenebrosos,
 Onde sagaz Política se entranha:
 O decantado Heróe, que d'entre as cinzas,
 D'entre os dispersos, lúgubres estragos,
 Efeitos de Fenomeno terrível,
 Mais ampla fez surgir, surgir mais bella
 A vasta Fundação dos Gregos duros,
 Que de soberbas Torres magestosas,
 De ingentes, sumptuosos Edifícios
 Os hombros carregou d'alta Lisboa:
 O Politico excelso, a cujo aceno
 Vinhão, prenes de fúlgidos thesoiros,
 Alterosos Baixeis arfar no Téjo,
 E a risonha Abundância dadivosa
 Da fausta Lusitania enchia os lares;
 O Zelador fiel do Altar, do Throno,
 O Escudo, o Creador das Leis, das Artes;
 Aquelle, em fim, Senhor, que, o véo soltando,
 Em que etherea porção luzia envôlta,
 Vive nos Corações, nos Ceos, na Fama,
 Teu memoravel Pai te abriu a estrada,
 Por onde foste ao Pólo, em que és Luzeiro.
 Nos Elysios curvada a Sombra illustre,
 Olhos fitos em ti, de lá te acena,
 De lá te influe espiritos sublimes,
 Prestante emulação, com que o renovas.
 Heróe, fructo de Heróe, protege, ampara
 Ente oppresso, infeliz, que a ti recorre,

Lava-lhe as manchas da Calumnia torpe,
 Ao Throno augusto da immortal Maria
 Com lamentosa voz dirige, altèa
 Do misero Bocage os ais, e as preces;
 Desfaze a treva, que lhe spanca o dia,
 Rompe as correntes, cujo som medonho,
 De Febo os gratos sons lhe descompassa,
 Tremendo ao feio estrondo a voz, e a dextra.
 Já tocaste, Senhor, da Gloria o cume,
 Socios (inda que raros) tens com tudo:
 Delles póde isolar-te hum grão mais alto,
 Grão onde o Fado occulta o bem, que imploro.
 Das avarentas mãos sobe a arrancar-lhe
 O defeso penhor, minha ventura.
 Nisto he virtude transcender o extremo:
 Remaindô hum Triste de oppressão tão crua,
 As balisas transpõe da Heroicidade.



AO ILL.MO, E EX.MO SENHOR

MARQUEZ DE PONTE DE LIMA,

&c. &c. &c.

EPISTOLA.

SE aos miseros, Senhor, não he vedado
 No abysmo, em que os confunde a Desventura,
 Seus males exprimir, chorar seu Fado:

Mi-

Minha consternação, minha amargura
Vai demandar em ti sagrado asylo,
A colheita efficaz em ti procura.

Tem as Angustias enfadoso estylo,
Mas tu, attento ás leis da Humanidade,
Tu não te has de enojar, Senhor, de ouvillo.

Outros querem louvor, eu só piedade,
Piedade, que a perder o gosto á Fama
Até já me ensinou a Adversidade.

De ethereo Dom, que espiritos inflamma,
A chamma nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lagrimas a chamma.

Dos Joiros, que cingi, não cuido agora:
He meu unico objecto o lenitivo
Da tenaz afflicção, que me devora.

Em carcere, a que o Sol medroso, esquivo
Seu lume bemfeitor jámais envia,
E onde sómente a dôr me diz que vivo:

Na idéa, com que apenas sei ha-dia,
Encarando, Senhor, tua grandeza,
Tua alma generosa, affavel, pia:

D'entre as sombras da Noite, e da Tristeza
Vendo luzir mil dons, com que a Ventura
Se unio por gloria tua á Natureza,

A Sorte se me antolha menos dura,
Pondero o teu favor saudavel Porto
Contra os horrores de Procella escura:

Por vil calumnia moralmente morto,
A' fysica extinção darei o alento,
Se imaginario for este conforto.

O rumor, que me ultraja, he fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.

Deeste o Falso, o Ingrato, o Dissoluto,
Do Triste, do Infeliz não olho ao damno
Com ferreo deamor, com rosto enxuto:

Vejo a copia de hum Deos no Soberano,
Curvo-me ás Aras, em silencio adoro
D'alta Religião o eterno arcano:

Sim erros commetti, mas erros choro,
Não com pranto sagaz, que a vista illude:
Da abjecta Hypocrisia ardis gnoro.

O brilhante caracter da Virtude ;
Arma contra os asperrimos Destinos ,
Tem cultos meus : o imparcial me estude.

Na Quadra das paixões , dos desatinos
Se deixei de cumprir , fiel , e exacto
Preceitos veneraveis , são , divinos :

Não sou para com Deos só eu o ingrato ;
Muitos , que me ennegrecem , que me affeão ,
São talvez meu modelo , ou meu retrato.

: Remorsos devorantes não me ancêão :
Mais fraqueza do que indole , meus vicios
As forças da Razão me não sopêão.

Eis , Senhor , porque espero achar propicios
Teus influxos comigo , e que derrames
Por minhas afflicções teus beneficios.

De mordazes Insectos vis enxames
Me ferem , me envenenão , vão lançando
Sobre o caracter meu labéos infames.

Embebe o coração flexivel , brando
Na maviosa dôr , que em mim suspira ,
Que em mim por teu soccorro está chamando.

O Deos, a que hum só ai remove a ira,
O Etemo, o Bemfeitor, o Omnipotente
Doce clemencia na tua alma inspira.

Se apraz aos Ceos hum animo innocente,
Tambem he grato aos Ceos o arrependido:
Huma lagrima extingue o raio ardente.

Deixa pousar, Senhor, no attento ouvido
A queixosa, tristissima linguagem,
As súplicas, e os ais de hum perseguido.

Do susto, da oppressão, do horror, do ultrage
Só'ta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage;

Teu Braço, teu Poder, meus Fados vença,
Como atras nuvens de vapor maligno
Rebate o Sol co' a fulgida presença;

Ganha-me a compaixão do Heróe benigno,
Do Principe immortal, que em nós impéra,
Não só de hum Throno, de mil Thronos digno:

Tolhe-me ás furias da Calumnia fera,
Que o premio singular, premio sublime,
O que o Mundo não dá, nos Ceos te espera:

Teu

Teu peito de meus males se lastime ;
 Erros tenho , não crimes commettido ;
 O erro exige perdão , castigo o crime.

Inda que da Ventura és tão querido ,
 Inda que o Ceo te ergueo a excelso estado ,
 Mais he valer , Senhor , ao desvalido ,
 Mais he tornar feliz hum desgraçado.



AO ILL. MO , E EX. MO SENHOR
 MARQUEZ DE ABRANTES ,

Mordomo Fidalgo da Misericordia.

&c. &c. &c.

E P I S T O L A.

TU , de antigos Heróes Progenie excelsa ,
 Ramo , de regia Planta derivado ,
 D'acudir ao Pequeno , ao desvalido
 Tens , benigno Marquez , dever sagrado.

Depois de conferir-te hum grão sublime
 Ainda não contente a Divindade ,
 Une-te á posse de inclyta grandeza
 O santo ministerio da piedade :

Oc-

Occasião te dá para exerceres
Affável, paternal beneficencia
Na estancia da Oppressão, cá onde o crime
Caminha par a par com a Innocencia.

Afferrolhada, miseravel Turba,
A quem cinge o grilhão, e a fome abate,
Já cuida que te vê na mão prestante
Dádiva pia, e pródigo resgate.

Qual por ermos incognitos perdido
O lasso Caminhante o dia anhela,
Deseja d'entre sombras triste Chusma
Ver luzir teu favor nos males della.

Do número infeliz, que te suspira,
Lastimosa porção me fez a Sorte,
Lançou-me em feio abysmo, onde parece
Que entre seus Cortezãos preside a Morte.

Que he Morte? Solidão? Silencio? Trevas?
Tudo isto occupa o lúgubre aposento:
Silencio, trevas, solidão me abrangem,
E horrores multiplica o pensamento.

De atroz perfidia as nodoas não me infamão,
Remorsos me não fervem na tristeza,
Em barbaras accões, em negros crimes
Não tenho profanado a Natureza;

Com

Com ferro abominavel entre as Furias
Impio golpe não dei no patrio seio :
Sempre a cauta Razão me tem sustido
Reluctantes paixões com util freio.

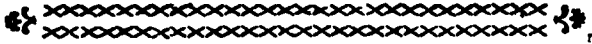
Desventurado sou, não sou perverso ,
Ao jugo de altas leis o collo inclino ,
E no humano Poder contemplo , adoro
Augusta imagem do Poder divino.

Torpe, invejosa, perfida Calumnia,
Monstro devorador da honra alhêa,
Não me prostra o valor de todo ainda,
Com vèlla tão cruel, com ser tão fêa.

Os damnos, que me urdio, baldar-lhe espero,
Nos sentimentos meus, e em ti fiado;
Tu, Grande, tu, Benefico, tu, Forte,
Emprende a gloria de vencer meu Fado:

Protege a causa do Infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade,
Guia os suspiros meus, e as preces minhas
Ao Throno, onde reluz a Humanidade.

A' Grandeza, e Virtude asylo imploro;
Tu gozas da Virtude, e da Grandeza;
Estes brilhantes dons comigo apura:
Terá mais hum triumpho a Natureza.



EPISTOLA IMPROVISADA,

A Ti, (que ás outras leis da Humanidade
Cumprindo-as , antepões a mais formosa
De todas as Virtudes , a Piedade)

A ti cá de erma estancia pavorosa ,
Onde ferreo Poder o some ao dia ,
Vôa do ancioso amigo a voz queixosa :

A voz de Elmano , a voz , que te attrahia ,
Quando em mimoso verso eternizava
Graças , encantos , perfeições de Armia.

Meus puros dias o Prazer doirava ,
Em quanto contra mim fatal Procella ,
No bojo da Calumnia fermentava.

Onde crime não ha , não ha cautela ;
Por não temer-me da brutal crueza ,
Qual victima succumbo ás furias della.

Fera , ardente aversão , no Inferno acceza ,
Em grave Tribunal ousou pintar-me
Escandalo do Ceo , da Natureza ;

Dos

Dos vícios , que levava , ousou manchar-me ;
Foi escutada a vil , a vil foi crida ,
Dura força correo a agrilhoar-me.

De feroz Conductor mão desabrida
Eis me arremessa em horrida masmorra ,
Onde co' a morte se parece a vida.

Aqui , longe de haver quem me soccorra ,
Na solidão funesta , em que desmaio ,
Sem que importe ao Rigor que eu viva , ou morra :

Neste da sepultura escuro ensaio ,
A que ás vezes o Sol compadecido
Dirige a furto , a medo hum tenue raio :

Volvendo-te , meu Chaves , no sentido ;
Os beneficios teus chamando á mente ,
E os males , de que fui por ti remido ,

Surge d'entre as angustias de repente ,
Desenrugando as faces a Tristeza ,
Huma doce esperança me consente.

O soberano Author da Redondeza
Parece que te quer , piedoso amigo ,
Da minha redempção fiar a empresa.

De Bocage infeliz sê prompto abrigo ;
 Estorva que se mirre hum desgraçado
 Neste mal , neste horror , neste jazigo.

Do crime corruptor não fui manchado ,
 Alta Religião me attrahe , me inflamma ,
 Amo a Virtude , o Throno , as Leis , o Estado.

Acima de meus Zoilos me ergue a Fama:
 Eis porque o negro Bando , atroz , maldito
 Sobre minhas acções seu fel derrama.

Só erros commetti , (he este o grito
 Da ingenua Consciencia) mas padeço
 As penas , com que a Lei fere o delicto.

Depois que nestas sombras esmoreço ,
 Duas vezes brilhando a plena Lua
 Tem roubado ás Estrellas o aureo preço.

Ah ! Funde-se o teu nome , a gloria tua
 No pio intento de romper-me o laço ,
 Que a Sorte me lançou raivosa , e crua.

Do benigno Laurénio invoca o braço ,
 O braço protector dos desditosos ,
 Jámais em dons beneficos escaço.

Elle aos ouvidos faceis , e piedosos
Do sublime Varão , do Egregio Lima
Conduza meus suspiros lastimosos ;

Que eu , a quem Febo acolhe , accende , estima ,
Da honrosa Gratidão arrebatado ,
Ornarei seu louvor de eterna rima.

Os Ceos na sua mão depõe meu Fado :
Alma heroica , imitando-lhe a clemencia ,
Me arranque deste carcere enlutado ,
E me reforçe a languida existencia.

AOS

Ao Senhor Joaquim Rodrigues Chaves.



AOS FELICISSIMOS ANNOS

DO ILL.^{MO}, E EX.^{MO} SENHOR
 JOSÉ DE SEABRA DA SILVA,

*Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios
 do Reino, &c. &c. &c.*

V E R S O S S O L T O S .

In te spes omnis . . . nobis sita est :
 Te solum habemus : tu es patronus , tu parens .

Terent. Comæd. Adolph. Act. 3. Sc. 5.

Costume de chorar, tenaz costume ,
 Horas dadas ao pranto, eia, doirai-vos ;
 Hum dia de prazer por tantos dias
 De amargura, e de horror me cabe ao menos.
 Memoria, e coração, despindo o luto
 De antigos males, de recentes damnos,
 Em honra da Virtude exultem, deixem
 Azas libertas ao Furor sagrado.
 O que he das Musas digno, as Musas cantem,
 O que he digno dos Ceos, aos Ceos mandemos,
 E se o calor Febêo morrer na mente,
 Tu, brilhante Razão, serás meu estro.
 Renasce hum dia, que em caracter de oiro

Ha

Ha de sobresahir nos Lusos Fastos ,
Renasce hum dia parecido áquelle ,
Que ao sorriso de hum Deos surgio do Nada ,
E he symbolo do Ceo , symbolo d'Alma ,
Em quem mil claros dons meu canto exigem.
Salve, oh grande Natal, que em gloria cedes
Sómente ao portentoso, aureo momento,
Em que attonita vio a indigna Terra
No véo da Humanidade hum Nume occulto :
Salve, Dia immortal, que, rebentando
D'entre os fuis da temporal Cadeia,
Serás co' a Eternidade encorporado,
Sabendo-te a differença apenas Jove.
Que ufano ergueste no Horizonte a face!
Que insolito pavor pozeste á Noite!
De vulgares nataes ao lume affeita,
Altamente estranhou a tua Aurora.
Vio nella os Risos, vio as Graças nella,
Não Risos, e não Graças da Molleza :
A Virtude, a Razão robustas, graves
N'um ar viril, sisudo as envolverão.
A Deosa carrancuda, estremecendo
No carro, que dos Astros se rodea,
Sólta os negros cordões aos negros Brutos,
Co' a dextra sobre os dorsos amiuda
De atro flagello horrisonos estalos,
E o Medo a rapidez multiplicando,
Quasi de hum salto pelo Inferno a some,
Serena, e pura a Natureza fica,
Fica digna de ti, dia risonho,

Dia em que ethereo dom luzio no Mundo.
 Foi Seabra este dom, nasceo com elle
 De insignes attributos copia immensa,
 Os que nunca os Mortaes em dote houverão;
 Da Mão suprema n'um só Ente unidos.
 No horóscopo do Heróe sorrio-se o Fado,
 As rugas aplanou da fronte horrenda,
 Olhos, que de huma vez contemplão tudo,
 Na recente fitou candida face,
 E d'entre as sombras dos Mystérios fundos
 Taes Destinos predisse ao caro Infante:
 „ Serás da Patria, do Universo a gloria,
 „ Cem tubas, com que a Fama o Globo atrôa,
 „ Hão de apenas bastar para teu nome;
 „ Verás d'alta Politica os arcanos
 „ A' perspicacia tua escancarados,
 „ Tua mente lustrosa, e veladora,
 „ Arduas combinações sagaz travando,
 „ Fará sobre a altiçez, sobre a grandeza
 „ Do Tâmisis, do Sena alçar-se o Téjo:
 „ Teu espirito ao Mundo assombros novos
 „ Apercebendo irá, e inda maiores
 „ Teu coração promette á Natureza.
 „ Piedade, rectidão, beneficencia,
 „ A magnanimidade, os dons sagrados,
 „ Almos effluvios do Luzeiro eterno,
 „ Que do eleito Mortal ao seio emanão,
 „ Todos mistos em ti, farão que passes
 „ Os exemplos não só, té as idéas,
 „ Amplas idéas da virtude humana.

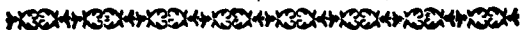
Ao

„ Ao Desvalido , ao Triste , ao Malfadado
 „ Mil vezes teu favor será guarida ,
 „ E por ti vezes mil de inexoravel
 „ O atroz character desperei com elles :
 „ Virtude até commove , altera o Fado ;
 „ Se Virtude se exalta ao grão da tua.
 Dest' arte a voz fatal , e omnipotente
 Teus futuros abrio , Seabra Illustre ,
 E entre todos os titulos fulgentes ,
 De que em ti se compôz moral gandeza ,
 Tão sublime nenhum , nenhum tão raro
 Como o de Amigo , e Pai dos não ditosos ,
 Daquelles , cujo mal não vem do crime ,
 Cujoo mal tem raiz nas mãos da Sorte.
 Eu , aggregado ao número funesto
 Das victimas chorosas do Infortunio ,
 Que trago na cerviz , na frente , e n'alma
 Seu pezo esmagador , seu nome acerbo ,
 Em vão com teu formoso , egregio dia
 Em vão quero illudir , corar meus males.
 Por entre os turbilhões de altas idéas ,
 Que abala o teu natal , e a gloria tua ,
 Na mente alvoroçada imagens tristes ,
 Negras , medonhas como d'antes surgem.
 Para gemer , Senhor , para chorar-me
 Tenho , além da razão , tenho o costume ;
 Segunda Natureza em nós se torna ,
 Só força mais que humana he que o remove :
 Tu , que em summa virtude és mais que humano ,
 Converte a guerra em paz , e em riso o luto ,

Que do Vate infeliz envolve a mente ;
 Arranca-me ao penoso , ao ferreo jugo
 Da Sorte avessa , da tenaz Desgraça ;
 Compassivo a meus ais , exerce , e cumpre
 O que de ti soou na voz do Fado ;
 Quasi hum Deos para mim , renova esta alma ,
 Esta alma , que em suspiros se evapora ,
 Torna-me cysne em fim com teus influxos ,
 Que eleve o canto , sem que a Morte o siga .
 São raros os Camões , o Dom divino
 Em raros póde mais , que a desventura :
 Nestas sombras se apaga o sacro fogo ,
 Nas garras da Indigencia as Musas morrem .
 Ah ! Destes males não pereça a minha ,
 A minha , que subio aos teus leuvores .
 E's magnanimo , és grande , os Ceos , os Fados
 Da Fortuna os thesoiros te doirão ,
 Tens o jus , e o poder , ambos augustos ,
 De tornar venturoso o desgraçado ,
 E's orgão da suprema Authoridade ,
 Puro , e vasto canal , por onde as graças
 Manão do Throao excelso ao curvo rôgo .
 Doce , tenue porção dos dons immensos ,
 Que o Ceo te conferio , confere ao triste ,
 Cujá voz lamentosa a ti se eleva ,
 Cujá fama , Senhor , purificaste
 Das nodoas torpes da mordaz Calumnia ,
 E a quem já vezes mil n'um teu sorriso
 Déste amavel penhor de bens vindoiros .
 Realiza , effeitua o grato annuncio :

As-

Assim teu dia , sobranceiro á Morte ,
 Tome sempre a brilhar , como hoje brilha ;
 Assim da clara Esposa as brandas graças
 Sempre enfeiticem teus benignos olhos ,
 E o florecente Par , delicias tuas ,
 A Dadiva celeste , a digna Prole ,
 Prole , em que te revês , com que te encantas ,
 Tão grande como tu , produza , anime
 Longa série de Heróes , que leve a gloria
 Ao termo do Universo , ou do teu Nome.



R E T R A T O .

EM quanto os gados
 Pascem dispersos
 Cazem-se á lyra
 Meus brandos versos.

Tirso , que adoras
 Nise engraçada ,
 Ouve o retrato
 Da minha Amada.

Em seus cabellos
 Soltos , e ondados
 Mil Cupidinhos
 Estão pousados.

Lá ,

Lá, convertidos
Em virações,
Ordenão laços,
Armão traições.

Os olhos della
São como o Ceo,
Depois que a Noite
Desdobra o véo,

Tem tal virtude,
Tal movimento,
Que encolhe as azas
Ao pensamento:

Na linda face
De neve pura,
Onde entre as rosas
Brilha a candura,

Ha certa graça,
Certa viveza
Mais attractiva,
Que a gentileza:

Nos doces labios
Qualquer sorriso
Aviva déas
Do Paraiso:

Ornão-lhe o seio
De eburnea cor
Por fóra as Graças,
Por dentro Amor:

Alli assaltos
De audaz desejo
Move a Ternura,
Rebate o Pejo:

Das melindrosas
Mãos transparentes
Os alvedrios
Ficão pendentés:

Lisas columnas,
Taes como as creio,
De obras divinas
Candido esteio,

Guardão thesoiro
De alta valia,
Que só se goza
Na fantasia.

Ah! Que, attrahido
Da imagem bella,
Meu pensamento
Se absorve nella!

Tirso, não posso
 Pintar o mais,
 Meus brandos versos
 Tornão-se em ais.

Já tu conheces
 A formosura,
 Que foi objecto
 Desta pintura.

Quem do retrato
 Não ajuiza
 Que ou he de Venus,
 Ou de Felisa?



R E T R A T O.

Vive na margem
 Do Téjo loiro
 Candida Ninfa,
 De Amor thesoiro.

Ma:

Madeiras bellas
Ao ar lhe ondeão,
Que os pensamentos
Soltas enleão:

Seus olhos ternos
De alta belleza
São dois milagres
Da Natureza:

A Liberdade
Morre de os ver,
Mas tem na morte
Doce prazer:

Em suas lindas
Faces lustrosas
O pejo enfeitão
Jasmins, e rosas:

Nos puros labios
De acceza cor
Mudado em riso,
Triunfa Amor.

Hum véo lhe some
Globos de nevê,
E a Fantasia
Só se lhe atreve.

Nas mãos formosas
Mudos desejos
Dão-lhe invisíveis,
Sofregos beijos.

Dê mil delicias
Cofre sagrado,
Tão escondido,
Quão suspirado,

Recebe della
Virtude tanta,
Que até na idéa
Gozado encanta.

O Deos terrível,
O summo Jove,
Que os Ceos occupa,
Que os Astros move,

Hum dia os olhos
Volvendo á Terra,
Vio esta Nynfa,
Das Almas guerra.

Sentio de gosto
Doce desmaio,
Mudou de aspecto,
Cahio-lhe o raio.

Pasmou de humano ,
Raro portento ,
Fugio-lhe Venus
Do pensamento ;

De novo em Cysne
Foi transformar-se ,
Mas a Virtude
Soube o disfarce.

Ah ! Se até Jove
Ferve em ternura ,
Vendo os encantos
De Armânia pura ,

Se elles o ferem ,
Que mal , que damno
Farão no peito
Do temo Elmano !



ODE ANACREONTICA.

Formosa Marilia,
 Modelo das Graças,
 Que mil pensamentos
 Accendes, e enlaças,

Aquelle que animão
 Teus doces agrados,
 Terror dos Amantes,
 Mimoso dos Fados,

Se folgas de ouvillo
 Por ti suspirar,
 Ao Ceo dos Amores
 Não deixes voar.

Dos Homens ignoras
 A indole errante!
 Quem he muito amado,
 Não he muito amante.



O U T R A.

DO vasto Abyssmo,
Do Eterno horror
Surgio a Angustia
De negra cor.

Logo apôs ella
Veio o Queixume,
E o delirante,
Feroz Ciume.

Determinavão
Em crua guerra
De pranto, e sangue
Banhar a Terra:

Eis que Amarilis,
Idolo meu
Entre mil Graças
Lhe appareceo.

Oh milagroso
Dom da Belleza!
No mesmo instante
Rio-se a Tristeza;

O agro Lamento
 Mudo ficou :
 Só o Ciume
 Desesperou.



O U T R A.

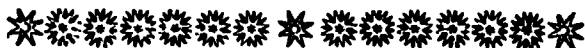
Poupando votos
 A' loira Isbéla ,
 Se Amor fallasse
 Nos olhos della ,

De almos Prazeres
 Me pousaria
 Candido enxa-me
 Na fantasia.

Outros , que as Almas
 Tambem têm prezas ,
 Se regosijão
 De ouvir finezas ;

Eu antes quero
 Muda expressão :
 Os labios mentem ,
 Os olhos não.

OU-



O U T R A ,

Imitada de hans versos de Mr. Parry.

SE os Deoses me conferissem
 A suprema faculdade
 De espraiaer a luz do dia,
 E a nocturna escuridade,

Tarde no roxo Horizonte,
 Candida Aurora, assomáras,
 Tarde as viçosas boninas
 Com teu pranto rociáras.

O Deos, de que és precursora,
 Só duas horas não mais
 Vibrára neste Hemisferio
 Seus raios, a Amor fatais.

Mais longa seria a noite,
 Mais felices os Amantes;
 E eu, a sabor dos prazeres,
 Dividira os meus instantes:

A quarta parte do tempo
 Ao grato somno a daria,
 Outra igual ás brandas Musas,
 E ametade á minha Armia.

OU-



O U T R A ,

Imitada do mesmo.

BRando leito de verdura,
Linda alcatifa de flores,
Formoso vergel, plantado
Pelas Graças, e os Amores,

Recebe estas frescas agoas,
Que te deve hum grato Amante,
Crôa-te de nova ervinha,
Viceja, lugar fragrante.

Quando lá no ethereo cume
Raios o Sol dardejar,
Almos, benignos Favonios
Te venhão desafrontar.

As debruçadas alfenas,
Prezas n'um confuso enleio,
Miudo pranto da Aurora
Distillem sobre teu seio.

Dobra-te ao suave pezo
Da minha Armia engraçada,
Dobra-te, relva mimosa,
De boninas matizada.

Mas

Mas depois ergue-te á pressa ,
 Que se os brincos amorosos
 Amarrotada indicares ,
 Não faltão invejesos.



CANÇONETA.

ARmania, de alvo rosto,
 Encantador, divino,
 Vagava junto á margem
 Do Téjo crystallino.

Em torno á branda Nynfa
 Se ria a Natureza,
 Ufana em ter creado
 Tão nova gentileza:

Zefyro, enchendo as rosas
 Da mágoa, e de ciume,
 Hia nos labios della
 Gozar melhor perfume:

Lindos, subtis insectos
 A' roda lhe adejavão,
 E os loiros Amorzinhos
 De inveja os enxotavão:

Sobre o matiz dos prados
O deleitoso Abril
Tornava-se de vèlla
Mais ledô, e mais gentil:

A flor, que pelo vento
Jazêra debruçada,
Erguia o tenro collo,
Dos tenros pés tocada:

Com rapidos gorgêios
O rouxinol, que encanta,
Para seguir-lhe os passos
Hia de planta em planta:

A' Nynfa, que o pizava,
O chão se amollecia;
Cada sorriso della
Abrilantava o dia:

Dobrando a graça, o lustre
Do azul, ethereo véo,
No maior bem da Terra
Se recreava o Ceo:

O Téjo namorado
Cedêra a uma de oiro,
Se Amor lhe dêsse em troca
Tão singular thesoiro;

Tudo íprazer sentia
Ao ver hum tal portento ;
O Ceo , a Terra , as Aves ,
O Rio , o Sol , e o Vento ;

Mas o amoroso Elmano ,
Notando occulto a Bella ,
Colhia outros effeitos
Dos attractivos della ;

Vibravão-lhe seus olhos
Envenenado tiro :
Por onde a frecha entrava ,
Sahia-lhe hum suspiro.

Eis-que o Menino Idalio ,
Que aos tristes Amadores
Cruentas serpes guarda
Entre mimosas fiores ,

Ao som de hum ai , que exhala
O mavioso Amante ,
Encara , vóa , e diz-lhe
Com rispido semblante :

Dos Fados no volume
Este Decreto está :
,, Quem for mais extremoso ,
,, Mais infeliz será.

Nisto revôa o Nume
Na Nynfa para o lado,
Deixando em amarguras
Submerso, o desgraçado.

Ah lastimoso Elmano!
O que ao Traidor ouviste
Desterra vãos desejos
Para o silencio triste.

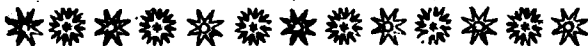
Mas sempre ardor interno,
Muda paixão te rale,
Que a perfeição de Armânia
Os teus martyrios vale.

E se entre agudas garras
De acerbos, desprazeres
A mil fataes combates
Teu coração renderes,

A linda mão, que adoras,
Em fim compadecida,
Talvez te doire a morte,
Se te escurece a vida.

Póde a teu ponto extremo
Illuminar o horror
A bella, a doce Armânia,
Astro do Ceo de Amor.

Dize-lhe então, soltando
Os derradeiros ais,
Que antes morrer por ella,
Do que viver co' as mais.



Q U A D R A S.

„ **D**Eos de Amor, (a Amor eu disse)
„ Sou feliz, venci meu Fado,
„ Quebrei de antigas tristezas
„ O jugo, a que estive atado;

„ Achei piedade em Felisa,
„ Entre as mais bellas tão bella,
„ Que nem tua Mãi possui
„ Olhos: como os olhos della.

„ Aquelles. Astros benignos,
„ Com que influes teu poder,
„ Me derão candidas mostras
„ De ternura, e de prazer.

„ Tento Deos, (eu proseguia)
„ Tento Deos, sou venturoso....
„ Eis-me interrompe o Menino
„ Em tom suave, e piedoso:

„ Meu

„ Meu fiel, submisso Escravo,
„ Triste exemplo dos Amantes,
„ Não folgues, não te allucines,
„ E's infeliz como d'antes.

„ Tenho em vão lidado, Elmano,
„ Por melhorar teu destino:
„ Hum poder mais formidavel
„ Destroe meu poder divino.

„ Irrevogavel sentença
„ He a sentença do Fado:
„ Eu desejo-te ditoso,
„ Elle te quer desgraçado.

„ Ah servo meu! Vê, repara
„ Se de ti doído estou:
„ Teu grilhão romper quizera
„ Com esta mão, que o forjou;

„ Mas, infeliz, eu não posso
„ Desatar teu coração:
„ O jus de remir Amantes
„ He do Tempo, e da Razão.

„ Sabe que vens illudido,
„ Felisa não te acarinha;
„ A compaixão, que notaste,
„ Não era della, era minha.

„ Eu, quando louco de amores
„ A seus pés foste gemer,
„ Jazia em seus lindos olhos,
„ Sem a Tyranna o saber.

„ Comigo alli se abraçava
„ A affagadora Esperança,
„ Mas no coração da Ingrata
„ Velava a fera Esquivança.

„ Por mais que instantes de gosto,
„ Ou de descuido lhe espreito,
„ He baldada a vigilancia,
„ Não posso invadir-lhe o peito.

„ Se de novo contemplares
„ Seus olhos, que n'alma tens,
„ Donde affagos mil brotarão
„ Verás brotar mil desdens.

„ Abate o vão pensamento,
„ A tanta gloria exaltado,
„ E sejam teu desafogo
„ Imprecações contra o Fado.

Aqui soluço ancioso
A doce voz lhe enleou,
E as rosas das tenras faces
Miudo pranto aljofrou.

Eu desconsolado, eu mudo,
Quando d'antes ledo, ufano,
Offrendas, que a Amor levava,
Fui levar ao Desengano.



A A R M I A,

Quadras imitadas de Mr. Parny.

O Cculte-se, doce Armia,
Negue-se, minha Deidade,
A scena dos nossos gostos
A' nociva claridade.

Nunca os segredos da noite
Contemos, meu bem, ao dia,
Frios corações ignorem
Nossa mutua sympathia.

Amor em sendo ditoso
Costuma ser imprudente,
E nos gestos de quem ama
Logo o vê quem o não sente.

Por ti receio a viveza
De esperta Mãi vigilante,
E o Argos, que tem no peito
Hum coração de diamante:

Es-

Esse espia encanecido,
Alma rispida, e sombria,
Cuja espinhosa virtude
Só com oiro se amacia.

Em quanto luzir de Apollo
O importuno resplendor
Não rutilem nos teus olhos.
Desejos, que accende Amor;

Se te apparecer Elmano,
Não córes as lindas faces;
Nem o mais leve suspiro
Do coração desenlaces;

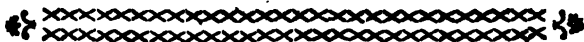
Mostra-me hum ar distrahido,
Como quando os outros vês,
Não haja no teu semblante
Turbação, nem languidez....

Mas ai! Que de quanto disse
Quasi arrependido estou.
Minha Armia, ah não abuses
Dos conselhos, que te dou.

Em nome de Amor te rogo
Que nunca em minha presença
Com perfeição arremedes
A descuidada indifferença.

» Aquil-

„ Aquillo he brinco, he disfarce „
 Diria . . . mas oh tormento!
 Receoso da verdade
 Me deixara o fingimento.



M O T E.

Que eu fosse em fim desgraçado
Escreveo do Fado a mão ;
Lei do Fado não se muda :
Triste do meu coração!

G L O S A.

I.

T Res vezes sobre meus lares
 Vozeou, quando eu nascia,
 Ave, que aborrece o dia,
 Que prevê crueis azares.
 Amor dividira os ares,
 De seus tormentos cercado;
 A' funda Estancia do Fado
 O vôo havia abatido,
 E ambos tinham resolvido
Que eu fosse em fim desgraçado.

II.

„ Esse , que os primeiros ais
 „ Vai soltar triste , e choroso ,
 „ Seja á Fortuna odioso ,
 „ Seja prêzado aos Mortais.
 „ Dos mimos de Amor jámais
 „ Desfructe a consolação ;
 „ Ame , porém ame em vão ,
 „ Ferva-lhe n'alma o ciume.
 Isto no horrendo volume
Escreveo do Fado a mão.

II.

Cresci , crescêrão comigo
 Meus damnos , e n'um transporte
 Curva Maga a lêr-me a sorte
 Com roucas preces obrigo.
 Eis-que toma hum livro antigo ,
 Abre , vê , folhea , estuda ,
 Té que me diz , carrancuda :
 „ Nos caractéres , que olhei ,
 „ Fim ao teu mal não achei :
 „ *Lei do Fado não se muda.*

IV.

IV.

Absorto, convulso, e frio,
 Deixo de erriçada grenha
 A Furiã em concava penha,
 Seu lar medonho, e sombrio,
 Debalde luto; e porfio
 Contra a Sorte desde então.
 Ceos! Não achar compaixão!
 Ceos! Amar sem ser amado!
 Barbara lei do meu Fado!
 Triste do meu coração!



O ZEFYRO, E A ROSA,

Allegoria, tirada de hums versos de Mr. Parny.

Linda Rosa sobre a margem
 De hum regato crystallino
 Hia abrindo o rubro seio
 Ao doce humor matutino.

Acaso hum Zefyro, errante
 Nas amorosas paixões,
 A vio, e quiz dos prazeres
 Dar-lhe as primeiras lições.

Po-

Porém não foi attendido
Da florinha esquivã, e bella.
„ Por quem sois voai; deixai-me,
„ Não posso amar, (lhe diz ella.)

„ Ainda sou pequenina,
„ Ainda apenas vos vejo;
„ Tornai á tarde, e de ouvir-vos
„ Talvez terei menos pejo.

Nisto o Zefyro, adejando,
Vai cuidar de outros amores,
Que o que vos succede, oh Nynfas,
Succede tambem ás flores.

Indo já longe, eis hum Euro (1)
Para a Rosa se encaminha,
E com rusticos affagos
Lhe desprende huma folhinha.

Cahe no arroio, e vai com elle,
(oh grosseiro, oh fatal brinco!)
Após esta segue-se outra,
Depois tres, e quatro, e cinco.

Finalmente o rude Amante
Mimosas graças desfaz,
Que meigos Deoses lograrão,
Se a Rosa fôra sagaz.

(1) Vento Leste.



EPIGRAMMA.

Pedio pelo amor de Deos
 Dez reis hum Mendigo a hum Nobre.
 Respondeo-lhe o Cavalheiro
 Que nunca trazia cobre.

Eis por excellencia o Triste
 Súpplica nova começa.
 Enternece-se o Fidalgo:
 Põe-lhe nas mãos huma peça.



EPIGRAMMA.

Conheces hum certo Albano,
 Homem de raro primor?
 (Perguntou Fileno hum dia
 A Silvio, grão jogador)

Oh! (Responde-lhe o gatuno,
 Que aos mais tafues pede meças)
 Eu sou seu íntimo amigo:
 Hontem lhe ganhei cem peças.

E P I G R A M M A .

A Morte se enfastiou
 De surgir do Orco profundo,
 Exclamando: não estou
 Para tornar mais ao Mundo.
 Disse hum Medico, eu lá vou.

ENTRE ELMANO, E ALCEO

E P I G R A M M A ,

Imitado de huma anecdota.

ALCEO:

P Erdôa, tu tens, Elmano,
 Hum defeito, entre diversos,
 Que cheira muito a doidice.

ELMANO.

Sim! Qual he?

ALCEO.

Fazeres versos.

EL-

ELMANO.

Oh! Pois tu tambem tens outro,
E folgára de o não teres,
Que está mui perto da asneira.

ALCEO.

Eu! Qual he?

ELMANO.

Não os fazeres.



EPIGRAMMA.

Doutor, até do Hospital
Te sacode enfermo bando.
Que será disto a causal!
He porque em tu receitando,
Qualquer doença he mortal.

Tom. II.

Q

EPI-

A hum máo Medico.



E P I G R A M M A.

Dizes que Fileno he tosco,
 Molle, feio, e semsabor,
 Não levas á paciencia
 Terem-lhe as Moças amor.

Nenhum merito lhe encontras,
 Porque o deváo attender:
 Que mais merito lhe queres?
 Agradar he merecer.



E P I G R A M M A.

EStando enfermo hum Poeta,
 Foi visitallo hum Doutor,
 E em rigorosa dieta
 Logo, logo o mandou pôr.

„ Regule-se, coma pouco.
 (Diz-lhe o Medico eminente)
 „ Ai Senhor! (acode o louco)
 „ Por isso he que estou doente.

EPI-



EPIGRAMMA.

LOnge estás de ser pateta,
 Flavio, tens varias noções,
 Entendes bem a selecta,
 Lês, estudas, e compões:
 Por hum tris não és Poeta.

A hum enfrontado em Poeta.



EPIGRAMMA.

HUm Homem, que toda a vida
 Passou fomes por querer,
 Co' a muita debilidade
 Pôz-se em termos de morrer.

Doutor, que de graça o via,
 E co' a doença atinava,
 Offreceo-lhe huns ceros doces,
 Para ver se o melhorava.

„ Obrigado, (eis lhe responde
 O enfermo, estendendo a mão)
 „ Dê cá. Bom será guardallos
 „ Para maior precisão.

Q ii

EPI.

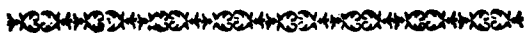


EPIGRAMMA IMITADO.

Levando hum velho avaro
 Huma pedrada n'um olho,
 Pôz-se-lhe no mesmo instante
 Tamanho como hum repolho.

Certo Doutor, não das duzias,
 Mas sim Medico perfeito,
 Dez moedas lhe pedia
 Para o livrar do defeito.

„ Dez moedas! (diz o Avaro)
 „ Meu sangue não desperdico.
 „ Dez moedas por hum olho!
 „ O outro dou eu por isso.



EPITAFIO TRADUZIDO.

Aqui jaz hum Escrivão,
 Que já na proecta idade
 Tomou o habito de Frade:
 Só merecia o cordão.
 Deos tenha delle piedade.

EPI.



E. P. I. G. R. A. M. M. A.

Conferes nas senhorias,
Fofos Alcêo, mais fofos bens,
E fazes nisso hum milagre,
Porque dás o que não tens.

A hum enfatuado em sobresa.



E. P. I. G. R. A. M. M. A.

Concluiu Pintor famoso
Hum certo retrato humano,
E a Tafal sequaz de Apollo
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontando,
Lhe disse: amigo, que tal?
Deveis gaballo, que vós
Conheceis o original.

Foi ditosa a pincelada,
Nunca retratei tão bem,
Nunca pintei como agora,
Pergunta o Poeta: a quem?

EPI-

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

E P I G R A M M A.

HUma terra dizem que ha,
Onde a Fome acerba, e dura
Cabo dos Medicos dá:
Porque he isto? He porque lá
Pagão sómente a quem cura.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

E P I G R A M M A.

IMITADO DE MARCIAL, EM DIALOGO.

CORIDON.

Elmano, lá-meos teus versos.

ELMANO.

Melhor sorte me dê Deos;
Tremo disso.

CORIDON.

E porque tremes?

ELMANO.

Porque pôdes lêr-me os teus.

EPI-



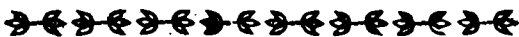
E P I G R A M M A.

DE que he só de seu marido
 Laura tem reputação :
 Este merito subido
 A quem o deve ? Eu duvido
 Se á cara , se ao coração.



E P I G R A M M A.

DA feia Mulher Andronio
 Com zelos arde , e rebenta ;
 Nisto o não julgo bolonio :
 A Mulher he hum Demonio ,
 Porém o Demonio tenta.



DEFINIÇÃO DO OIRO.

F Aço a paz, sustento a guerra,
 Agrado a doutos, e a rudes,
 Gero vícios, e virtudes,
 Torço as leis, domino a Terra.



EPIGRAMMA.

IMITADO DE DANCHET.

H Um tempo breve, urgente
 As rosas tem sômente
 Para ostentarem bellas
 O seu aroma, e cor:
 Para agradar como ellas
 Tem hum só tempo Amor.

TRA-



T R A D U C Ç Ã O.

De hum Episodio da Henriada.

EM quanto fera Chusma de rebeldes
 A's portas de Paris vai conduzindo
 O desleal, fanatico Mancebo, (1)
 Sobre o successo de arrojada empreza
 Os Dezeseis (2) sacrilegos intentão
 Dos Fados aclarar a escuridade.
 Curiosa de Medicis (3) a audacia,
 Mystérios de tão lóbrega sciencia
 Já outr' hora indagou, já quiz outr' hora
 Entranhar-se nas trevas, nos horrores
 Desta arte superior á Natureza,
 Quasi sempre quimera, e sempre crime.
 Por todos foi seguido o feio exemplo,
 E o Povo insano, que imitar costuma
 Com animo servil dos Reis os vicios,
 Amador do que he novo, e do que assombra,
 Em multidão corria aos sacrilegios.

Pa-

(2) Fr. Jacob Clemente, assassino de Henrique III.

(2) Assim chamados pela influencia, e authoridade que tinham em 16 Bairros de Paris no tempo da Liga.

(3) Catharina de Medicis, Rainha de França, dada a mil superstições desta natureza.

Para o centro de abobada horrorosa
 Pelas nocturnas sombras o Silencio
 Guiava a detestavel Assemblea.
 Ao pállido clarão de maga tocha
 Ara vil sobre hum tumulo se erige ,
 Onde as imagens dos dois Reis collocão ,
 Objectos de seus odios , seus terrores ,
 De suas maldições , de seus insultos.
 Alli por voz sacrilega se annexa
 A nomes infernaes de hum Deos o Nome ;
 Cruas fileiras de aguçadas lanças
 Luzem debaixo dos medonhos tectos ,
 Tingem-se as pontas em sanguineas taças ,
 Horrida pompa de horrído mysterio !
 O Ministro do Templo de hum daquelles ,
 Que , odiosos , dispersos , e proscriptos ,
 Gyrão , vaguêão , Cidadãos do Mundo ,
 Levão de mar em mar , de terra em terra
 O seu abatimento , a sua affronta ,
 E de superstição montão damnoso
 Tem por todos os Climas desparzido.
 Uivando os Dezeseis em torno d'elle ,
 A's ímpias ceremonias dão principio ,
 As partícidas mãos no sangue ensopão ,
 De Valóis (1) vão no Altar ferir o peito ,
 E inda com mais terror , com mais insania
 A effigie de Bourbon (2) derribão , calcão ,
Cren-

(1) Henrique III. Rei de França.

(2) Henrique IV. Rei de Navarra , e depois de França.

Crendo que a Morte, a seu furor ligada,
Vai co' a dextra fatal, e inevitavel
Taes golpes transmittir aos dois Monarcas.
O Hebrêo profanador com turvo aspecto
Une entretanto as preces ás blasfemias:
Os Abysmos, os Ceos, o Eterno invoca,
Invoca esses Espiritos impuros,
Do Universo invisiveis turbadores,
E o fogo dos Infernos, e o do raio.
Tal foi o infando, occulto sacrificio;
Que fez em Gelboé lá n'outra Idade
Aos Numes infernaes a Pythonissa,
Quando perante hum Rei feroz, e injusto
Chamou de Samuel a horrivel Sombra:
Assim contra Judá de vãos Profetas
Troava em Samaria a ímpia boca;
Ou tal se ouviu Atêio (1) entre os Romanos,
Invocados os Deoses em seu nome
Agoirar, maldizer de Crasso as Armas.
Aos escuros, aos magicos accents,
Que profere o maligno Sacerdote,
Resposta os Dezeseis do Fado esperão;
Cuidão que hão de forçallo a descobrir-se:

(1) Atêio, Tribuno do Povo, não podendo estorvar a expedição de Crasso contra os Parthos, correu com hum brazeiro para a porta da Cidade, por onde sahia o mesmo Crasso, lançou dentro varias ervas, e amaldiçoou a empreza em nome dos Deoses de Roma.

O Ceo para os punir quiz attendellos.
 Eis interrompe as leis da Natureza,
 E do fundo da tacita caverna
 Eis sahe lugubre som , murmurio triste.
 Cem vezes o relampago espantoso
 Na densa escuridão se accende , e apaga.
 Entre a fulminea luz , de gloria accezo ,
 Em triumphal carroça Henrique (1) assoma
 Ante os olhos do attonito Congresso.
 Cinge-lhe marcio loiro a fronte augusta ,
 O sceptro venerando a mão lhe adorna.
 Nisto o fogo do raio inflamma os ares ,
 O alzar cahe abrazado , a Terra o sorve ,
 E os Rebeldes , o Hebrêo vão assombrados
 Seu crime , e seu pavor sumir nas trevas.

►◄ ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄► ◄◄►

O COMBATE DE AILLY

COM O FILHO NA BATALHA DE IVRI,

Extrahido da mesma Henriada.

O Indomito valor do grão Turena
 Já de Nemours as Tropas atterrava.
 D'Ailly, veloz qual raio, hia esparzindo
 Por entre os Batalhões espanto, e morte,

(1) Henrique, IV.

O valente d'Ailly, todo orgulhoso
Com seis lustros de gloria, e de combates,
Que da Guerra no ardor sanguinolento
Sente, a despeito da rugosa idade,
Tornar-lhe a robustez, ferver-lhe o brio.
Com elle hum só Guerreiro ousa affrontar-se,
Hum destemido Heróe na flor dos annos,
Que neste matador, e illustre dia
Os horrores mavorcios ençetára.
De hum suave hymenêo gozando apenas,
E mimoso de Amor, a Amor se esquiva,
Com pejo de que só na gentileza
Soasse, consistisse a fama sua,
Vôa aos conflictos, sôfrego da Gloria.
Lamentando-se aos Ceos a linda Esposa,
Os Rebeldes maldiz, maldiz a Guerra;
Resolvendo aggregar-se aos Combatentes
O seu terno Amador, convulsa, e triste
Lhe une ao corpo gentil o arnez pezado,
E humida a face de amorosos prantos,
Em capacete precioso esconde.
Semblante, que devia ás graças tanto,
Olhos, em que seus olhos se revião.
Eis ufano, raivooso, arrebatado
Parte contra d'Ailly o audaz Mancebo
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte.
Ambos, de igual braveza estimulados,
Os ardidos ginetes esporêão,
Das feras Legiões ambos se arredão,
E correm ambos á planicie ervosa,

Toda córada de purpureos lagos.
 Carregados de ferro, em sangue envoltos,
 Com pavoroso assalto os dois se encontrão:
 Resôa a terra, as lanças arrebenhão,
 Assim como n'um Ceo tempestuoso
 Duas pejudas nuvens carrancudas,
 Que, no bojo encerrando ignea materia,
 E de enorme encontrão, de horrendo embate
 Rôtas nos ares, pelos ares vôão:
 Gera o choque relampagos, e raios,
 Estrondêa o trovão, e assusta o Mundo.
 Mas por súbito impulso, e nova sanha
 Ei-los dos Brutos fervidos se arrojão,
 Escolheado outro genero de morte.
 Já lhes reluz nas mãos o liso alfange,
 A cevar-lhes o furor corre a Discórdia,
 E o Genio tórvo, que preside á Guerra;
 Segue-os a Morte pallida, e sanguenta.
 Miseros, esperai; detende os golpes...
 Mas negro Fado os animos lhes inflamma.
 Este áquelle, raivando, aquelle a este.
 Tenta no coração cravar o alfange,
 No exposto coração, que não conhece.
 Do retalhado amez faiscas saltão,
 Golfando o sangue, as mãos lhes purpurêa;
 O escudo, o capacete, á força oppostos,
 De cem golpes crueis alguns malogrão,
 Alguns aparão, rechaçando a Morte.
 Os Rivaes entre si, como assombrados
 De tão alto valor, se respeitavão,

Mas

Mas o annoso d'Ailly c'um golpe infausto
Lança em terra o magnanimo Guerreiro.
Seus olhos para sempre á luz se fechão,
Cahe-lhe o elmo descobre-se-lhe o rosto,
D'Ailly o vê, o abraça... ah! he seu filho...
Oh desesperação! Oh desventura!
O deploravel Pai, banhado em pranto,
As armas contra si voltar intenta,
Mas compassivas mãos no duro lance
Lhe acodem, se lhe oppõe, do ferro o privio.
Tremendo, soluçando, o triste Velho
Foge daquelle horror, amaldiçôa
Seu criminoso, e barbaro triumpho;
Os homens, a grandeza, a gloria esquece,
Desejando esquecer-se de si mesmo,
E em solitarias brenhas vai sumir-se.
Alli, quer surja o Sol, doirando os montes,
Quer se mergulhe nos ceruleos mares,
De seu filho infeliz o triste nome
Com lamentosa voz ensina aos ecos,
Aos ecos, de escuallo enternecidos.
Do bello Moço extincto a doce Amante,
Levada do terror, fria, saudosa,
Em passo vacillante ao sitio corre,
Por onde borbuhára o sangue em rios.
Aqui, e alli caminha, indaga, observa,
E da Guerra entre as victimas cruentas
Distingue em fim o Esposo. Ao vèllo a Triste
Cahe sem acôrdo na sanguinea terra,
Nos olhos se lhe estende o véo da Morte.

,, E's

„ E's tu , meu caro Amante? . . . Estas palavras
 Cortadas pela dôr , estes suspiros
 Que sóta , desmaiando , ah ! não se escutão.
 De novo os olhos abre , une de novo
 Os labios seus aos labios , que idolátra ,
 Os ternos beijos ultimos lhe imprime ,
 Aperta o corpo miçero entre os braços ,
 Entre os mimosos braços cor de neve ,
 Os olhos nelle põe , suspira , e morre.
 Pai infeliz , miserrimos Esposos ,
 Lastimosa Familia , exemplo triste
 Dos crimes , do furor daquella Idade ,
 Ah ! Praza aos Ceos que a horrída lembrança
 Deste medonho , e tragico successo
 A comiseração , a humanidade
 Excite em nossos derradeiros Netos ,
 E aos olhos uteis lagrimas lhes arranque ,
 Para que o rasto dos Avós não sigão.

O TEMPLO DE AMOR ,

Outro Episodio extrahido do mesmo Poema.

Sobre o campo feliz da antiga Idália ,
 Lá no principio d'Asia , e fim de Europa ,
 Alto Edificio magestoso assoma ,
 Do Tempo. assolador vedado aos damnos.
 Lançou-lhe a Natureza os alicerces ,
 E tu , Arte subtil , depois brincando
 A simples , moderada architectura ,
 Lidaste , e transcendeste a Natureza.

Al-

Alli de verdes myrtos povoadas
 As circumstantes selvas inda ignorão
 Os insultos do Inverno enregelado ;
 Alli por toda a parte amadurecem,
 Por toda a parte alli formosos nascem
 Os fructos de Pomona, os dons de Flora ;
 Alli para outorgar ampla colheita
 Nunca esperas, oh Terra, oh Mãe fecunda,
 Nem pelas estações, nem pelos votos
 Do tostado Cultor ; alli parece
 Que os Mortaes n'um igual, sereno estado
 Gozão tudo o que dáva a Natureza
 Lá na ditosa infancia do Universo :
 Aturado socego, alegres dias,
 A doçura, os prazeres da abundancia,
 Os bens, os gostos da primeira Idade,
 Menos a mansa, e limpida innocencia.
 Nenhum, nenhum rumor alli se escuta,
 Senão doce harmonia encantadora,
 Molle harmonia, que amollece o peito ;
 Vozes do Amante, canticos da Amada,
 Que a deshonra, os delirios, as fraquezas
 * Em verso adulador lhe vai doirando.
 Vê-se Turba amorosa a cada instante,
 Toucada de odoríferas boninas,
 As graças implorar do Deos ; que adora,
 Concorrer sequiosa a seus altars,
 E nelles á porfia ir-se ensaiando
 No methodo suave, e perigoso
 De attrahir corações, ligar vontades.

Tom. II

R

A

A risonha Esperança a mão lhe offrece,
 E os guia dois, e dois ás aras de oiro;
 As tres lindas Irmãs, as brandas Graças,
 Fagueiras, quasi muas, e defronte
 Das francas portas do soberbo Alcaçar,
 Unem veloz coréa a som divino.

A perguiçosa, a placida Molleza,
 * A socia dos Amantes, encostada
 Sobre a reiva subtil, e as tenras flores,
 Alli de ver, e ouvir se apraz, e enleva.

* Dorme a par della o tacito mysterio,
 Jazem-lhe em roda os magicos Sorrisos,
 O pontual Desvelo, a Complacencia,
 Jaz o Prazer, e os sofregos Desejos,
 Inda mais que o Prazer encantadores.

Tal he na entrada o Templo sumptuoso;
 Mas quando além das portas, e debaixo
 Da rutilante abobada sagrada

Passo audaz se encaminha ao santuario,
 Que espectaculo horrendo atterra os olhos!

* Alli não resplandece, alli não vóa

* Nitido enxame de louçãos Prazeres,

* A celeste Harmonia alli não ousa,

* As azas transparentes meneando,

* Nos tristes corações insinuar-se.

* Queixas, Tormentos, Desvarios, Sustos

* Em densa multidão, tropel confuso

* Chorão, blasfemão, desatinão, tremem,

* Gerão neste lugar o horror do Inferno.

O carrancudo, e livido Ciurne

Sêgue n'um passo tremulo a Suspeita ;
 Odio, Raiva, entornando o seu veneno,
 Armados de punhaes, lhe vão na frente.
 Malicia, tu os vês, e satisfeita

C'um sorriso traidor a insania approvas !

Eis o Arrependimento os vai seguindo,
 E em seus ais condemnando-lhe a fereza,
 De lagrimas inunda os olhos baixos,

Em meio desta Chusma pavorosa,
 Companheira fatal dos vãos prazeres,
 Tem conservado Amor seu domicilio

* Desde que lá no azul, no ethereo Vácuo

* Cahio das mãos de Jove o Sol recente.

Da Terra os Fados tem na tenra dextra

O cruel, tentador, gentil Menino !

Dá c'um sorriso a paz, com outro a guerra.

Seu nectar derramando em toda a parte,

Seu nectar, que depois torna em peçonha,

He alma do Universo, e vive em tudo.

* Do Throno, em que dá leis á Natureza,

Contemplando a seus pés milhões de Escravos,

Orgulhosas cabeças piza, esmaga :

Mais pago do rigôr, que da piedade,

Dos males, que produz, se desvanece,

* Mortaes, tristes Mortaes, que horrivel quadro !

* Mas os males de Amor tem recompensa,

* Tem doce galardão : Mortaes, amemos.

R ii

On.

Os lugares, em que me afástel do texto, pelo
 que toca á expressão, vão assignalados com asteris-
 eos : os tres versos, que rematão, são metra.

→ ← → ← → ← → X ← X → X ← → ← → ← → ← →

Outro Episodio tirado do mesmo Poema.

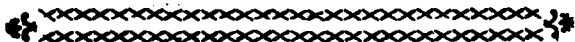
V Agueava em Paris feroz Caterva
 De Estrangeiros crueis, de horrendos Tigres,
 Tigres pela Discordia apascentados,
 Mais terriveis, que a fome, a guerra, a morte.
 Huns das Campinas Belgicas vierão, (1)
 Outros lá das Helveticas Montanhas, (2)
 Barbaros Corações, á guerra usados,
 Que vivem de matar, que fazem prompto
 Sacrificio venal do proprio sangue.
 Destes novos Tyrannos a Cohorte
 Em soffrego tropel derriba as portas
 Dos tristes Cidadãos, e lhes presenta
 Mil mortes, mil tormentos, mil horrores;
 Não já para os privar de vãos thesoiros,
 Não já para arrancar aos ternos braços
 De espavorida Mãi Filha chorosa:
 Faminta precisão consumidora
 As demais sensações lhe impede, e abafa.
 Pesquisar, descobrir qualquer sustento,
 Por escasso, por máo, por vil que seja,
 He a sua intenção, seu fim, seu gosto:
 Attentado não ha, não ha martyrio,
 Que para o conseguir não excogitem.
 Indigente Mulher... oh Ceos! E eu devo
 Urdir a narração da fêa historia,
 Do horrivel caso escurecer meus versos!

In-

(1) Flandres. (2) Suissa.

Indigente Mulher perdido havia
 Por violencia dos Monstros esfaimados
 Unico, parco, e misero alimento.
 Invadindo seus bens a negra Sorte,
 Apenas lhe deixára hum tenro filho,
 Proximo a perecer do mal, que a mata.
 Raivosa, desgrenhada, hum ferto empunha,
 Corre, bramindo, ao candido Innocente,
 Que estende as debeis mãos para affagalla.
 Do Triste a infancia, a graça, a voz, o estado
 A frenetica Mãi de dôr traspassão.
 Põe nelle os espantados, turvos olhos,
 Tintos de amor, de raiva, e de piedade.
 O cutelo da mão lhe cahe tres vezes,
 Mas a Raiva triunfa, e detestando
 O fecundo Hymenêo, com voz tremente:
 „ Oh desta alma infeliz porção mimosa!
 „ Caro filho! (ella exclama) em vão teus dias
 „ Produzi, conservei com tanto affago.
 „ Em breve ou da penuria, ou dos Tyrannos
 „ Foras talvez a victima, o despojo
 „ Se a Mãi piedosa te poupasse a vida . . .
 „ A vida! E para que? Para vâgares
 „ Do deserto Paris entre as ruínas,
 „ Desfazendo-te em ais, em dôr, e em pranto?
 „ Morre, antes que o meu mal, e o teu conheças,
 „ Restitue-me, oh filho, o sangue, a vida,
 „ Que te deo tua Mãi, vem sepultar-te
 „ Nas entranhas cruéis, que te gerirão,
 „ E veja-se em Paris hum crime novo.

Isto dizendo, attonita, e convulsa
 No peito do Filhinho embebe o ferro,
 Léva o corpo sanguento ao lar fumante,
 E, soffregas as mãos co'a fome horrenda,
 A funesta iguaria alli preparáo.
 A' força de voraz impaciencia
 Voltam, rajvando, os barbaros Soldados
 Ao Theatro do crime atroz, e infando,
 Semelhantes na horrída alegria
 Aos ursos, e aos leões, que a prêa afferráo,
 Apostados correndo, a porta arrombáo;
 Entráo ... Ceos ! Que terror ! Q' assombro ! A' vista
 Carrancuda Mulher eis se lhes offrece,
 Molle corpo infantil despedaçando,
 Abrazada em furor, e em sangue envolta :
 „ Sim, feras, sim, crueis, meu filho he este,
 „ Vós no seu sangue as mãos me enxovalhastes,
 „ Sejão vosso alimento a Mãi, e o Filho.
 „ Vinde, as sagradas leis da Natureza
 „ Ultrajar, mais do que eu temeis acaso ?
 „ Que susto vos detem, vos desalenta ?
 „ Oh tigres ! Este pasto a vós pertence.
 Frenetica, e sem tino, assim fallando,
 Aguçado punhal no seio enterra.
 Súbito, da Tragedia horrorizados,
 Confusos, e ululando, os Monstros correm :
 Não os são para traz volver os olhos,
 * Cuidão que os ameaça, os segue o raio ;
 E o Povo, por findar tão triste sorte,
 Alçando as mãos aos Ceos, implora a morte.



O CÃO, E A CADELLA,
FABULA I.

Em verso alexandrino.

TInha de huma cadella hum cão fome canina,
Elle bom perdigueiro, ella de casta fina.
Mil foscas lhe fazia o tenro maganão,
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão.
Dando no chichisbeo dentada, e mais dentada,
A femea parecia huma cadella honrada,
E incapaz de ceder ás pertençaes de amor;
Mas o amante infeliz em fim foi sabedor
De que a mesma, em que via acções tão desabridas,
Era c'um torpe cão faguêira ás escondidas.
Se és sagaz, meu Leitor, talvez que tenhas visto
Cadellas de dois pés, que tambem fazem isto.



O CORVO, E O PAVÃO,

II.

PAsseando o pavão com ufania,
He fama que dissera ao corvo hum dia:
„ Repara quanto devo á Natureza,

„ Olha

„ Olha que lindas cores , que viveza ,
 „ Que adorno , que matiz ! Olha este rabo !
 „ Em mim não ha senão , e tu , diabo ,
 „ Negro como hum carvão , como hum bisoiro ,
 „ Inda és , de mais a mais , ave de agoiro .
 O corvo , que na lingua não tem papas ,
 Lhe responde : „ essas pennas são mui guapas ,
 „ Mas , para refrear tou desvario ,
 „ Observa dessas pernas o feitio .
 Ainda (quem dará credito a isto !)
 As pernas o pavão não tinha visto ;
 Mas que muito , se ha gente , e gente grave ,
 Que em seus olhos não vê nem humã trave ?



O CÃO DE FRALDA , E A RAPOSA ,

III.

NUm dos pés arranhado , hum cão fraldelro
 Temeo chegar ao trance derradeiro ,
 O Medico chamou , pôz-se de cama ;
 E a dôr encareceo como huma Dama ,
 (Porque neste me'indre , ou nesta balda
 Huma Dama equivale a hum cão de fralda .)
 Era então a raposa arteira , e fina
 Enre os brutos Doutora em Medicina .
 Entrou , n'um passo grave , hum ar sisudo ,

E

E em tom de quem dizia : „ eu saro tudo „
 Tendo-lhe visto o pé , que lhe doia ,
 Perguntou ao doente o que sentia.
 Depois de se esfalçar com fofa prosa ,
 Concluiu : „ a doença he perigosa ,
 „ Mas hei de conseguir a grande empreza
 „ De ajudar , ou vencer a Natureza.
 He certo que logrou tão alta sorte ;
 He certo que a venceu , mas fôí co' a morte.
 Tendo emplastos , e purgás decretado ,
 E com mil beberagens misturado
 Mil gordos aforismos de Avicena , (1)
 Ou de Averróes , seguio-se-lhe gangrena ,
 Que , tomando mortal a arranhadura ,
 O cãozinho encaixou na sepultura.
 Assim que o duro Medico feroz
 O Mandou visitar a seus Avós ,
 Sem pejo , sem temor , sem pranto , ou ais
 A paga foi pedir aos tristes Pais.
 Clamarão : inda a Terra te não traga !
 „ O Filho nos mataste , e queres paga !
 „ Que ! (responde á raposa) ora essa he bella !
 „ E o trabalho , que eu tive , he bagatella ?
 „ Dar vida não está na nossa mão :
 „ Tanto nos rende o morto , como o são.

O

(1) Dois Medicos célebres.



O MACAÇO DECLAMANDO,

IV.

HUm mono, vendo-se hum dia
 Entre brutal multidão,
 Dizem lhe deo na cabeça
 Fazer huma prégação.

Creio que seria o thema
 Indigno de se tratar,
 Mas isso pouco importava,
 Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,
 Proferindo á boca chêa
 Sentenças de quinze arrobas,
 Palavras de legoa e meia.

Isto acontece ao Poeta,
 Orador, e outros que taes:
 Nescios o que entendem menos
 He o que celebrão mais.

* * * * *
 OS DOIS BURROS, E O MONO,

V.

Hum burro lançado á margem
 Ostentava de talentos,
 Moia hum seu camarada,
 Exemplar dos paxorrentos.

Zurrando conceitos graves,
 Como quem falla, e não pensa,
 Cumpria o rifão do vulgo:
 Tal cabeça, tal sentença.

O trombudo companheiro,
 A longa orelha abaixando,
 Sem lhe responder palavra,
 Hia ouvindo, hia pastando.

„ E's bruto ! Não me respondes !
 (Diz o orelhudo Doutor)
 „ Envergonho-me de sermos.
 „ Iguaes na fórma, e na côr.

Estranhando-lhe a basofia
 Hum mono dos mais astutos,
 Que, n'uma arvore trepado,
 A alliviava dos fructos,

„ C'u-

C'uma gárgalhada , esclama :

Não veráo quem alardêa !

„ Burro com fumos de mestre !

„ Isto he cousa que se crêa !

„ Não zombes desse coitado ,

„ Bem faz em não responder :

„ Hum tolo só em silencio

„ He que se póde soffrer.



OS CÃES DOMÉSTICOS , E O CÃO MONTANHEZ ,

VI.

Affirma Escritor antigo
Que lá n'um grande certão
Tres cães perdidos na caça
Virão sózinho outro cão.

Que este era côr de azeviche ,
Aquelloutros côr de neve
(Porque isto faz muito ao caso)
Primeiro notar-se deve.

Nascêra de lãs forrado
O tal cão, e era montez :
Tinhão pelo muito fino,
E erão da Cidade os tres.

Hum delles, o mais disposto
A fazer qualquer agravo
Disse para o bom camponio :
„ Oh amigo, és nosso escravo.

Ao som do termo affrontoso,
Que os ouvidos lhe offendeo,
O rustico alçou a orelha,
Rosnou, e se enfureceo.

Queria lançar-se a elles,
Mas tinha ouvido huma vez :
„ Nem Hercules contra dois,
„ E inda menos contra tres.

Em fim e:um ar espantado:
Lhes disse o pobre lapuz :
„ Eu cativo! Porque crime?
„ Vós, senhores! Com que jus?

O valentão já citado
Dá hum pulo, e de repente
Ao miseravel responde,
Arreganhando-lhe o dente :

„ O nosso jus he a força ,
 „ O teu delicto he a côr.
 De Homens pretos , e Homens brancos
 Cuido que falla este Author.



O LOBO , A RAPOSA , E A OVELHA ,

VII.

E Stando o lobo doente ,
 Sem se poder arrastar ,
 E em necessidade urgente
 De exercer , de ensanguentar
 O rijo , faminto dente ,

Ao vêr entrar pela gruta
 A raposa a visitallo ,
 Lhe disse : „ ai , comadre astuta !
 „ A' mingoa esmoteço , estalo ,
 „ A fome comigo luta.

„ Tu conheces a amizade ,
 „ Com que ha dois annos te trato.
 „ Vale-me por caridade ,
 „ Vai buscar por esse mato
 „ Allivio á minha anciedade.

„ Eu vou cuidar no teu bem.
 (Responde o falso animal)
 E parte: meños, porém,
 Para livrallo do mal,
 Que para ò fazer a alguem.

De serra em serra caminha,
 Até que vê desgarrada
 Huma innocente ovelhinha.
 „ Topar-te (diz a malvada)
 „ Foi bem teu, e he gloria minha.

„ Crê que a raposa não manga,
 „ Sou de ingenua condição,
 „ Nenhum vivente me zanga,
 „ Todos amo, á excepção
 „ De gallo, gallinha, ou franga.

„ Tanto, amiga, pôde em mim
 „ O dó de expostas vos vêr.
 „ Aos crueis lobos, que vim
 „ Felizmente hoje a obter
 „ De vossos males o fim.

„ Dos lobos o Rei voraz
 „ Quasi em artigos de morte
 „ Carpio suas acções más,
 „ E com piedoso transporte
 „ Jurou; ás ovelhas paz.

„ Fez

„ Fez este promettimento
 „ Por si, e seus adherentes.
 „ Não receies fingimento:
 „ Personagens eminentes
 „ Não fazem vão juramento.

„ Agora pede a razão,
 „ Quer da cortezia o termo
 „ Que venhas sem dilação
 „ Visitar o illustre enfermo
 „ Em sinal de gratidão.

„ A sua cova não dista
 „ Muito aqui deste lugar,
 „ Daquelle oiteiro se avista,
 „ Toca, pois, a caminhar,
 „ Vem tu seguindo-me a pista.

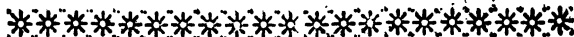
Aquillo, que se deseja,
 Quão facil se conjectura!
 A ovelha de gosto arqueja,
 E, graças dando á Ventura,
 Vai seguindo a malfazeja.

Entrão por aquelle horror,
 E a conducidora ladina
 Vendo da ovelha o terror,
 Lhe disse: „ chegai, menina,
 „ Beijai a pata ao Senhor.

A repugnancia vencendo
 Com bem custo a coitadinha,
 E calada estremeçando,
 Pouco a pouco se avizinha
 Ao bruto feroz, e horrendo.

Vibrando os olhos centelhas,
 O tyranno lhe afferrou
 Dente, e garra entre as orelhas:
 Dest' arte se confirmou
 A paz dos lobos, e ovelhas.

Ingenuo, tem conta em ti.
 No Mundo ha muitos enganos,
 (Eu os sei, porque os soffri)
 Os bons padecem mil damnos,
 Julgando os outros por si.



O TIGRE, E A DONINHA,

VIII.

Pezou sempre o beneficio,
 Porque a vaidade offendeo,
 Principalmente se hum Grande
 De hum Pequeno o recebeo.

Lembra-me agora huma historia
Succedida entre animaes,
Huma historia, que se applica
Bellamente aos Racionaes.

Hia hum tigre muito ufano,
Fiado na garra, e preza,
Crendo que' a tudo excedia
No Reino da Natureza.

Desta idéa allucinado,
Incauta planta foi pôr
Em pérfida rede, armada
Por experto Caçador.

Prezo, luta sem proveito,
Tenta em vão desenlear-se;
Lida, revolve-se o bruto,
E o que faz he apertar-se.

Estancando-se-lhe as forças,
Perdida em fim a esperanza,
Cessa, e do peito raivoso
Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que elle arquejava,
Por aquelle sitio vinha
Demandando agrestes fructos
A leve, esperta doninha.

Estremece, ouvindo o monstro
Envolto na rede urrar:
Foge, porém curiosa
Põe-se de longe a oihar.

O tigre, que a vê, que sabe
Quanto he versada em roer,
Despe a soberba, e lhe roga
Que o venha alli soccorrer.

Tanto adoça o tom pezado
Da rude, estrondosa voz,
Que segura a desprendêllo
Parte a doninha veloz.

Affinca o subtil dentinho
No tenaz, ardido laço,
Rôe aqui, rôe acolá,
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prizões apenas
A fera ingrata, e medonha,
Do que deve ao pequenino,
Fraco animal se envergonha;

E acceza em feroz orgulho,
Cartegando-se na fronte,
(Com receio de que a triste
O caso nas selvas conte)

Deita-lhe a garra damnosa,
 A debil vida lhe extrahе.
 Ninguem acuda ao malvado,
 Se no precipicio cahe.



OS DOIS CÃES

IX.

Tinha dois cães perdigueiros
 Certo Moço caçador,
 Hum excellente no faro;
 Outro no feitio, e côr.

Aquelle pela esperteza
 Do prompto, do agudo olfato
 A rôla, a perdiz sumida
 Desencantava no mato,

E apenas, soando o tiro,
 Cahia a caça no chão,
 Com pasmosa ligeireza
 Do dono a trazia á mão :

O segundo inerte , e molle ,
Que o primeiro acompanhava ,
Por costume , ou arremedo ,
Não por genio farejava ;

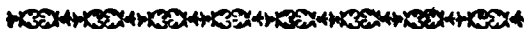
Té as aves muitas vezes
Ao venatorio ruido
D'entre os pés lhe rebentavão ,
E não as tinha sentido.

Mas , sendo incapaz , ao socio
Excedia na ventura ,
E o nescio dono prezava
Mais que o prestimo a figura.

Assim succede , Leitores ,
A hum semsabor Narciso
N'uma Assembléa com outro
De má cara , e bom juizo.

Diz hum dalli : „ esse amigo
„ He de graça , e prendas cheio.
Respondem a isto as Damas :
„ Aprelá ! Que homem tão feio !

Diz outro : aquelle paralta
„ Põe mil asneiras n'um dito.
Acodem logo as Meninas :
„ Que importa , se he tão bonito ?



O ELEFANTE, E O BURRO

X.

NO tempo, em que inda fallavão
Os animaes como a gente,
He tradição que tiverão
Conferencia em caso urgente.

O burro, que, não sei como,
Se introduzio no conselho,
Quiz, fingindo-se estadista,
Tambem metter seu bedelho.

Eis n'um tom, que differia
Bem pouco do que hoje he zurro,
Foi revolvendo a questáo,
Discreteou como hum burro.

Depois de lhe ter ouvido
Alguns conceitos de arromba,
O carrancudo elefante
Lhe disse, torcendo a tromba:

„ Esse tempo , que tens gasto
 „ inutilmente em clamar ,
 „ Insensato , não podias
 „ Aproveitallo em pastar ?

„ Vens affectar eloquencia ,
 „ Animal servil , e abjecto !
 „ Hum tolo nunca he mais tolo ,
 „ Que quando quer ser discreto.



A MONA, E O FILHO,

XI.

Em verso alexandrino.

Mona tão horrorosa , ou mais do que o Diabo ,
 Com calos o trazeiro , e sem cabello o rabo ,
 N'um moninho brincão , que tinha dado ao pélo ,
 Cegamente empregava o maternal desvelo ,
 E era a sua ternura , o seu amor tão fino ,
 Que nunca d'entre as mãos largava o pequenino .
 Se alguma sua amiga hia fazer-lhe festa ,
 Dizia-lhe „ não , não , deixe-mo , que o molesta .
 Se lhe pegava ao collo até o proprio Pai ,
 A Mãi gritava logo : „ ai ! não mo esmagues , ai !
 E com mimo importuno a rustica entretanto

Ao

Ao tenrinho animal desafiava o pranto ,
 Pois em beijo , e mais beijo , abraço , e mais abraço
 Anciava , opprimia o filho a cada passo ,
 E hum dia o abraçou com tal contentamento ,
 Que no apertão fagueiro elle exhalou o alento.
 Tal (me diz a experiencia) he o zeloso amante :
 Por amor importuna , enfada a cada instante ,
 O que quer para si do mesmo Sol recara ,
 Por amor atormentá , e até ás vezes mata.



O PAPAGAIO, E A GALLINHA,

XII.

Loquiz papagaio
 Secava a goela,
 Soltrando mil gritos
 A huma janella.

Olhou para a rua,
 Por onde vagava
 Gallinha de pãpa,
 Que deponicava.

Na lingua das aves
 C'um ar superior
 Lhe deo estes chascos
 O vão paíradôr :

„ Deverás, vizinha,
„ Que podes campar
„ Co' a prenda galante
„ De cacarejar!

„ Deixando ironias,
„ Sempre és cousa pouca,
„ Não tens outro chiste
„ Senão essa touca.

„ Depois de defunta
„ Só causas prazer,
„ Para te comerem
„ Te dão de comer.

„ Eu em alma, e corpo
„ Sou ave excellente.
„ Não pasmas de ouvir-me
„ Fallar como a gente?

„ Não pasmo (responde
„ Dos gallos a amiga)
„ Villão, carioca,
„ Mordaz de huma figa.

„ Da lingua, que allegas,
„ Basofia concebes?
„ Que importa que a falles,
„ Se não a percebes?

„ Com

„ Com isso te abates
 „ No meu parecer.
 „ Os tolos só dizem
 „ O que ouvem dizer.



A M A C A C A ,

XIII.

Em verso alexandrino.

N Os serros do Brasil diz certo Author que havia
 Huma namoradeira, hum sagaz bugia.
 Milhões de chichisbeos pela taful guinchavão,
 E por não terem aza, o rabo lhe arrastavão.
 Qual cahindo-lhe aos pés, de amores cego, e louco,
 Nas cabelludas mãos lhe apresentava hum couco,
 Qual do assucar brilhante a çumarenta cana,
 E qual hum ananás, e qual hum banana.
 Ella com riso astuto, ella com mil caretas
 Lhes entreinha a paixão, lhes hia doirando as petas,
 Os olhos requebrava ao som de hum suspirinho,
 A todos promettia o mais fiel carinho,
 E se algum lhe rogava especial favor,
 A' terna peção dizia: „ sim, senhor;
 Mas com muita esperança o fructo era nenhum,
 E os pobres animaes ficavão em-jejum.
 Leitores, ha Mulher tão destra, e tão velhaca,
 Que nisto lhe não ganha inda a melhor macaca

~~~~~

O LEÃO, E O PORCO,

## XIV.

*Em verso alexandrino.*

O Rei dos animaes, o rugidor leão  
 Com o porco engraçou, não sei porque razão.  
 Quiz empregallo bem para tirar-lhe a sórna :  
 (A quem torpe nasceo nenhum enfeite adorna)  
 Deo-lhe alta dignidade, e rendas competentes,  
 Poder de despachar os brutos pendentes,  
 De reprimir os máos, fazer aos bons justiça,  
 E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça,  
 Mas em vão, porque o porco he bom só para assar,  
 E a sua occupação dormir, cothier, fossar.  
 Notando-lhe a ignorancia, o desmazelio, a incuria,  
 Soltavão contra elle injuria sobre injuria  
 Os outros animaes, dizendo-lhe com ira :  
 „ Ora o que o beçço dá, sómente a cova o tira ;  
 E elle, apenas grunhindo a vilipendios raes,  
 Ficava muito enstuto. Attenção nisto, oh pais,  
 Dos filhos para o genio olhai com madureza ;  
 Não ha poder algum, que mude a natureza :  
 Hum porco ha de ser porco, indá q' o Rei dos bichos  
 O faça cortezáo pelos seus váos caprichos.



## OS DOIS GATOS,

## XV.

**D**Ois bichanos se encontrarão  
 Sobre huma trapeira hum dia.  
 ( Creio que não foi no tempo  
 Da amorosa gritaria )

De hum delles todo o conchego  
 Era dormir no borralho,  
 O outro em leito de Senhora  
 Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde  
 Espinhas apeas dava ;  
 Com exquisitos maniares  
 O segundo se engordava.

Miou , e lambeo-o aquelle  
 Pelo ver da sua casta :  
 Eis que o brutinho orgulhoso  
 De si com desdem o affasta.

Aguda unhada vibrando ,  
 Lhe diz : „ gato vil , o pobre ,  
 „ Tens semelhante ousadia  
 „ Comigo opulento , e nobre !

„ Cui-



„ Cuidas que sou como tu ?  
„ Asneirão, quanto te enganas !  
„ Entendes que me sustento  
„ De espinhas, ou barbaranas ?

„ Lógro tudo o que desejo,  
„ Dão-me de comer na mão,  
„ Tu lazéras, e dormimos  
„ Eu em cama, e tu no chão.

„ Poderás dizer-me a isto  
„ Que nunca te conheci,  
„ Mas para ver que não minto  
„ Basta-me olhar para ti.

„ Ui ! ( Responde-lhe o gatorro,  
„ Mostrando hum ar de estranheza )  
„ E's mais que eu ! Que distincção  
„ Pôz em nós a Natureza ?

„ Tens mais valor ? Eis-aqui  
„ A occasião de o provar.  
„ Nada, ( acode o cavalheiro )  
„ Eu não costumeo brigar.

„ Então ( torna-lhe enfadado  
„ O nosso vilão ruim )  
„ Se tu não és mais valente,  
„ Em que és superior a mim ?

„ Tu

„ Tu não mias ? „ Mio. „ E sentes  
 „ Gosto em pilhar algum rato ? „  
 „ Sim. „ E o comes ? „ Oh se o como ! „  
 „ Logo não passas de hum gato.

„ Abate , pois , esse orgulho ,  
 „ Intratavel creatura :  
 „ Não tens mais nobreza que eu ,  
 „ O que tens he mais ventura.



## A MORTE DE LUCRECIA ,

*Extrahida do Livro II. dos Fastos de Ovidio.*

**C**ercada pelo Exercito Romano ,  
 Hum sitio pertinaz soffria Ardéa. (1)  
 Em quanto a dura Guerra está pendente ,  
 Em quanto aventurar feroz combate  
 Teme a Prudencia , os Chéfes, e os Soldados  
 Folgão nos arraiaes em ocio ledó.  
 Nisto o Filho do Rei , Tarquinio o moço ,  
 A esplendido festim convida os Socios ,  
 E, reinando a alegria, assim lhes falla :  
 „ Agora que de Ardéa o vagaroso  
 „ Assedio nos detem , nos não permite

As

---

(1) Cidade então sitiada pelo Rei de Roma Tarquinio Soberbo.

„ As armas conduzir aos patrios lares,  
 „ Dòs toros conjugaes a fé mantendo,  
 „ As Esposas gentis, que suspiramos,  
 „ Suspiraráo por nós, serão quaes somos?  
 Já cada qual sem termo a sua exalta;  
 Accezo pelo amor, cresce o debate,  
 Nos brindes do licor fogoso, e puro  
 A mente, o coração, e a lingua fervem;  
 Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle  
 A quem de alto appellido honrou Colacia, (1)  
 „ As palavras são vãs, crêa-se em cousas;  
 „ A noite nos sobeja, esporeemos  
 „ Os robustos cavallos, eia, a Roma.  
 O dito agrada, enfrêo-se os ginetes,  
 Os sôfregos Mancebos partem, vôáo.  
 Váo da estancia real primeiro ás portas,  
 Onde Guarda nenhum velando encontráo.  
 Entráo, colhem de subito engolfada  
 Em festivo prazer, e em rubro nectar,  
 Nas tranças com mil flores desparzidas  
 A que ao Filho em consorcio o Rei ligára:  
 Promptos caminháo logo a ver Lucrecia.  
 Alvejáváo da 'candida Matrona  
 No fuso luzidio as mãos de neve:  
 Dispostos ante o thálamo se olhaváo  
 De industriosa têa os brandos fios;  
 Em torno á luz sollicitas Escravas

---

(1) Hum como bairro de Roma, donde Colatino, Marido de Lucrecia, tomou o nome.

A nocturna tarefa promovião.

Lucrecia em tom macio, em voz mimosa

Dest' arte lhes dizia, as incitava:

- „ He para Colatino, eia, apressai-vos,
- „ Cumpre mandar em breve ao meu Consorte
- „ Isto, em que a nossa industria exercitámos.
- „ Vós, que tanto indagais, e ouvis, soubestes
- „ Quanto ainda se crê que dure a Guerra?
- „ Vencida cahirás, Ardéa iniqua,
- „ Que de nossos Esposos nos separas.
- „ Tornem, tornem, oh Ceos! ... Mas ai! Que idéa!
- „ O meu he destemido, he temerario,
- „ Tem genio de arrojarse ao fogo, ao ferro.
- „ Foge-me a luz, o alento, esfrio, e morro
- „ Quando entre os Inimigos o afiguro.

Nisto o pranto amoroso a voz lhe corta,

Cabe-lhe o fio da mão, e o lindo gesto

Sobre o molle regaço inclina a triste:

Dobráo-lhe a graça as lagrimas pudicas,

E mostra hum coração igual ao rosto.

Eis o Esposo apparece, e „ não receies,

„ Aqui me tens. (lhe diz) Ella revive,

Ella os braços lhe lança, e longo espaço

Pende do collo amado o doce pezo.

Em tanto de amor cego o regio Moço

Arde, morre, e lhe attrahe, lhe enleva os olhos

A fórma, a nivea côr, e a loira trança,

E o grave adorno, limpido, e sem arte;

A falla o prende, as expressões o encantão,

E o que á vil seducção não he sujeito:

Quan-

Quanto menos esperas , mais desejas ,  
 Mais te affoguêas , sequioso Amante.  
 Cantára o nuncio da risonha Aurora ,  
 E aos fortes arraiaes os Socios voivem.  
 Attonito , em paixão Tarquinio ferve ,  
 Gozando na revolta fantasia .  
 A bella imagem de Lucrecia ausente ,  
 E alli tudo o que vio mais lindo observa .  
 „ Assim ( diz entre si ) a achei sentada ,  
 „ Era o seu trage assim , e a mão suave  
 „ O longo , tenue fio assim torcia ;  
 „ Desta arte lhe cahião no alvo collo  
 „ Aureas madeixas , ao desdem lançadas ;  
 „ Tinha este modo , estas palavras disse ,  
 „ Este o semblante , a graça , a côr , e a boca .  
 Como se vê no mar , depois que os ventos ,  
 As azas sacudindo , o flagellarão ,  
 Que , já puros os Ceos , inda esbraveja  
 Co' a rispida impressão do horrendo assalto :  
 Tal , posto que tão longe a Bella estava ,  
 O incendio , que ateou no Amante , ardia .  
 Penando , e de paixão desesperado ,  
 Projecta macular com força , o dolo  
 O Thalamo sagrado , o casto Objecto .  
 „ O effeito he duvidoso , ( eis diz o insano )  
 „ Porém não se fraqueje , ousemos tudo ;  
 „ Audaces corações protege a Sorte :  
 „ Os Gabios ( 1 ) sujeitei co' atrevimento .

Tom. II.

T

Ca

(1) Póvos que Sexto Tarquinio submetteu por sua astucia atrevida.

Cala-se, e já pendura ao lado a espada,  
 Já de hum rapido bruto opprime as costas.  
 Corre, e chega a Colacia o Moço ardente,  
 Quando o Sol mergulhava o carro de ouro.  
 O Inimigo como hospede nos lares  
 Do ausente Colatino he logo acceito,  
 ( Que o vinculo do sangue os dois prendia )  
 A Dama com primor o acolhe, o trata ;  
 Ai que enganada está ! Manda que apromptem,  
 Sem suspeita do crime, a lauta meza.  
 Contente do alimento, o somno exiges,  
 Oh lassa Natureza. Era alta noite,  
 Na Estancia lume algum não scintillava :  
 Levanta-se o Traidor, hum ferro empunha,  
 Vai, manso, e manso, ao thalamo pudico.  
 Mal que o toca : „ hum punhal comigo trago,  
 „ Lucrecia, ( elle lhe diz ) „ eu sou Tarquinio,  
 „ Sou o filho do Rei. Nada responde,  
 Nem pôde responder Lucrecia absorta :  
 De assombro, de terror jaz fria, e muda ;  
 Mas, como a lamentavel cordeirinha,  
 Que no tosco redil desamparado  
 Entre as garras se vê do lobo infesto,  
 Ante o fero Amador Lucrecia treme.  
 Que fará ? Contendes, lutar com elle ?  
 Ella he debil Mulher, será vencida.  
 Gritará ? Tem na dextra hum ferro o Monstro.  
 Fugirá ! Dura mão lhe aperta o peito,  
 Não manchado atéli de toque infame.  
 Insta com rogos o Inimigo amante,

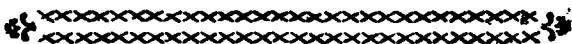
Com

Com premios, e ameaças, mas seus rogos,  
 Seus premios, e ameaças nada alcanção.  
 „ Não cedês, inhumana, a meus transportes?  
 „ Pois (o Barbaro diz) hei de arrancar-te  
 „ Com este ferro a vida, apregoando  
 „ Que em adulterio vil c'um torpe Escravo  
 „ Te colhi: a teu lado o porei morto,  
 „ E horrenda ficará tua memoria.  
 A Matrona infeliz, temendo a Fama,  
 A' furia succumbio do Fementido.  
 Indigno Vencedor, para que exultas?  
 Será tua ruina essa victoria:  
 Ai! Quanto ao solio teu custa huma noite!  
 Dissipando-se as trevas, apparecê  
 Lucrecia desgrenhada, e qual costuma  
 Ir lacrimosa Mãi do Filho á pyra.  
 O Consorte fiel, e o Pai longevo  
 Chama do Campo: os dois acodem logo,  
 Vem-lhe o lucto, e do lucto a causa inquirenti  
 Perguntão-lhe que mal, que dôr a ~~aneta~~,  
 E as honras funeraes a quem consagra?  
 Ella fica em silencio hum longo espaço,  
 E no véo luctuoso esconde a face,  
 Sôltas em fio as lagrimas formosas.  
 Consolando-a co' a voz, e com o affago,  
 Daqui lhe ~~roga~~ o Pai, dalli o Esposo  
 Que falle em fim, que exprima o que padecê,  
 E chorão, temem com pavor incerto.  
 Tres vezes começou, parou tres vezes,  
 E á quarta se atreveo a declarar-se,

Mas sem a vista erguer : „ Tarquinio a isto  
 „ Me' obrigará também ! ( profere a Triste )  
 „ Eu mesma hei de narrar a injuria minha !  
 „ Eu mesma , desditosa , hei de affrontar-me !  
 Conta o que póde . . . resta o mais . . . e chora ,  
 E o pejo lhe affoguêa a face honesta.  
 O Pai , e Esposo o crime involuntario  
 Perdoão. „ Perdoais ! Eu não. ( diz ella )  
 E aguçado punhal , que traz occulto ,  
 Co' a melindrosa mão no seio embebe.  
 Cahe aos paternos pés ensanguentada ,  
 E olhando para si , já moribunda ,  
 Para ver se o pudor na queda offende :  
 Este o cuidado da Infeliz , morrendo.  
 Eis junto ao corpo amado o Pai , e Esposo ,  
 Deslembados da gloria , e do decoro ,  
 Jazem carpindo seu commum desastre.  
 Bruto , que a scena infausta presencêa ,  
 O nome com o espirito desmente ,  
 Dó peito semivivo arranca o ferro ,  
 E alli na mão com elle , que distilla  
 Da Victima formosa o purq sangue ,  
 N'um ar ameaçador taes vozes solta  
 Do affeito coração : „ por este honra lo ;  
 „ Por este varonil , egregio sangue ,  
 „ E por teus Manes , que serão meus Numes ;  
 „ Juro ao feroz Tarquinio hum odio eterno ,  
 „ Juro de o proscrever , e á Prôle infame ;  
 „ Seus crimes infernaes serão punidos :  
 „ Tens , oh Virtude , assaz dissimulaço.



Ao som destes impavidos protestos  
 Os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia:  
 Meneando a cabeça, approva, e morre.  
 Sobre funereo leito se colloca  
 O gentil corpo da Heroína excelsa.  
 O espectaculo triste expõe-se a todos,  
 E deve a todos lagrimas, e inveja;  
 Vai patente a ferida, o denodado  
 Bruto, vociferando, incita o Povo,  
 E do Mancebo audaz lhe narra o crime.  
 Com a Estirpe cruel Tarquinio foge:  
 Foi aquelle o famoso, ultimo dia,  
 Em que o duro Oppressor deo leis a Roma.  
 Cessa o Reinado, os Consules se crião,  
 E as redeas tomão de annual Governo.



## A M A R C I A ,

*Imitação de huns versos de Mr. Parry.*

**T**U, de meus amorosos pensamentos  
 Secretaria fiel, tu, que mil vezes  
 Affagas, adormeces os desgostos,  
 De que semêa Amor meus tristes dias;  
 Oh lyra, em que estes dedos preguiçosos  
 Gerão sem arte a languida harmonia,  
 Effeito da ternura, e da saudade,

Ho-

Hoje teus sons patheticos se spurem  
 Da Amizade leal no casto Seio.  
 Candida amiga (1) do extremoso Elmano,  
 Minha Marcia gentil, se eu a teu lado  
 Te entretenho os ouvidos, e te influo  
 Por elles no formoso, eburneo peito  
 O encanto da suave melodia,  
 A maga sensação das almas bellas;  
 Se te aprazem meus versos innocentes;  
 Se teus olhos brilhantes como os Astros  
 Volves benignamente ao grato amigo,  
 \* Que externas perfeições, de que és tão rica.,  
 \* Que o virgineo candor te não profana  
 \* Com torpes, sequiosos pensamentos,  
 \* E, nos dons da tua alma embellezado,  
 \* Como se ama no Ceu, no Mundo te ama;  
 Se a teus mimosos labios, quando as Musas  
 Nas ternas afflicções vem consolallo,  
 Sorriso approvador merece Elmano;  
 Se no molle regaço delectoso  
 Acolhes do teu Vate a doce lyra,  
 Quando os sons lhe falsêa a mão dormente:  
 Que tenho com os mais, que tem comigo?  
 Que me importão, querida, a voz da Fama,  
 \* As críticas do Sabio, as invectivas  
 \* Dos Zoilos vis, dos Bavios de Ulyssa,  
 \* Gralhas, que entre pavões se não confundem,  
In-

---

(1) Esta palavra deve entender-se em sentido hon-  
 roso, como no original.

\* Inda que astutas, illudindo os Nescios,  
 \* Vestem pomposas, fulgurantes plumas?  
 Ou que me importa o público juizo?  
 Amante, e não author, desdenho, oh Marcia,  
 Huma inquieta gloria, hum arduo nome;  
 Nada sou: minha Musa, ás vezes leda,  
 Leda, ou antes cançada de carpir-se,  
 Cuida sómente em adoçar meus males,  
 Os seculos por vür, e o seu não teme.  
 Pungidos de fantastica vaidade,  
 Outros lidem, padeção, velem, suem,  
 Matem-se, por viver além da morte;  
 Que eu não quero comprar, como elles comprão,  
 Imaginarios bens por males certos.  
 Fagueira, linda Marcia, quando o Fado  
 Vier co'a negra mão tocar meu rosto,  
 Sumir-me para sempre a luz do dia,  
 Quando teus braços melindrosos derem  
 Suave encosto á languida cabeça  
 Do descorado, moribundo Amigo,  
 E os froxos olhos seus, metade abertos,  
 Turvo clarão vital forem perdendo;  
 Quando em fim minhas mãos em vão tentarem  
 Secar teus prantos, serenar teus olhos,  
 Fitos no leito da benigna Morte,  
 F, á boca o solto espirito acodindo,  
 Colher nessa, que adoro, o derradeiro  
 Osculo teu, dulcissimo, e piedoso,  
 Não, não permittas que funerea pompa  
 Me alumie a serena escuridade,

Nem

Nem que, por mãos venaes alvoroçado  
 O bronze atroador, publique a todos  
 Que mais hum dos Mortaes volves á terra.  
 No mea asylo incognito, e seguro  
 Vivendo para os outros indifferente,  
 Sobre as minhas acções hum véo the corto.  
 Qual fui na vida, quero ser na morte,  
 Com tanto que a fiel, a affavel Marcia  
 Dê honra ás cinzas do amoroso Elmano  
 Com suspiros, com 'lagrimas, e habitem  
 Memorias minhas na memoria della.  
 Tu, dos cuidados meus primeiro objecto,  
 Anália desleal, encantadora,  
 Que do vario Martinio te cegaste,  
 Ouvindo que morri, talvez que folgues.  
 Depois que a Morte amiga houver talhado  
 De meus dias fataes a debil rêa,  
 Depois que mudo, e fúnebre jazigo  
 Meus males encerrar, e os meus extremos,  
 Ide, Amores gentis, onde verdeja  
 A amena, salutifera Colares,  
 De mil benignos zefyros lavada,  
 E ante a falsa, que adoro, alli pousando,  
 Dizei lhe: „ exulta, ingrata, Elmano he morto,  
 „ Mas o Ceo tem poder, justiça, e raios,  
 „ O Ceo castigará teu vil perjurio,  
 „ O Ceo... não, summo Jove, eu lhe perdôo,  
 Eu perdôo ao meu bem, não, não me vingues,  
 Antes aos puros, luminosos dias,  
 De que ella goza em paz, antes, oh Nume,

Une

Une os dias de gosto, e de ventura,  
Que eu desfructára, se a cruel não fosse.



## A DESCRIÇÃO DO DILUVIO,

P O R G E S S N E R.

**A**S Torres de estranhissima grandeza  
Estavão pelas agoas já cobertas,  
E a triste, malfadada Humanidade  
Já não tinha outro asylo, outra guarida  
Mais que o cimo de hum monte alcantilado,  
Que ainda além das ondas assomava.  
Soar em torno d'elle os ais se ouvião  
Dos miseros Mortaes, que em vão lidavão  
Por trepar aos cabeços, e abrigar-se  
Da insaciavel Morte, que, enrolada  
Na espumosa torrente, os perseguia.  
Eis que desaba em parte a grão montanha,  
Eis que a rôta porção no mar se abysma,  
E na queda fatal consigo abate  
Quantos ao vão refugio se acolhêrão.  
O Filho cahê dalli precipitado,  
Lançando pias mãos ao Pai caduco;  
Das maviosas Mães no seio amigo  
Tenros Meninos suffocados morrem;  
Pavoroso motim retumba ao longe

Dos

Dos Homens, e dos Brutos, que perecem  
 Juntos no horrivel bárathro dos mares.  
 Já não restava então mais do que hum pico  
 Altissimo da serra ainda illeso  
 Do estrago universal. Fanor, mancebo,  
 \* Heróe no coração, Pastor no officio,  
 Para alli conduzira a doce Amante,  
 Semira d'entre as ondas arrancára,  
 E, a pezar do furor das vagas todas,  
 O triunfante Amor, Amor piedoso  
 A Donzella infeliz salvou da Morte.  
 Tinhão nascido os dois nos fertes campos,  
 Que banha o longo, celebrado Eufrates.  
 Fanor, entre os que alli se distinguiao,  
 Era o mais abastado, o mais amavel;  
 Semira a mais gentil, mais virtuosa  
 Das suas companheiras: os desejos  
 Tu hias, Hymenêo, satisfazer-lhes,  
 E o dia de vingança, o dia horrendo,  
 Em que Deos castigar determinára  
 Do Mundo os negros, os nefandos crimes,  
 Era o mesmo, em que havião de ligar-se  
 N'um laço deleitoso os dois Amantes.  
 Jazia tudo o mais no bôjo immenso,  
 Nos abysmos do mar: Fanor, Semira  
 Sós ao geral naufragio sobrevivem.  
 Em montes a seus pés as vagas mugem,  
 Por cima das attonitas cabeças  
 Lhez rebomba o trovão, reina-lhes em roda  
 Pezada escuridão, cujos horrores

O clarão dos relâmpagos não rasga  
 Senão para offrecer-lhes aos olhos tristes  
 O medonho espectáculo dos mortos,  
 O miseravel tumulo da Terra.  
 Estreitava Semira o terno Amante  
 Ao peito esmorecido, e meiindroso;  
 Junto a seu coração, trémula, e fraca,  
 Ella o quer, ella o tem, e assim modera  
 O terror, em que a põe seus duros Fados.  
 „ Meu querido Fanor, (lhe diz Semira)  
 „ Já não ha para nós nenhum refugio,  
 „ He forçoso morrer, já, já nos cerca  
 „ A vingança dos Ceos por toda a parte.  
 „ Não ouves o fragor, não vês as serras  
 „ Do tormentoso mar! Não vês, não ouves  
 „ Dos raios, dos trovões a luz, o estrondo!  
 „ Já não ha para nós nenhum refugio,  
 „ He forçoso morrer... oh Morte! Oh Morte!  
 „ Eras tu quem devia unir-nos hoje?...  
 „ Oh meu Deos! Meu Juiz! Ei-la bramindo...  
 „ Ei-la que se arremessa a devorar-nos...  
 „ Ai! Como se revolve em cada vaga!...  
 „ Sustenta-me, Fanor... entre os teus braços...  
 „ As ondas... me arrebatão... me arrebatão...  
 „ Sustenta-me, querido... eu caio... eu morro...  
 Ditas estas palavras, cerra os olhos,  
 Congela-se-lhe a voz, e cahe sem forças  
 Entre os braços do Amante. Elle, sem tino,  
 Já não vê serpear o ethereo fogo,  
 As ondas já não vê fervendo em serras,

Não

Não vê mais que Semira entregue á Morte.  
 A lassa robustez no mesmo instante  
 A Desesperação, e Amor lhe innovão :  
 Em seus braços aperta a doce Amada,  
 D'entre as ondas a arranca, e de mil beijos  
 Cobre as macias, delicadas faces,  
 Co' a triste pallidez inda formosas,  
 E frias, e alagadas dos chuveiros.

„ Semira, ( elle lhe diz ) meu bem, desperta,  
 „ Esta scena de horror contempla ainda,  
 „ Volve ainda huma vez a mim teus olhos,  
 „ Dize ainda huma vez que has de, oh querida,  
 „ Amar-me até morrer, dize-o, repete-o,  
 „ Antes que as bravas ondas nos engulão.  
 Diz: ella torna em si, lança-lhe os olhos,  
 Cobertos de agonia, e de ternura;  
 Sobre a destruição depois os firma:

„ Oh meu Deos! Meu Juiz! ( exclama a Triste )  
 „ Já não ha para nós, não ha piedade?  
 „ Ai! Com que furia as ondas vem rolando!  
 „ Que horrorosos trovões! . . . Oh Deos eterno!  
 „ Meu Pai! Meu Creador! Não'te commoves!  
 „ Não deixas abrandar vinganças tuas!  
 „ Ah! Tu, que tudo vês, tu bem o sabes,  
 „ Os annos de Fanor, e os de Semira  
 „ Hião correndo envoltos na innocenciã.  
 „ Oh tu, claro exemplar de mil virtudes,  
 „ Tu, dos filhos dos Homens o mais justo,  
 „ Como em fim mereceste . . . ai desgraçada!  
 „ Eu vi, vi perecer todos aquelles;

„ Que



„ Que fazião tão doces os meus dias;  
 „ Eu te vi perecer, meu Pai, (que angustia!)  
 „ (Que amargosa lembrança!) Eu te apertava  
 „ Em meus convulsos braços, tu erguias  
 „ Para a filha os pezados, ternos olhos,  
 „ E para abençoalla as mãos piedosas,  
 „ Quando as terriveis ondas te sorvêrão.  
 „ O que era para mim de mais estima  
 „ Me foi roubado, oh Ceos! Porém, com tudo,  
 „ Nos abysmos, Fanor, sumida a Terra,  
 „ Presentara a meus olhos as delicias,  
 „ As graças do terreste Paraíso,  
 „ Se o Ceo me concedêra o possuir-te...  
 „ Oh Deos! Oh summo Deos! Não ha clemencia!  
 „ Nossa vida innocente nos não vale!  
 „ Não poderá vencer... mas, cega! Aonde-  
 „ Me leva, me arrebatá a minha angustia!  
 „ Perdôa, oh meu Juiz, meu Deos, perdôa;  
 „ Estas murmurações expie a Morre.  
 „ Quanto a mesma innocencia ante os teus olhos,  
 „ Quanto a mesma innocencia he criminosá!  
 Fanor aqui susteve a gentil Moça,  
 Que ao repelão do vento hia cahindo,  
 E sustendo-a, lhe diz: „ sim, oh Semira,  
 „ Nosso final momento está chegado;  
 „ As ledas, as suaves esperanças  
 „ De hum reciproco amor se esvaecêrão:  
 „ Eis o termo fatal dos nossos dias;  
 „ Porém não acabemos como os Irrpios.  
 „ He forçoso [morrer, mas, doce Amada,  
 „ Além

- „ Além desta mortal vida penosa  
 „ Vive a glória, o prazer, a Eternidade.  
 „ Remontem-se, querida, as almas nossas  
 „ Ao Deos seu Creador; longe os terrores:  
 „ Nós vamos exultar, e agaalhar-nos  
 „ No seio patetial do Omnipotente;  
 „ Abraça-me, e esperemos nossos Fados.  
 „ Do centro deste horror, Semira, em breve  
 „ Nossos livres espiritos, voando  
 „ Engolfados n'um júbilo sem termo,  
 „ Se irão sumindo pelo Ceo brilhante.  
 „ Oh Deos! Oh grande Deos! Esta esperança  
 „ Em nossos corações nutrir ousámos.  
 „ Elevemos, Semira, eia, elevemos  
 „ Enfraquecidas mãos ao Nume eterno.  
 „ Cabe em frageis, erradas Creaturas  
 „ Dos juizos de hum Deos tentar o abysmo?  
 „ Aquelle, que nos deo c'um sopro a vida,  
 „ Que póde quanto quer, prepara, e manda  
 „ A morte ao Criminoso, a morte ao Justo.  
 „ Venturoso o Mortal, feliz quem sempre  
 „ Da virtude trilhóu, seguiu a estrada!  
 „ A vida já, meu Deos, te não pedimos,  
 „ Execute-se em nós tua Justiça;  
 „ Mas acende, affervora esta esperança  
 „ De hum Bem, de hum alto Bem, summo, ineffavel,  
 „ Vedado á turbação, e horror da Morte.  
 „ Brama então sobre nós, Trovão medonho,  
 „ Devorai-nos então, sanhudos Mares.  
 „ O santo, o justo Deos seja exaltado,

„ E

„ E ultimo sentimento , ultima idéa  
 „ De nossos corações , de nossas almas  
 „ Seja seu nome , sua Gloria seja.  
 O júbilo , e valor asserenarão  
 O rosto de Semira , e no seu rosto  
 Os lumes immortaes da Divindade  
 Como que já luzião. „ Sim , ( diz ella ,  
 Alçando para os Ceos as mãos mimosas )  
 „ Eu te sinto , dulcissima esperança ,  
 „ Louvemos o Senhor. Vertei , meus olhos ,  
 „ Lagrimas de alegria , até que a Morte  
 „ Com a gélida mão venha cerrar-vos ;  
 „ Huma gloria sém fim por nós espera.  
 „ Vós , Parentes , vós , Pais , delicias nossas ,  
 „ Arrancados nos fostes , mas em breve  
 „ Nos vamos novamente unir convosco.  
 „ Dos Justós , oh meu Deos , está cercado  
 „ Lá no cume dos Ceos teu Throno argusto :  
 „ Tu de todas as partes do Universo  
 „ Os congregas , Senhor. Fervei , oh Raios ,  
 „ Inchai-vos , Escarcéos , brami , oh Ventos :  
 „ Vós sois , vós todos sois da inevitavel  
 „ Justiça eterna os canticos , e os órgãos  
 „ Abraça-me , querido . . . olha . . . esta vaga  
 „ Espumosa , e feroz . . . nos traz a morte . . .  
 „ Abraça-me , Fanor . . . não me abandones . . .  
 „ Ai ! . . . já me erguem . . . as ondas . . . já me absorvem.  
 „ Semira , ( diz Fanor ) eu não te deixo ,  
 „ Eu te abraço , meu bem. Tu vens , oh Morte ,  
 „ Tu vens , em fim cumprir nossos desejos . . .

„ Gra-

„ Graças... mil graças á Justiça eterna...  
Assim fallarão, e em abraço estreito,  
Tragados pelas ondas, perecêrão.



## AS FORJAS DE LEMNOS,

CANTATA DE ROUSSEAU O POETA,

*Traduzida livremente.*

**N**A famosa caverna, onde Vulcano  
Forja, e tempera do Tonante as armas,  
Venus pedia aos horridos Artistas  
Recheassem de lucidos virotes  
O doirado carcaz do Filho astuto:  
    As Graças, os Prazeres  
Lhe prestavão seus dons, e seus encantos.  
    O carrancudo Esposo  
Junto á fragoa immortal, crestado, e cheio  
    Das saltantes faíscas,  
\* As mãos do ferro, e fumo enxovalhadas,  
\* Nas faces crespas o suor em fio,  
    Dest' arte affervorava  
Co' a voz, e exemplo os Cyclopes membrudos:

„ Eia,

„ Eia , socios , trabalhemos ,  
 „ Obedeça-se ao que manda  
 „ Venus bella , doce , e branda ,  
 „ Mãi das Graças , e de Amor.

„ Folles tumidos soprando ,  
 „ Mais , e mais o fogo atêem ,  
 „ Labaredas nos rodêem  
 „ Com terrifico fragor :

„ Rubro o ferro , espume , e ferva ,  
 „ Lide a mão com foça enorme ,  
 „ Settas , farpas , dardos forme ,  
 „ E , brandindo a cada instante ,  
 „ Na bigorna resonante  
 „ Caia o malho atroador.

„ Eia , socios , trabalhemos ,  
 „ Obedeça-se ao que manda  
 „ Venus bella , doce , e branda ,  
 „ Mãi das Graças , e de Amor.

Instigado por elle , assim Vulcano

A' voluvel consorte

Obrava contra si terriveis armas ,

Quando o Numen da Guerra , inda horroroso

Das mostras de recente mortandade ,

Entra , os olhos em braza , as mãos sanguentas ,

E ., que fazeis , ( exclama )

„ Filho de Juno , Artifices do raio ?

Tom. II.

V

„ Pa.

„ Para entreter Meninos ociosos  
 „ Ante a forja voraz estais suando !  
 „ Por isso , por tão pouco , e tanto á pressa  
 „ Esta Caverna horrisona rebomba !

„ Que trabalho vergonhoso !  
 „ Eia , em cinzas transtornai-o ;  
 „ Ou deixai tão futil brinco ,  
 „ Ou não mais forjeis o raio.

Mas em quanto vozêa , em quanto affronta  
 O affadigado Irmão , e os duros Brontes ,  
 Eis farpa vingadora o pune , o fere.  
 Que repentino ardor lhe inflamma o sangue !  
 Que pejo , que rubor lhe accende as faces !  
 Quer fallar , mas a voz nos labios morre ,  
 Dirige a vista ao Ceo , turba-se , e geme ;  
 Céde , em fim , perde a côr , o orgulho , as forças ,  
 E seus olhos confusos , vagos , frôxos ;  
 Já prezos por Amor , já namorados ,  
 \* Paráo no seio da benigna Venus ;  
 \* Revendo-se depois no rosto amado ,  
 \* Terno sorriso o coração lhe acothe.

Vós , que domais a Terra ,  
 Despi audaz furor ,  
 Sabei que o Deos da Guerra  
 Só he o Deos de amor.

Não

Não lhe aggraveis a gloria,  
Tremei de o irritar:  
He dares-lhe a victoria  
Querer-lha disputar.

Os asteriscos indicão os lugares, em que me  
affastei do Author.



## TRADUCCÃO

DO I.º LIVRO DAS METAMORFOSES,

o u

TRANSFORMAÇÕES DE OVIDIO

Desde o principio até á nova formação de todos  
os animaes depois do Diluvio.

---

Entre ferros-cantei, desfeito em pranto:  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

*O Traductor.*

---

## ARGUMENTO.

*O Céos se reparte em quatro Elementos. Zo-  
nas, Ventos, Creação dos Brmos, e do Homem.*

V ii

Se-

*Seguem-se as quatro Idades do Mundo. Nascem Homens do sangue dos Gigantes. Lycaon he transformado em Lobo. O Diluvio converte tudo em agoa. As pedras se mudão em Gente. Os Brutos renascem da Terra.*

→ ← → ← → ← → ← → X ← X → X ← → ← → ← → ←

**A**ntes do Mar, da Terra, e Ceo, que os cobre,  
 Não tinha mais que hum rosto a Natureza :  
 Este era o Cáos, Massa indigesta, rude,  
 E consistente só n'um pezo inerte.  
 Das cousas não bem juntas as discordes,  
 Priscas sementes em montão jazião ;  
 O Sol não dava claridade ao Mundo,  
 Nem crescendo outra vez se reparavão  
 As pontas de marfim da nova Lua.  
 Não pendias, oh Terra, d'entre os ares,  
 Na gravidade tua equilibrada,  
 Nem pelas grandes margens Anfitrite  
 Os espumosos braços dilatava.  
 Ar, e Pélago, e Terra estavão mistos :  
 As agoas erão pois innavegaveis,  
 Os ares negros, movediça a Terra.  
 Fôrma nenhuma em nenhum corpo havia,  
 E nelles huma cousa a outra obstava,  
 Que em cada qual dos Embrhões enormes  
 Pugn vão frio, e quente, humido, e seco,  
 Molle, e duro, o que he leve, e o que he pezado.  
 Hum Deos, outra mais alta Natureza

A'



A' continua discordia em fim põe termo,  
A Terra extrahê dos Ceos, o Mar da Terra,  
E ao ar fluido, e raro abstrahê o espêsso.  
Depois que a Mão Divina arranca tudo  
Do enredado montão, e o desenvolve,  
Em lugares diversos, que-lhe assina,  
Liga com mutua paz os corpos todos.  
Súbito ao cume do convexo Espaço  
O fogo se remonta ardente, e leve;  
A elle no lugar, na ligeireza  
Proximo fica o ar; mais densa que ambos  
A Terra puxa os Elementos vastos,  
Da propria gravidade he comprimida.  
O salitroso Humor circumfluyente  
A possui, a rodêa, a lambe, e aperta.  
Assim depois que o Deos (qualquer que fosse)  
O grão Corpo dispôz, quiz dividillo,  
E membros lhe ordenou. Para que a Terra  
Não fosse desigual em parte alguma,  
Por todas a compôz na fórma de orbe.  
Ao Mar então mandou que se esparzisse,  
Que ao sopro inchasse dos forçosos Ventos,  
E orgulhoso abrangesse as loiras praias;  
A' Mole orbicular deo fontes, lagos,  
Rios cingindo com obliquas margens,  
Os quaes, em parte absortos pelas terras  
Varias, que vão regando, ao Mar em parte  
Chegão, e recebidos lá no espaço  
De agoas mais livres, e exteasão mais ampla,  
Em vez das margens assaltêo praias.

O universal Factor tambem dissera :  
 Descei, oh valles, estendei-vos, campos,  
 Surgi, montanhas, enramai-vos, selvas.  
 Como o Ceo reparado á dextra parte  
 Tem duas Zonas, á sinistra duas,  
 E huma no centro mais fogosa, que ellas,  
 Assim do Deos o pródigo cuidado  
 Fôz iguaes divisões no terreo Globo,  
 Elle he composto de outras tantas Plagas :  
 Aquella, que das mais está no meio,  
 Em calores inhóspitos se abraza ;  
 Alta neve ensegela, e cobre duas ;  
 Outras duas, porém, que entre ellas ambas  
 O Numen situou, são moderadas,  
 Misto o frio, e calor. Fica eminente  
 A estas o ar, que assim como he mais leve  
 O pezo d'agua, que da terra o pezo,  
 Tanto mais pezo coube ao ar, que ao fogo.  
 Deos ordenou que as nevoas, e que as nuvens  
 Errassem no inconstante, aéreo seio,  
 Que os Ventos o habitassem, productores  
 Dos penetrantes Frios, que estremecem,  
 E os Rajos, os Trovões, que o Mundo aterrão ;  
 Mas o supremo Auctor não deo aos ares  
 Arbitrario poder aos duros Ventos :  
 Bem que rebentem de encontrados Climas,  
 Resistir-se lhes pôde á furia apenas,  
 Vedar que em turbilhões lacere o Mundo :  
 Tanta he entre os Irmãos a desavença !  
 Euro foi sibilar ao Ceo da Aurora,

Aos

Aos Reinos Nabatheos , á Persia , aos cumes ,  
 Que o raio da manhã primeiro alcança.  
 O Véspero , essas Plagas , que se amornão  
 Com Febo occidental , estão vizinhas  
 Ao Zéfyro amoroso ; o fero Bóreas  
 Da Scythia féra , e dos Triões se apossa ;  
 As Regiões oppostas humedece  
 Austro chuvoso com assiduas nuvens.  
 O Numen sobrepôz aos Elementos  
 O liquido , e sem pezo Ether brilhante ,  
 Que das terrenas fezes nada envolve.  
 Logo que tudo com limites certos  
 Foi pela eterna Dextra sinalado ,  
 As Estrellas , que oppressas , que abafadas  
 Houve em si longamente a Massa escura ,  
 A arder por todo o Céu principiárão ;  
 E porque não ficasse do Universo  
 Alguma Região deshabitada ,  
 Astros , e Deoses tem o ethereo Assento ,  
 O Mar aos peixes nítidos he dado ,  
 Aves ao Ar , Quadrupedes á Terra.  
 A estes Animas faltava hum Ente  
 Dotado de mais alta intelligencia ,  
 Ente que a todos legislar podesse :  
 Eis o Homem nasce , e ou tu , suprema **Origem**  
 De melhor Natureza ; e quanto ha nella ,  
 Ou tu , pasmoso Artífice , o formaste  
 Pura extracção de divinal semente ,  
 Ou a Terra inda nova , inda de fresco  
 Separada dos Ceos , lhes tinha o germe.

Com

Com agoas fluviaes embrandecida,  
 Della o Filho de Jápeto (1) afeiçôa,  
 Organiza porções, e as assemelha  
 Aos Entes immortaes, que regem tudo.  
 As outras Creaturas debruçadas  
 Olhando a terra estão, porém ao Homem  
 O Factor conferio sublime rosto,  
 Erguido, para o Coe lhe deo que olhasse.  
 A Terra, pois, tão rude, e informe dantes,  
 Presentou, finalmente, assim mudada,  
 As humanas, incognitas figuras.  
 Foi a primeira Idade a Idade de oiro.  
 Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma. (2)  
 Culto á fé, e á justiça então se dava,  
 Ignoravão-se então castigo, e medo;  
 Ameaços terriveis se não lião  
 No bronze abertos, súpplíce Caterva  
 A' face do Juiz não palpitava:  
 Todos vivião sem Juiz, sem damno.  
 Inda nos patrios montes decepado  
 A's ondas não baixava o Pinho ingente,  
 Para depois ir ver hum Mundo estranho:  
 De mais clima que o seu ninguem sabia,  
 Fossos ainda não cingião muros,  
 As tubas, os clarins não resoavão,  
 Nem armas, nem Exercitos havia:  
 Sem elles os Mortaes de paz segura  
 Em ocios innocentes se gozavão.  
 O ferro sulcador não a rompia,  
 E dava tudo a voluntaria Terra.

Contente do que brota sem cultura,  
 Colhia a Genie o montanhez morango,  
 Crespos medronhos, e as cerejas bravas,  
 A's durás silvas as amoras prezas,  
 E as lisas producções de tenue casca,  
 Que da Arvore de Jupiter (3) cahião.  
 Erão todas as Quadras Primavera,  
 Mansos Favonios com subtil bafejo,  
 Com tepidos suspiros amimavão  
 As flores, que sem germe então nascião.  
 Vião-sê enloirecer, vingar as meesses  
 Nos campos nem roçados de adubio,  
 Em rios ir correndo o leite, o nectar,  
 E da verde azinheira estar cahindo  
 O flavo mel em pegajosas gotas.  
 Depois que foi Saturno exterminado  
 Ao Tártaro, e ficou a Jove o Mundo,  
 Veio outra Idade, se inferior á de oiro,  
 Superior á de cobre, a Idade argêntea.  
 Jove contrahe a Primavera antiga,  
 Verões, Invernos, desiguaes Outonos,  
 Curta, e branda estação, que anime as flores,  
 O anno repartem, variando os tempos.  
 O ar então começou a escandecer-se,  
 E ao som dos ventos a enrijar-se a neve;  
 Os Humanos então principiárão  
 A demandar guaridas, a ter lares:  
 Grutas, choupanas os seus lares forão.  
 Pela primeira vez o grão de Cérés  
 Se esparzio, se escondéo nos longos sulcos,  
 „ E

E opprimidos do jugo os Bois gemêrão.  
 A's duas succedeste, ahenea Prole,  
 De genio mais feroz, mais prompto á guerra,  
 Mas não impio. Eis a ultima, a de ferro.  
 Todo o horror, todo o mal rebentão della.  
 Súbito fogem Fé, Pudor, Verdade,  
 Occupáo-lhe o lugar Mentira, Astucia,  
 A insultuosa Força, a vil Perfidia,  
 Da posse, e do poder o amor infando.  
 Velas o Navegante aos ventos solta,  
 Aos ventos inda bem não conhecidos;  
 Longamente nas serras arraigado,  
 O lenho já commette ignoras vagas;  
 A Terra, que atéli de todos fora,  
 Como os ares, e o Sol, por cauto Dono (4)  
 Já se abalisa com limite extenso.  
 Não se lhe pedem só devidos fructos,  
 Uteis searas, vai-se-lhe ás entranhas,  
 Caváo-lhe o que sumio na estygia sombra,  
 Caváo riquezas, incentivo a males.  
 Já se desencantára o ferro infenso,  
 E o oiro inda peor: eis surge a Guerra,  
 Que, de ambos ajudada, espalha horrores,  
 Vibrando as armas na sanguinea dextra.  
 Fervem os roubos: o Hospede seguro  
 Do Hospede não está, do Genro o Sogro,  
 A concordia entre Irmãos tambem he rara.  
 Tentão morte reciproca os Esposos,  
 As Madrastas cruéis dispõe venenos,  
 Conta os dias paternos Filho avaro;

Jaz

Jaz vencida a Piedade, e sahe do Mundo,  
 Do Mundo ensanguentado a pura Astréa  
 Depois que os outros Deoses o abandonão.  
 Para não ser mais livre o Ceo, que a Terra,  
 He fama que Gigantes o assaltarão, (5)  
 A ethérea Monarquia ambicionando,  
 Fendo até ás Estrellas Monte em Monte.  
 O Padre omnipotente, o summo Jove  
 Nisto com raios esbroando o Olympto,  
 Partindo o Pelio sotoposto ao Ossa,  
 Sobre o Tropel sacrilego os derruba.  
 Esmagados co' pezo os feros Corpos,  
 Diz-se que a Terra, a Mãe, no muito sangue  
 Dos Filhos ensopada, o fez vivente,  
 Homens d'elle creou, porque a memoria  
 Da Progenie feroz permanecesse.  
 A nova Geração tambem foi dura,  
 Dos Numes foi tambem desprezadora,  
 Amiga da violencia, e da matança,  
 Denotando que o sangue o ser lhe dera.  
 Saturnio vio dos Ceos estas maldades,  
 Gemeo, e recordando hum impio caso,  
 Inda não divulgado, inda recente,  
 O atroz festim da Lycaonia meza,  
 Iras concebe o Deos dignas de Jove,  
 E o Conselho immortal convoca á pressa,  
 Que á pressa congregado accede ao mando.  
 Ha nos Ceos hum caminho alto; e patente,  
 (A nimia candidez o faz notavel)  
 Lácteo se chama, vão por elle os Numes,

Os graves Cortezãos do grão Tonante  
 A' Morada real. D'hum lado, e d'outro  
 Dos Deoses principaes os Lares brilhão,  
 Abertas as fulgentes, grandes portas.  
 Deoses menores outro espaço habirão,  
 E os potentes Celicolas supremos  
 A' frente os seus Penates (6) collocarão.  
 Este, a caber na voz audacia tanta,  
 O Palacio dos Ceos appellidára. (7)  
 Em marmoreo Salão juntos os Deoses,  
 Todos depois de Jupiter se assentão,  
 Que em lugar sobranceiro, e sobreposta  
 A fulminante mão no eburneo sceptro,  
 Por tres, e quatro vezes meneando  
 Espantosas melenas, com que abala  
 A Terra, o Mar, e os Ceos, taes vozes sóla  
 Com fera indignação: „ maior cuidado  
 „ O Mundo me não deo naquella Idade,  
 „ Em que a Turba de anguipedes Gigantes  
 „ Queria o Ceo romper com braços cento,  
 „ Que ainda que era multidão terrivel,  
 „ Hoste feroz, com tudo de hum só Corpo, (8)  
 „ E de huma origem só pendia a guerra.  
 „ Eis-me n'um tempo agora, em que he forçoso  
 „ Fazer tremenda, universal justiça,  
 „ Perder a humana Estirpe em tudo, em tudo,  
 „ Quanto abraça Nerêo circumsonante.  
 „ Subterraneas, tristissimas Correntes,  
 „ Correates, que lambeis o estygio Bosque,  
 „ Até juro por vós que ao mal infando

„ Mil

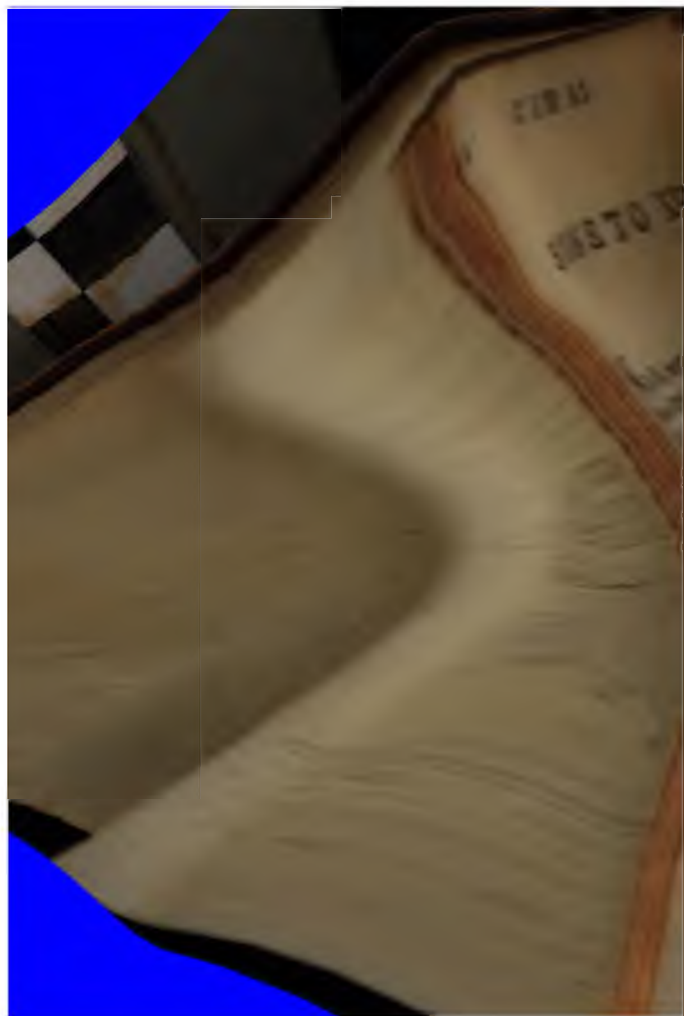


„ Mil remedios em vão tentei primeiro ;  
 „ Mas incuravel chaga exige o ferro ,  
 „ Cortada cumpre ser , porque não lavre ,  
 „ Porque não fique o são tambem corrupto .  
 „ Ha , porém , Semideoses entre os Homens ,  
 „ Campestres Numes ha , Faunos , e Ninfas ,  
 „ Sátyros , e os monticolas Silvanos :  
 „ Todos são attendiveis , todos nossos .  
 „ Se inda honrallos no Ceo não nos aprouve ,  
 „ Nas dadas Terras he dever que habitem .  
 „ Mas podereis pensar que estão seguros ,  
 „ Oh Deoses, quando a mim , que empunho o raio ,  
 „ A mim , que vos dou leis , tramou ciladas  
 „ Lycaôn , o afamado em tyrannia ? „  
 Nesta interrogação freme o Congresso :  
 Querem todos o Réo da enorme audacia ,  
 Em vinganças fervendo o pedem todos .  
 Assim quando ímpia mão queria extincto  
 De Roma o nome no Cesáreo sangue , (9)  
 Pelo terror da súbita ruina  
 Attonita ficou a Especie humana ,  
 Todo o Mundo tremeo de horrorisado .  
 Augusto , então dos reus não menos grata  
 A ternura te foi , que a Jove aquella .  
 Depois que ao grão susurro impöz silencio  
 Co' a mão , e a voz , emmudecêrão todos .  
 Suffocado o furor no acatamento ,  
 O Monarca dos Ceos assim prosegue :  
 „ Cuidado vos não dê a acção nefanda ,  
 „ O sacrilego Author já foi punido :

- „ Direi primeiro o crime , e logo a pena.  
 „ Do corrompido Seculo as infamias  
 „ Subirão-me á noticia : desejo  
 „ De achar falso o que ouvi , bixei do Olympo ,  
 „ E a Terra descorri com face humana.  
 „ Relevára occupar moroso espaço  
 „ Na feia narração do que hei sabido ,  
 „ De horrores que encontrei por toda a parte :  
 „ Era a verdade em fim maior , que a fama.  
 „ Passado havendo o Ménalo abundoso  
 „ De horrorosos covis , que alojão feras ,  
 „ O Cylenio de rochas carregado ,  
 „ E o frígido Lycêo , que os pinhos crôso ,  
 „ Do Arcadico Tyranno os Lares busco ,  
 „ Entro os Paços inhospitos , já quando  
 „ Negrejava o crepusculo da Noite.  
 „ Dou mostras de que hum Deos era chegado ,  
 „ E votos pios me dirige o Povo.  
 „ Das preces Lycaon se ri primeiro ,  
 „ Depois diz : „ saberei com prova inteira ,  
 „ Se he Deos , ou se he Mortal. „ Dispõe mata-me ,  
 „ Quando os olhos tiver de somno oppresos :  
 „ Da verdade lhe agrada esta experiencia.  
 „ E inda não pago disto , a espada infame  
 „ Vibra contra a cerviz de hum desgraçado ,  
 „ Que dos Molossos em refens houvera.  
 „ Aos semivivos , palpitantes membros  
 „ Parte amollecem as ferventes agoas ,  
 „ As sotopostas brazas torrão parte.  
 „ Já nas mezas se impõe , mas de repente  
 „ Co'

„ Co' a dextra vingadora o raio agito ,  
„ Sobre o cruel Senhor derrubo os tectos ,  
„ Os tectos , e os Penates , dignos delle.  
„ Para o silencio agreste , agrestes sombras  
„ Foge rapidamente , espavorido ,  
„ E querendo fallar , uiva o perverso :  
„ Colhem do coração braveza os dentes ,  
„ Co' matador costume os volve aos gados :  
„ Inda sangue lhe apraz , com sangue folga.  
„ A veste em pêlo , as mãos em pés se mudão ,  
„ He lobo , e do que foi sinaes conserva :  
„ As mesmas cans , a mesma catadura ,  
„ E os mesmos olhos a luzir de raiva.  
„ Já huma habitação cahio por terra ,  
„ Mas digna de cahir não he só huma.  
„ Erinnyes senhorêa o Mundo todo :  
„ Parece que os Humanos protestáño  
„ Não ter mais exercicio , que o do crime.  
„ A pena , que merecem , todos sintão ;  
„ Está dada a sentença. E fica mudo ,  
O Decreto de Jove alguns approvão ,  
E á ira horrenda estímulos aggregão ,  
Outros lhe prestão simplesmente assenso.  
Dõe a todos , porém , o immenso estrago ,  
Da triste Humanidade o fim lhes custa :  
Perguntão qual será da Terra a face ,  
Qual fórma a sua , dos Mortaes vazia ?  
Quem ha-de ás Aras ministrar o incenso ?  
Será talvez o Mundo entregue ás feras ?  
O que dos Homens foi , será dos brutos ?

Des-



SEÑOR  
JOSÉ ALVARES  
MEDICATORIA

53

239

++++

Obre.

⊗ ⊗ ⊗ ⊗

EPL.

A torrente voraz lhe cobre os tectos ;  
 Tremendo as Torres , ameação queda , (\*)  
 Rôtas , cavadas pelo embate undoso.  
 Já se confunde o Pelago co' a Terra ,  
 Já tudo he Mar , ao Mar já faltão praias.  
 Qual sobe , resfôlgando , alpestre oiteiro ,  
 Qual vaguêa medroso em curvo barco ,  
 E onde lavraráo bois , trabalhão remos.  
 Sobre as perdidas , affogadas messes  
 Vai navegando aquelle , ou sobre o cimo  
 Das submersas Aldêas , este encontra  
 Na copa de alto ulmeiro o peixe mudo.  
 Fertão-se acaso as ancoras ganchosas  
 Nos muchos prados , que viçosos forão :  
 De Baccho a planta , ás ondas sotoposta ,  
 Jaz mordida tambem dos ferreos dentes ;  
 Na relva , que os rebanhos tosquiárão ,  
 Pousa do equoreo Vate o gado informe ; (10)  
 Assombrão-se ás Nereidas de avistarem  
 Debaixo d'agoa bosques , edificios :  
 Por entre as selvas os delfins voltêão ,  
 Co' as negras trômbas pelos troneos batem ,  
 E o carvalho a vergar no encontro empúrrão.  
 O lobo vai nadando entre as ovelhas ,  
 Em meio da torrente impetuosa  
 Boiáo fulvos leões , manchados tigres.  
 Não vale aos javalis a força enorme ,

A

---

(\*) Edições vulgares trazem : latent sub gurgite turres ; edições correctas = labant. =

A summa rapidez não vale aos cervos.  
 Buscada longamente, e em vão buscada  
 Pelas aéreas aves sendo a Terra,  
 Onde repousem do continuo vôo,  
 Canção-se em fim, despenhão-se nas agoas.  
 Eis em soberbos torreões de espuma  
 Tenta o Pego arrogante as arduas serras:  
 Fervem-lhe em torno dos fragosos picos  
 As ondas, que jámais alli fervêrão.  
 Assaltando os miserrimos viventes  
 No vão refugio, quasi tudo absorvem,  
 E aquelles, que da furia se lhe esquivão,  
 Em comprido jejum salados morrem.  
 A Fócida, que os Acticos separa  
 Dos affamados campos da Beocia;  
 E Terra pingue foi, quando foi Terra,  
 He já d'agoas envoltas lago immenso.  
 Alli de cumes dois Montanha ingente,  
 Tendo a ramosa fronte além das nuvens,  
 E arremetendo aos Ceos, se diz Parnaso.  
 Nella Deucaliôn, ( porque dos Mares  
 Jazia tudo o mais em fim coberto )  
 Nella Deucaliôn tinha aportado  
 Em pequeno baixel co' a terna Esposa,  
 Forçados pelos impetos das agoas.  
 Desembarcando os dois, offrecem logo  
 Interno culto aos Numes da Montanha,  
 A's Nynfas de Corycio, a Themis sacra,  
 De quem alli o Oraculo se ouvia.  
 Nenhum dos Homens excedêra aquelle

No amor ao justo, no temor aos Deoses ;  
 Luzião na Consorte iguaes virtudes.  
 Jove, que o Mundo vê todo inundado,  
 Vivos de tantos mil só hum, só huma,  
 Ambos tão pios, tão amaveis ambos,  
 C'os soltos Aquilões sacode as nuvens,  
 As pezadas carrancas dos chuveiros,  
 E a Terra mostra aos Ceos, e os Ceos á Terra.  
 Nem do Pelago a furia permanece:  
 Co'ferro de tres pontas, mal que o toca,  
 As ondas lhe amacia o Deos das ondas,  
 E chamando Tritão, que levantado  
 Sobre a agoa está, (cobertos de brilhante  
 Purpura natural seus rijos hombros)  
 O buzio roncador lhe diz que assopre,  
 Que no usado sinal ordene aos Rios,  
 E ao transbordado Mar que retrocedão.  
 Da sonora, e concava buzina  
 Lança mão de repente o grão Mancebo,  
 Da buzina, que em circulos, em roscas  
 Da ponta para cima se dilata,  
 Que tanto que no seio acolhe os ares  
 D'hum, e d'outro Hemisferio atrôa as praias.  
 Eis aos labios a concha o Deos applica  
 Por entre negras barbas orvalhosas,  
 Inchão-lhe as faces ao robusto assôpro, (11)  
 Toca, e Rios, e Mar, que o som lhe escutão,  
 Súbito a seu pezar vem recuando.  
 Este já praias tem, tem leito aquelles,  
 E murmurão pacíficos, e tardos? (12)



Os oiteiros assomão , surge a Terra ,  
 Os campos crescem , decrescendo as ondas.  
 Depois de longo espaço os arvoredos ,  
 Os arvoredos nós se vão mostrando :  
 Dos despojados troncos pendem limos.  
 Em fim renasce o Mundo , e vendo o triste ,  
 O bom Deucaliôn vasia a Terra ,  
 E alto silencio derramado em tudo ,  
 A Pyrrha diz chorando : „ oh doce Esposa ,  
 „ Oh tu , que és só , que és unica de tantas  
 „ Habitantes do Mundo , e que ligada  
 „ Pelo amor , pelo sangue (13) estás comigo ,  
 „ Agora ainda mais pelo infortunio !  
 „ Do Nascente ao Poente , em toda a Terra  
 „ Só habitamos nós , só nós vivemos :  
 „ Tudo o mais pelas ondas foi tragado ,  
 „ E cuido que não tens inda segura  
 „ Tua existencia tu , nem eu a minha :  
 „ Estas nuvens , que observo , inda me atterrão.  
 „ Ah triste ! Que farias , se arrancada  
 „ Ao Fado universal sem mim te visses !  
 „ Onde , fria de susto , onde leváras  
 „ A planta vacillante , e quem seria  
 „ Tua consolação na dôr , no pranto ?  
 „ Crê , minha amada , que se o Mar sanhudo  
 „ Te escondesse nas sôfregas entranhas ,  
 „ Te houvera de seguir o afflicto Esposo ,  
 „ Socio te fora em vida , e socio em morte.  
 „ Oxalá que eu com a paterna industria  
 „ Podesse reparar a Humanidade , (14)

„ Al-

„ Alma infundindo na fornada terra !  
 „ Todo o Genero humano em nós se inclue,  
 „ ( Isto aos Fados apraz, apraz aos Deoses )  
 „ Ficámos para exemplo de que o Mundo  
 „ Morada de Homens foi. „ Disse, e choravão.  
 Depois, tornando em si, resolvem ambos  
 Recorrer aos Oraculos sagrados,  
 Da Deosa Themis invocar o auxilio.  
 Não tardão, vão-se do Cefiso ás agoas,  
 Que ainda não bem liquidas caminhão,  
 E apenas pelas fronteas, pelas vestes  
 Os gostados licores desparzirão,  
 Para o Templo da Deosa os passos torcem.  
 Manchava torpe musgo a frente, os tectos  
 Da Estancia veneravel, e jazião  
 Sem Ministro, sem luz, sem culto as Aras. (15)  
 Como os sacros degrãos tocado houvessem,  
 Sobre a madida terra os dois se prostrão,  
 E dão nas pedras osculo medroso;  
 Orão depois assim: „ se justas preces  
 „ Tornão benignos os irados Numes,  
 „ Se a colera dos Ceos com ais se adoça,  
 „ Dize-nos, Deosa, dize nos de que arte  
 „ Podemos instaurar a Especie humana,  
 „ E soccorre piedosa o triste Mundo.  
 Movendo-se a Deidade, assim lhes falla:  
 „ Do meu Templo sahi; cobrindo as fronteas,  
 „ Soltai as vestiduras, que vos cingem,  
 „ E para traz depois lançaí os ossos  
 „ De vossa grande Mãe, „ Tendo ficado

Atto-

Attonitos os dois espaço grande,  
 Pyrrha primeiro em fim rompe o silencio,  
 Da Divindade as leis cumprir não ousa,  
 E com trémula voz perdão lhe roga,  
 Porque teme, espalhando os ossos frios,  
 Aos manes maternas fazer injuria.  
 Depois disto repetem, pezão, notão  
 As palavras do Oraculo sombrio;  
 Té que Deucaliôn, que o venerando  
 Filho de Promethêo com brandas vozes  
 Serena a cara Esposa, e diz: „ se acaso  
 „ Não revolve illusões no pensamento,  
 „ O Oraculo da Deosa he justo, he pio,  
 „ Não nos ordena o mal, não quer hum crime.  
 „ A grande Mãi, que ouviste, a Mãi de todos  
 „ He a Terra, a meu ver são os seus ossos  
 „ As pedras, e essas diz que ao chão lancemos.  
 Bem que esta intelligencia agrade a Pyrrha,  
 Esperanças com dúvidas se envolvem,  
 E ambos das ordens santas desconfião;  
 Mas nisso que lhes vai, se as effectuão?  
 As Aras deixão, as cabeças cobrem,  
 Soltão as roçagantes vestiduras,  
 E logo para traz as pedras lanção.  
 Eis (quem te dera credito, oh portento,  
 Se annosa tradição não te abonasse!)  
 Eis que subitamente ellas começão  
 A despir-se do frio, e da rijeza,  
 E despindo a rijeza, a transformar-se.  
 Crescendo vão, mais branda natureza

As

As toca , as amacia , as amollece ,  
E nellas se perfeito o vulto humano  
Logo alli se não vê , se vê com tudo  
Em grosseiros sinaes a semelhança ,  
Qual na estatua , no marmore , a que apenas  
Deo talhe a mão de Artifice elegante.  
Partes , que erão terrenas , e sucosas ,  
Nas carnes , e no sangue se convertem ;  
O que tem solidez , o que não dobra ,  
Muda-se em ossos , e o que dante nellas  
Veia se nomeou , conserva o nome.  
N'nm breve espaço em fim ( mercê dos Deoses )  
As que arroja o Varão , Varões se tornão ,  
E as que sóla à Mulher , Mulheres ficão .  
Por isto somos fortes , somos duros ,  
Aptos a emprezas , proprios a trabalhos ,  
E em nosso esforço , na constancia nossa  
Claramente se vê que origem temos .  
Os outros animaes nas fórmãs varios  
A Terra os produzio , sendo escaldado  
Pelos raios do Sol o humor antigo ;  
Os encharcados , os lodosos campos  
Com o activo calor se entumecêrão ,  
E das cousas a próvida semente ,  
Qual no materno claustro alli cerrada ,  
Nutrio-se , e de vagar cresceo , formou-se.  
Dest'arte , havendo em fim retrocedido  
A seu amplo depósito profundo  
O grão Nilo , que sahe de bocas sete ,  
Co' a etherea flamma se afoguêa o lodo ,

E

E por entre os terrões , quando os revolve ,  
 De animaes o Cultor acha milhares ,  
 Huns a nascer , e em parte já formados ,  
 Em parte os membros seus inda imperfeitos ,  
 E vê-se muitas vezes que de hum corpo  
 Metade vive já , metade he terra.  
 Humidade , e calor dão vida a tudo ,  
 Se mutuamente se temperão ambos.  
 Bem que d'agoa contrario o fogo seja ,  
 Sahe do humido vapor quanto he gerado ;  
 A discorde união fermenta , e cria.  
 Por tanto a fértil Mãi , a extensa Terra ,  
 Do recente diluvio repassada ,  
 E pelo aéreo lume escardecida ,  
 Innúmeras especies foi brotando :  
 Deo ser a algumas com a fôrma antiga ,  
 N'outras em fim criou não vistos monstros.

---

(1) Promethéo , que , segundo a Fabula , roubou o fogo celeste , para animar figuras humanas , compostas de terra.

(2) Aos Grammaticos escrupulosos , que talvez queirão que este verso antes seja :

≡ Sem algum vingador , sem lei alguma ≡

Respondo , que usei o idiotismo da nossa lingua , alentado com o exemplo de Leonel da Costa na traducção das Bucolicas , e Georgicas , e com outros Authores de boa nota.

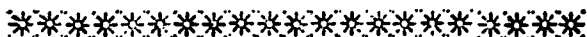
(3) O carvalho.

(4) O original diz Mensor , o Medidor , ou Demarcador.

Per-

- (5) Pertendêrão , quizerão = diz o texto.
- (6) Casas.
- (7) Allude ao Palacio de Augusto , que tomou o nome do monte Palatino , onde foi edificado. Nem os Ceos poupou a Lisonja.
- (8) Aqui he nome colectivo.
- (9) Em Suetonio se lê esta conspiração contra Augusto.
- (10) As Fócas , ou gado de Neptuno , e equóreo Vate , ou Profeta he Protéo , Deos Marinho.
- (11) Este verso he todo meu : a sua propriedade me deo a ousadia de aggregallo aos de Ovidio.
- (12) O original só diz *substant flumina* , abatem-se os rios.
- (13) Era sua prima , segundo a Mythologia.
- (14) Veja-se a nota primeira.
- (15) O texto só diz *sine ignibus* , sem fogo , sem luz .

N. B. A boa traducção , que Osorio fez das Georgicas , poderia intimidar-me , se as nossas versões não fossem de assumptos tão diversos.



## A MORTE DE PYRAMO, E THISBE,

*Extrahida do Livro IV. das Metamorfoses de Ovidio.*

**P**Yramo, singular entre os Mancebos,  
**E** Thisbe, superior em formosura  
**A** todas as Donzellas do Oriente,  
 Tinhão contiguas as moradas suas  
 Lá onde he fama que de ingentes muros  
 Semíramis cingio alta Cidade. (1)  
**A** Amor a visinhança abriu caminho,  
 Nelles foi com a idade Amor crescendo,  
**E** unir-se em doce nó votárão ambos,  
 O que injustos os Pais não permitirão.  
 Em vivo, igual desejo os dois ardendo,  
 (Que isto os Pais evitar-lhes não poderão)  
 Sem confidente algum, só por acenos,  
 Por sinaes se entendião, se afagavão.  
 Quando Amor se recata, he mais activo. (2)  
 Parede, que os dois lares dividia,  
 Rasgada estava de huma tenue fenda,  
 Desde o tempo em que forão fabricados.  
 Ninguem tinha notado este defeito;  
 Mas que não sente Amor, que não adverte?  
 Vós, Amantes fiéis, vós o notastes,  
 E delle se valeo sagaz ternura.  
 Sohião por alli passar sem medo

Bran-

Brandas finezas em murmúrio brando.  
 De huma parte o Mancebo, e Thisbe de outra,  
 Prestando unicamente; e recebendo  
 Seu halito amoroso, assim carpião:  
 „ Invejosa parede, a dois Amantes  
 „ Porque, porque te oppões? Ah! Que importava  
 „ Que perfeita união nos consentisses?  
 „ Ou, se isto he muito, ao menos franqueasses  
 „ Aos osculos de Amor lugar bastante;  
 „ Mas não somos ingratos, confessámos  
 „ Que os nossos corações a ti só devem  
 „ Doce conversação, que os desafoga.  
 Separados assim, e em vão dizião.  
 Dando hum saudoso a Deos já quasi á noite,  
 Ao partir cada qual suave beijo  
 Na parede insensível empregava,  
 Nem que o terno penhor chegar podesse  
 Aonde o dirigia o pensamento.  
 Hum dia quando, rôto o vôo nocturno,  
 Tinha ante os lumes da serena Aurora  
 Desmaiado nós Ceos a luz dos astros,  
 E Fébo com seu raio hia secando  
 Sobre as ervas subtile o frio orvalho,  
 Ao lugar do costume os dois volvêrão.  
 Depois de mutuamente se queixarem  
 Da pezada oppressão, que os constringia,  
 Com mais cautela ainda, em tom mais baixo  
 Concertão entre si que em vindo a noite  
 Havião de illudir os Pais, e os Servos,  
 De seus lares fugindo, e da Cidade;

Que



Que, por não se perderem vagueando  
Pelo campo espaçoso, ao pé da antiga  
Sepultura de Nino. (1) ambos parassem,  
Postos á sombra de arvore frôndosa.  
Esta arvore, que alli ao ar se erguia,  
Carregada de fructos côr de neve,  
(Então da côr de neve até maduros)  
Era a grata amoreira: amena fonte,  
Fervendo junto della, o chão regava.  
Quadrou o ajuste, e nas ceruleas ondas  
Cahindo, tardo o Sol para os Amântes,  
E donde o Sol cahio surgindo a Noite,  
Achada occasião, por entre as sombras  
Thisbe astuta das portas volve a chave,  
Engana os seus, e sahe. Cobrindo o rosto,  
Caminha para o tumulto de Nino,  
Chega, e debaixo da arvore se assenta:  
Dava Amor ousadia á linda Moça.  
Eis que feroz Leôa, ensanguentada  
De recente matança a boca enorme,  
Assoma, e vem depôr na fonte a sede.  
Porque o pleno luar cubria o campo,  
A vê aq longe a babylonia Thisbe,  
E com tímidos pés em gruta umbrosa  
Vai sumir-se, correndo, e palpiando,  
E na carreira o véo lhe cahe por terra.  
Depois que o tórvo bruto a sede ardente  
Nas agoas apagou, tomando aos bosques  
O solto véo sem Thisbe acaso encontra,  
E no sanguineo dente o despedaça.

Pyramo, que do lar sahio mais tarde,  
 Que vê no erguido pó sinal de féra,  
 E de féra no chão pégadas nota,  
 Descorando, estremece, e tinto em sangue  
 Acha o cahido véo. „ N'uma só noite  
 ( Diz elle ) „ dois Amantes se perdêrão,  
 „ Perdeo-se a bella, a triste, a desgraçada,  
 „ Que de longa existencia era tão digna.  
 „ Eu tive toda a culpa, eu, miseranda,  
 „ Eu fui quem te matou, fui quem te disse  
 „ Que de noite, que só te aventurasses  
 „ A tão ermo lugar, tão pavoroso,  
 „ E para te acudir não vim primeiro.  
 „ Lacerai-me este corpo abominavel,  
 „ Devorai-me estas barbaras entranhas,  
 „ Oh leões, que jazeis por essas grutas;  
 „ Mas chamar pela Morte he só dos fracos.  
 Já da terra levanta o véo de Thisbe,  
 E para a fertil planta se encaminha,  
 Vai com elle ao lugar do terno ajuste.  
 Cobrindo-o lá de lagrimas, e beijos;  
 „ O meu sangue (lhe diz) tambem te regue,  
 „ Recebe, oh triste véo, tambem meu sangue.  
 É súbito, despindo o ferro agudo,  
 Que ao lado lhe pendia, em si o enterra;  
 Da ferida mortal o extrahe, o arranca,  
 E de costas no chão depois baquêta.  
 Em rôxos horbotões lhe ferve o sangue,  
 E lhe salta com impero, á maneira  
 De alto, e cheio aqueducto, que rebenta,

Que

Que estrondoso arremessa ao longe as agoas,  
Co' a soberba impulsão rompendo os ares.  
Da ramosa amoreira os alvos fructos,  
Pela rubra corrente rociados,  
Em triste, negra côr a antiga mudão,  
E do sangue a raiz humedecida,  
Logo ás amoras purpurêa o çumo.  
De todo não perdido ainda o medo,  
Volta a gentil Donzella ao faral sitio,  
Porque a não ache em falta o caro Amante.  
C'os olhos, e co' espirito o procura,  
Desejosa de expôr-lhe o grave risco,  
De que pôde escapar. Notando a planta  
Mudada no exterior, a desconhece,  
Dúvida se he a mesma. Em quanto hesita,  
Vê tremer, e arquejar na terra hum corpo,  
Na terra, que de sangue está manchada.  
Recua de terror, pállida, absôrta,  
Arripia-se, e freme, á semelhança  
Do rouco mar, se as virações o encrespão.  
Mas depois que attentando em fim conhece  
A porção da sua alma, os seus amores,  
Rompe em chôros, em ais, maltrata o peito,  
O peito encantador, que o não merece,  
Arranca delirante as loiras tranças,  
Entre os braços aperta o corpo amado,  
Verte amargosas lagrimas no golpe,  
Correndo misturados sangue, e pranto,  
Piedosos beijos dá no rosto frio,  
Clama: „ oh Pyramo! Oh Cecs! Que duto caso  
„ Te

„ Te arrebatá de mim? Pyramo, escura,  
 „ Responde-me, querido, a tua amada,  
 „ A tua fiel Thisbe he quem te chama;  
 „ O semblante abatido ergue da terra.  
 Ouvindo proferit da Amada o nome,  
 O maifadado Moço eis abre os olhos,  
 Já do pezo da Morte enfraquecidos,  
 Volve-os a Thisbe, e para sempre os cerra.  
 Nisto aquella infeliz o véo distingue,  
 Vê do extincto Amador a núa espada.  
 „ Teu amor, tua mão te hão dado a morte!  
 „ Eu tambem tenho mãos, (exclama a triste)  
 „ Eu tambem tenho amor capaz de extremos,  
 „ Que esforço me dará para seguir-te.  
 „ Sim, eu te seguirei, serei chamada  
 „ Da tua desventura a causa, a socia.  
 „ Ai! Só podia a Morte separar-nos...  
 „ Mas não, nem ella mesma nos separa.  
 „ Oh vós, dai terno ouvido ás preces de ambos,  
 „ Miseros Pais de miserós Amantes,  
 „ Que une por lei do Fado Amor, e a Morte;  
 „ Deixai que o mesmo tumulo os encerte.  
 „ E tu, arvore, tu, que estás cobrindo  
 „ Agora hum só cadaver miserando,  
 „ Logo dois cobrirás, Sinaes conserva  
 „ Da trazedia, que vês, e por teus fructos  
 „ Diffunde sempre a côr de luto, e mágoa,  
 „ Monumento fatal do negro caso.  
 „ Cala-se, encosta o peito á ferrea ponta,  
 De sangue do Infeliz tepida ainda,

E traspassa-se, e cahe. Das preces tristes  
 Com tudo os Ceos, e os Pais se enternecerão.  
 Nos ramos da frondífera amoreira,  
 Quando maduro está, negreja o fructo,  
 E a lacrimosa, paternal piedade  
 Guardou n'uma só urna as cinzas de ambos:

(1) Babylonia.

(2) Este verso em sentido proprio póde traduzir-se assim:

Coberto o fogo, mais calor grangea.

(3) Nino, Rei de Babylonia.

## A GRUTA DA INVEJA.

*Do II. Livro das Metamorfoses de Ovidio.*

**H**É a Estantia da Inveja em gruta enorme  
 Lá n'uns profundos valles escondida,  
 Aonde o Sol não vai, nem vai Favonio.  
 Reina alli rigoroso, eterno frio,  
 De humidas, grossas nevoas sempre abunda.  
 O Monstro vive de vipereas carnes,  
 Dos seus Tartareos vicios alimento.  
 Da Morte a pallidez lhe está no aspecto,  
 Magreza, e corrupção nos membros todos;  
 Olha sempre ao revez; ferrugem tórpe  
 Nos asquerosos dentes lhe negreja;

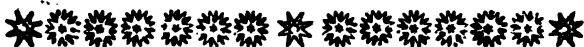
Tom. II.

Y

Vé-

Vê-se o fel verdejar no peito immundo,  
 Espumoso veneno a lingua verte;  
 Longe o riso lhe jaz dos negros labios,  
 Só se nos mais ha pranto, ha nella riso,  
 Em não vendo chorar, lhe acode o choro;  
 Não goza de repouso hum só momento,  
 Os cuidados, que a rôem, não soffrem somno:  
 Mirra-se de pezar, ao vêr nos Homens  
 Qualquer bem, rala, e rala-se a Maligna,  
 He verdugo de si, odio de todos.

A versão he saltada, porque he só do Episodio.



## MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OIRO.

*Do Livro XI. dos Metamorfoses de Ovidio.*

**N**ão contente Lião de ter vingado  
 A morte acerba do Apollíneo Vare, (1)  
 Até dos Campos barbaros se ausenta: (2)  
 Com sequito melhor dirige os passos,  
 A ver do seu Timólo as fartas vides,  
 E do Pactólo as margens, bem que ainda  
 Não tivesse o crystal mudado em oiro,  
 Nem co'as arêas suscitasse invejas.  
 Usada Turba, Sátyros, Bacchantes  
 Folgavão junto ao Deos, mas não Silêro:

**Por**

Por Frygios Montanhezes foi colhido,  
 Dos annos, e licôres titubante,  
 E prezo em laços de travadas flores,  
 A Midas, a seu Rei o apresentarão.  
 Este do Thrácio Orfêo, do Grego Eumolpo  
 Outr' hora as Orgias (3) recebido havia.  
 Dos sacrificios conhecendo o Socio,  
 Vendo o Mestre de Bromio, logo ordena  
 Do hospede á vinda geniaes festejos:  
 Dez dias, noites dez a solemnisa.  
 Fósforo já dos Astros a cohorte  
 Pela undecima vez afugentara:  
 Risonho parte o Rei aos Lydios campos,  
 Sileno restitue ao moço Alumno.  
 Do achado Preceptor Lenêo gostoso,  
 De qualquer dom a escolha offrece a Midas.  
 Grato o premio lhe foi, mas foi-lhe inutil,  
 Porque elle, usando mal do grande arbitrio,  
 „ Numen, ( lhe respondeo ) manda que tudo, „  
 „ Que tudo o que eu tocar, se torne em oiro. „  
 Ao rogo annue o Deos, porém sentindo  
 Que para dom melhor não fosse o rogo.  
 Contento o Frygio vai do mal, que leva,  
 Quer da promessa exprimentar o effeito,  
 Quer palpar quanto vê. Quasi sem crer-se,  
 O braço estende a huma arvore não alta, (4)  
 Verde ramo lhe extrahe, e he oiro o ramo:  
 Do chão ergue huma pedra: a pedra he oiro:  
 Roça hum terrão, e ao tacto portentoso  
 Fica o negra terrão lustrosa massa.

Loiras espigas n'um punhado arranca :  
 Ei-lo já convertido em aurea messe ;  
 Hum pomo tem na mão , colhido apenas :  
 Parece das Hespérides hum mimo.  
 Se acaso os dedos põe nas altas portas ,  
 As portas de improviso estão brilhantes :  
 Agoa , em que lava as mãos , das mãos cahindo ;  
 He tal , que a Dánae seduzir podéra.  
 Tudo mudado em oiro imaginando ,  
 No peito a cus-o as esperanças cabem.  
 Os servos lhe aprestarão lauta meza ,  
 Mas de Céres aos dons se a dextra move ,  
 Enrijão-lhe na dextra os dons de Céres ;  
 Se ávido applica ao dente as iguarias ,  
 Lustrão-lhe as iguarias entre os dentes ;  
 Une o licor do Nume , Author do assombro  
 Com agoa crystallina , á boca os ergue :  
 Da boca se destizão pingos de oiro.  
 Attonito do mal terrível , novo ,  
 O opulento , o infeliz fugir deseja  
 Das riquezas fataes , detesta o mesmo ,  
 Que ha pouco appeteeo. Nenhuns manjares  
 Podem matar-lhe a precisão , que o mata ,  
 A'rida sede torra-lhe a garganta ;  
 O oiro mal cobiçado he seu tormento ,  
 He seu justo castigo. Aos Ceos alçando  
 As mãos luzentes , os luzentes braços :  
 „ Perdôa , grão Lenêo , pequei , perdôa ,  
 „ Commove-te de mim , ( lhe diz ) e affasta  
 „ D'hum misero este damno especioso.



Os Deoses são benignos. Baccho ao triste,  
 Que peza a culpa, que a maldiz, que a chora,  
 A promessa retrahe, e o dom funesto.  
 „ Mas para que não fique a ti ligado  
 „ Mal, que julgaste hum bem (lhe adverte o Nume)  
 „ Vai ao Rio (5) vizinho á grande Sardes.  
 „ Pelo cume da serra, ao lado opposto  
 „ A'quelle, donde as agoas escorregão,  
 „ Caminha até chegar onde ellas nascem.  
 „ Na parte, em que ferver mais ampla a fonte,  
 „ Mergulha, lava o corpo, e lava o crime.  
 Na apontada corrente o Rei se banha,  
 Aurífera virtude as agoas tinge,  
 Passa do corpo de repente ao Rio.  
 No espraído licor participando  
 Do germe, que doirou a antiga veta,  
 He fama que inda agora amarelejão  
 Com madidos terrões aquelles campos.

## PI-

- 
- (1) Orféo.  
 (2) Os de Thracia, onde Orféo foi morto pelas Eacchantes.  
 (3) Festas de Baccho.  
 (4) O original diz azinheira, mas não julguei nisto essencial a fidelidade.  
 (5) O Pactólo.



## PICO, E CANENTE,

*Do Livro XIV. das Metamorfoses de Ovidio.*

**P**ico, de Ausonia Rei, Saturnia Prole,  
 Nas graças corporaes era extremado,  
 Do espirito nos dons não menos bello.  
 Quarta vez o espectaculo guerreiro,  
 Que em E'lide se usou de lustro em lustro, (1)  
 Não podendo o Mancebo inda ter visto,  
 Já olhos, já suspiros attrahia  
 Das Driades gentis nos Lacios cumes.  
 Vós o amaveis tambem, vós o seguieis,  
 Candidas Filhas das serenas Fontes,  
 Oh Náiades do Tibre, e do Numicio,  
 Deosas do Nar veloz, do Almo pequeno,  
 Do Fáfaro sombrio, e do Anio puro,  
 Co' as outras, que da Scythica Diana  
 Morão nos bosques, nos vizinhos lagos.  
 Mas todas engeitava, e quiz só huma,  
 Só huma o cativou, penhor mimoso,  
 Que lá no monte Palatino, a Jano  
 (Segundo he tradição) Venilia dera.  
 Nos annos de Hymenêo florece a Nynfa;  
 Preferido entre mil Competidores,  
 Eis a Pico em Laurento Amor a entrega.  
 Rara na gentileza era Canente,

Ra-

Rarissima potém na voz , no canto :  
Com elle pedras , arvores movia ,  
Detinha os rios , amansava as feras ,  
Tirando ás aves o temor , e o vôo ,  
Ella o seu doce amor cantava hum dia ,  
Quando aos Laurentes campos contra os bravos ,  
Cerdosos javalis sahio o Esposo .  
De alentado ginete o dorso opprime ,  
Tem na dextra , e sinistra agudas lanças ,  
Prezo o Fenicio manto ( 2 ) em laço de oiro .  
Fôra a Filha do Sol ( 3 ) aos mesmos bosques  
Para colher no monte as ervas novas ,  
Distante dos Circêos , a quem deo nome .  
D'huns ramos escondida o Moço vendo ,  
Se assombra , cahem-lhe as ervas , que apanhára ;  
Já lhe lavra a paixão de vêa em vêa .  
Apenas volve a si do vivo assalto ,  
Tenta manifestar o ardor interno ,  
Mas do ginete a férvida presteza ,  
E os circumstantes guardas o estorvário .  
„ Nem que te roube o vento has de escapar-me ,  
„ Se inda eu sou a que fui , se inda ha virtude  
„ Nas plantas , e meus versos não me enganão .  
Diz : e eis hum javali de aereo corpo ,  
Finge-o , perante o Rei correr o manda ,  
E mostrar que se acolhe aos densos matos ,  
Em parte onde o cava'lo entrar não possa .  
De imaginaria preza allucinado ,  
Salta o Mancebo das fumantes costas ,  
Segue esperança vá , fallaz objecto ,

Dis-

Discorre aqui, e alli pela alta selva.  
 Já Circe principia as magas preces,  
 Em verso ignoto adora ignotos Deoses,  
 Verso com que enegrece, esconde a Lua,  
 Com que o Sol, com que o Pai de sombras mancha.  
 Assim que os sons do encanto o Ceo condensão,  
 Que hum vapor tenebroso a terra exhala,  
 E pelo bosque os mais vaguêão cegos,  
 No escuro as guardas já do Rei perdidas,  
 Apto o lugar, e o tempo achando a Amante:  
 „ Oh tu entre o Mortaes o mais formoso,  
 „ ( Suspirando lhe diz ) por esse aspecto,  
 „ Por esses, que os meus oihos encantáráo,  
 „ E fazem com que eu Deoa te supplique,  
 „ Premêa activo amor, em que me inflammas,  
 „ O Sol, que tudo vê, por sogro acceita,  
 „ Duro não fuja da Titânia Circe.  
 Disse; porém feroz elle a regeita,  
 Elle rogos, e affagos lhe repulsa,  
 Responde: „ não sou teu, quem quer que sejas;  
 „ Outra me tem cativo, e praza aos Numes  
 „ Que dure longamente o cativeiro.  
 „ Os laços conjugaes, os puros laços  
 „ Não hei de enxovalhar de amor externo,  
 „ Em quanto amigos Fados me guardarem  
 „ De Jano a Filha, a singular Canente.  
 Circe ( enfadada de lhe instar sem fructo )  
 Diz „ não, não has de impunemente amalla,  
 „ Nem jámais tornarás a ver a Esposa.  
 „ Mulher depois d'amante, e de offendida

„ Conhecerás o que he : para teu damão  
 „ Sou Mulher , offendida , amante , e Circe.  
 Ao Occaso , ao Nascente então se volta ,  
 Duas vezes áquelle , a este duas ,  
 Depois no corpo do gentil Mancebo  
 Tres toques dá co' a vara , e diz tres versos.  
 Elle foge , e da propria ligeireza ,  
 Da nimia rapidez vai admirado ,  
 Eis que subitamente em si vê azas.  
 Affrontado , raivoso de sentir-se  
 Ave nova adejar nos Lacies besques ,  
 Despede o fero bico aos duros troncos ,  
 Com furia aqui , e alli goipêa os ramos.  
 Côr do purpureo manto as pennas ficão ,  
 Em pennas o aureo nó tambem se torna ,  
 Listra doirada lhe rodêa o collo ,  
 E a Pico. (4) do que foi só resta o nome.  
 Entretanto por elle os seus clamavão ,  
 Sem podello encontrar na longa seiva.  
 Circe em fim lhe apparece , ( as auras tinha  
 Adelgado já , já permitido  
 Que o Sol , e o vento as nevoas dissipassem )  
 Mil crimes exprobrando á Vingativa ,  
 Guardas , Monteiros o seu Rei lhe pedem ,  
 E dispõe-se a cravar-lhe as férreas lanças.  
 Sucos de atro veneno a Maga entorna ,  
 A Noite , os Numes della , o Caos , o Averno  
 Pelo forçoso encanto alli convoca ,  
 E ora á terrível Hécate , ululando.  
 Eis salta do lugar ( que espanto ! ) o bosque ,  
Ama-

Amarelece a folha, e geme a terra,  
 Tingem-se as ervas de sanguineas manchas,  
 Roucos bramidos sahem das rotas penhas,  
 Ouvem-se cães latir, silvar serpentes,  
 Vê-se o chão dellas negro, e tenues Sombras  
 Nos ares em silencio andar gyrando.  
 Attonitos de horrores descorão todos;  
 Mas co' a vara tremenda, e venenosa  
 Toca-lhes Circe as bocas assombradas.  
 Pelo tacto fatal se tornão Monstros  
 De improviso os Mancebos lastimosos,  
 Em nenhum permanece a antiga fórma.  
 Já no Occidente o Sol fechára o dia, (5)  
 E com olhos, com alma em vão Canente  
 Pelo perdido Esposo inda esperava.  
 Pizão bosques, e bosques Servos, Povo,  
 E com fachos nas mãos explorão tudo.  
 A Nynfa de chorar não se contenta,  
 Aos ais, aos gritos, e arrancando as tranças:  
 Quantos extremos ha, todos pratica;  
 Sahe, corre, vaga, insana, os Lacios campos.  
 Seis Luas, ( infeliz! ) seis Sóes a virão  
 Em contínuo jejum, continúa vela  
 Por valles, por florestas, por montanhas,  
 Por onde o desacordo a foi levando.  
 Do pranto, e do caminho em fim cançada,  
 O libre a vio cahir na margem sua.  
 Alli ao desamparo, alli sósinha  
 A triste, modulando acerbos migoas,  
 Soltava hum tenue som, qual canta o Cysne

O debil verso precursor da morte.  
 A Amante deploravel manso, e manso  
 Em lagrimas saudosas se liquida,  
 Vai-se alli pouco a pouco atenuando,  
 E nas aúras subteis se desvanece.  
 Pelo caso o lugar ficou famoso:  
 Vós, do nome da Nynfa miseranda  
 Canente, oh priscas Musas, lhe puzestes.

## A

---

(1) Os jogos Olympicos, que no principio de cada cinco annos se fazião em Elide, Cidade da Grecia.

(2) Da Fenicia, isto he, côr de purpura.

(3) Circe era chamada Filha do Sol, e tida por Maga, porque conhecia a virtude das plantas.

(4) Picus he o picanço, ave.

(5) Este verso mais fielmente he: *O Sol cahire nos Tartessios mares. De Tartessia, antiga Cidade de Hespanha no Estreito de Gibraltar: pra'a diz o texto, mas não o soffre a nossa Poesia.*



## A DESCIDA DE ORFEO AOS INFERNOS

## A BUSCAR EURYDICE.

*Traduzida do Livro X. das Metamorfoses de Ovidio:*

**D**E rutilantes vestes adornado,  
 Hymenêo rompe o ar, e á Thracia vôa,  
 Lá donde o chama Orfêo, porém debalde.  
 O Deos sim presidio do Vate ás nupcias,  
 Mas não levára alli solemnes vozes,  
 Nem presagio feliz, nem ledo rosto.  
 Sentio-se apenas crepitar lhe o facho,  
 E em vez de viva luz soltar hum fumo  
 Lucruoso, e fatal; vámente o Nume  
 Tentou co' movimento erguer-lhe a chamma.  
 O effeito foi peor, que o mesmo agoiro.  
 Em quanto a linda Noiva os prados gyra,  
 Das Náíades gentis acompanhada,  
 A'spide occulto fere o pé mimoso.  
 Morre a Moça infeliz, e o triste Amante  
 Depois de a lamentar aos Ceos, e á Terra,  
 Emprende commover do Inferno as Sombras,  
 Affeito desce a vós, Tenirias portas.  
 Por entre baralhada, aerea Turba,  
 Cujos restos mortaes sepulcro logrão,  
 Aos negros Paços vai do Rei das Trevas,  
 Vê do Tyranno eterno o Throno horrendo.

Lá



Lá casa os sons da voz, e os sons da lyra,  
 A's Deidades crueis lá diz: „ oh Deoses,  
 „ Decses do Mundo sotoposto á Terra,  
 „ No qual se ha de sumir tudo o que existe!  
 „ Se acaso a bem levais que ingenuas vozes  
 „ O artificio remováo, crede as minhas.  
 „ Não venho para ver o opaco Averno,  
 „ Nem para agrilhoar as tres gargantas  
 „ Do Monstro Meduzêo, que errição cobras.  
 „ Attrahe-me ao Reino vosso a morta Esposa,  
 „ A quem pizada vibora o veneno  
 „ Nas vêas desparzio, a flor murchando  
 „ Dos annos festivaes, inda crescentes.  
 „ Constancia quiz oppôr ao damno acerbo,  
 „ Tentei vencer meu mal, e Amor venceo-me.  
 „ Este Deos he nos Ceos bem conhecido,  
 „ Aqui não sei se o he, mas se não mente  
 „ No rapto, que pregôa antiga fama,  
 „ Vós tambem pelo Amor ligados fostes.  
 „ Ah! por este lugar, que abrange o medo.  
 „ Por este ingente cáos, silencio vasto,  
 „ Que do profundo Imperio o seio occupáo,  
 „ De Eurydice gentil a doce vida  
 „ O fio renovai, tão cedo rôto.  
 „ Ella, todo o Mortal vos he devido,  
 „ Vem tudo, agora, ou logo, á mesma estancia  
 „ Para aqui pende tudo, he este o nosso  
 „ Derradeiro, infallivel domicilio;  
 „ Vós tendes, vós gozais, a vós compete  
 „ Da Especie humana o senhorio immenso;

„ A

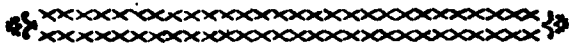
„ A que exijo de vós , ha de ser vossa  
 „ Por inviolavel jus , por lei dos Fados ,  
 „ Tocando o termo da vital carreita :  
 „ O uso do meu prazer em dom vos peço.  
 „ Se o Destino repugna ao bem , que imploro ,  
 „ Se a Esposa me retém , sahir não quero  
 „ Deste horror : exultai co' a morte de ambos.  
 O triste , que assim une o verso á lyra ,  
 Os exangues Espiritos deplorão :  
 A' fugaz lynfa Tântalo não corre :  
 A roda d' Ixiôn de assombro pára ;  
 Os Abutres crueis não mordem Tiçio ,  
 As Bélides os crivos cahir deixão ,  
 Tu , Sisyfo , te assentas sobre a pedra.  
 Das vencidas Euménides he fama  
 Que pela vez primeira os negros olhos  
 Algumas tenues lagrimas vertêrão.  
 Nem a Esposa feroz , nem Dite enorme  
 Ousão negar piedade ao Vate orante.  
 Chamão súbito Eurydice. Envolvida  
 Entre as recentes Sombras ella estava :  
 Eis o mordido pé vem manso , e manso.  
 Recebe o Thrácio Orfêo co' a bella Esposa  
 Lei de que para traz não volte os olhos ,  
 Em quanto tor trilhando o feio Abysmo ,  
 Se nulla não quizer a graça extrema.  
 Por duro , esconso , desigual caminho ,  
 De escuras , bastas nevoas carregado ,  
 Hum após outro os dois , vão em silencio.  
 Já do Tartareo fim distavão pouco,

Temendo o Amante aqui perder-se a Amada,  
Cobiçoso de a ver, lhe volve os olhos:  
De repente lha roubão. Corre, estende  
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,  
E o Misero sómente o vento abraça.  
Ella morre outra vez, mas não se queixa,  
Não se queixa do Esposo; e poderia  
Senão de ser querida lamentar-se?  
Diz-lhe o supremo a Deos, já mal ouvido,  
E recahe a Infeliz na sombra eterna.  
Fica attonito Orfêo co'a dupla morte  
Da malfadada Esposa, como aquelle,  
Que n'um dos collos vio com rijos ferros  
Prezo, arrastado á luz o Cão trifuace,  
E que o mudo pavor despio sómente,  
Quando despio a natureza humana,  
Transformado em rochedo immoto, e frio;  
Ou qual o que a si mesmo impôz hum crime,  
Oleno, que de réo quiz ter o nome  
Por te salvar, miserrima Letéa,  
Orgulhosa de mais com teus encantos,  
Tu, que foste co' Esposo outr' hora huma alma  
Repartida em dois corpos, que hoje és pedra  
Com elle, e junros no Ida estais sustidos.  
O estygio Remador expulsa o Vare,  
Que ora, que em vão tomar ao Orco intenta.  
Sete dias jazeo na margem triste  
Sem nutrimento algum, só a saudade,  
As lagrimas, a dôr o alimentaráo.  
Depois de pratear vossa fereza,

Nu-

Numes do Inferno, ao Rhódope se acolhe,  
 E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.  
 Dera o gyro annual tres vezes Febo,  
 E sempre o terno Orfêo de Amor fugia,  
 Ou porque o mal passado o refreava,  
 Ou porque eterna fé jurado houvesse  
 A' miseranda Esposa: repulsadas  
 Mil bellas Nynfas seus desdens carpirão.

Depois da bella descripção, que da descida de  
 Orfêo aos Infernos faz Virgilio no quarto Livro das  
 Georgicas, só o engenho de Ovidio podia ser ori-  
 ginal em iguaes circumstancias, o que pôde ver-se,  
 comparando ambos os lugares.



## A ALMA DE JULIO CESAR

### MUDADA EM COMETA.

*Do Livro XV. das Metamorfoses de Ovidio.*

**D**A tua morte, oh Cesar, teve o Mundo  
 Não duvidosos, térricos presagios:  
 He fama que em fulmineas, atras nuvens  
 Tubas horrendas, armas estrondosas,  
 Duros clarins os Pólos atroárão,  
 Do negro parricídio annuncios dando;

He

He voz geral tambem que o Sol tristonho  
 Húm pallido clarão mandava á Terra,  
 Que nos ares arder se virão fachos,  
 E em chuveiros cahir sanguineas gotas;  
 De ferrugineo véo surgir a Aurora,  
 De sangue o carro teu vir tinto, oh Lua.  
 Com dolorosos sons o mocho esquerdo (1)  
 Lugares mil entristeceu de agoiros,  
 N'outros mil o matfim (2) se vio chorando.  
 Forão cantos, e vózes de ameaço  
 Sentidos nas florestas consagradas;  
 Aceita aos Numes victima não houve:  
 Feros tumultos, imminentes males  
 Vinhão na rota fibra apparecendo;  
 Achou-se nas fatidicas entranhas  
 Decepada cabeça gotejante;  
 No Fóro, em torno aos Templos, ante os Lares  
 Os cães nocturnos ulular se ouvirão,  
 Roma tremeo, por ella andarão Sombras.  
 Tolher o effeito de vindoiros Fados,  
 De medonha traição tolher o effeito  
 Não pudérão do Ceo com tudo avisos.  
 Entrão punhaes sacrílegos no Templo:  
 Que theatro dz barbara Tragedia,  
 Da Acção nefanda, o teu Senado, oh Roma! (\*)  
 A alma Venus, porém, baixando á Curia,  
 Entre os Conscriptos invisivel pára,  
 Em quanto da perfidia os golpes fervem.  
 Eis de Cesar o espirito arrebatá,  
 Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,  
 Tom. II. Z Quer

Quer apurallo nos ethéros lumes. (3)  
 Erguendo-o, vê que luz, vê que se inflamma :  
 Ella o sóta, elle vôa além da Luz.  
 De acceza grenha, de espaçosa cauda,  
 No Ceo gyrando, respandece estrella. (\*\*)

(1) Etygio diz o texto.

(2) Estatuas dos Deoses.

(\*) Aqui não fui tão fiel, mas, cotejada a versão com o texto, ver-se-ha que o não ultrajei.

(3) O original tem só : *Celestibus intulit Astris.* Também não traduzi seguidamente, omitindo os louvores de Augusto, cujas proscricções lhe escurecem, e affeão a memoria.

(\*\*) Em outro volume, que aprompto, espero dar ao público a versão destes mesmos agoiros, que vem no primeiro Livro das Georgicas; o que me confirma a opinião de que Ovidio tem hum modo original até imitando.



## ARENÉO, E ARGIRA,

*Metamorphose original.*

**E** Stro de Ovidio, seguirei teus vôos,  
 Se não me he dado emparelhar contigo.

Depois que de Thessalia o Rei piedoso  
 As pedras converteo na especie humana,

Quant

Quando já pela fragil Natureza  
 De novo a corrupção lavrado havia,  
 A moral corrupção, que gera os crimes;  
 Quando para viver empija ao Homem  
 Suando exercitar custosa industria,  
 Lá perto do Penão, tão caro ás Musas,  
 N'um retiro assombrado de mil plantas  
 Tinha o rude Arenão seu toçco alvergue.  
 Apenas cinco lustros numerava,  
 Era de alta estatura, e de agil corpo,  
 De estranha robustez, feições grossas,  
 Olhos ardentes, e cabello escuro.  
 Febo lhe ennegrecêra as mãos, e as faces  
 No fragueiro exercicio, em que lidava,  
 Seguindo, e derribando ou ave, ou fera  
 Com settas, que jámais o objecto errarão.  
 Extinctos os Irmãos, os Pais extinctos,  
 Na agreste solidão vivia o Moço,  
 Ora subindo as empinadas serras,  
 Ora os confusos bosques indagando,  
 Em quanto o fulvo Sol nos Céos luzia,  
 E apenas descobrava a muda Noite  
 Sobre os ares subris seu véo lustroso,  
 Volvia á choça o rustico Mancebo,  
 De sanguineos despojos carregado,  
 Só nisto, por effeito do costume,  
 Embebido trazia o pensamento,  
 Ignorava as paixões da Natureza,  
 Até desconhecia a mais ardente,  
 A mais encantadora, e mais funesta.

Mas ah tyranno Amor! Ou cedo, ou tarde  
 He forçoso aos Mortaes soffrer teu jugo;  
 Amor, tu és hum mal, que fere a todos:  
 Longa experiencia contra ti não vale,  
 Ou Virtude, ou Razão; só vale a Morte.  
 Visto o ledo Arenêo no lar campestre,  
 Viste-o sem ti, cruel, gozar mil fructos  
 Das suadas, aspérrimas fadigas,  
 E, isento de memorias importunas,  
 Molles somnos gostar no leito ervoso.  
 Súbito, entaivecido, impaciente  
 De que inda alguém feliz no Mundo houvesse,  
 Olhaste de traveç o alegre Moço,  
 Males dignos de ti depois lhe urdiste.  
 Em venatorias artes doutrinada,  
 Annexa ao Coro da immortal Diana,  
 Corria a bella Argira o valle, e o monte.  
 Nos olhos tinha a côr formosa, e viva  
 De que se veste o Ceo na Primavera;  
 A' discrição dos Zefyrôs as tranças,  
 As tranças, por si mesmas enfeitadas  
 Com lucidos anneis, com aureas ondas,  
 Se ao Sol se expunhão, como o Sol brilhavão;  
 Erão, lacteo jasmim, purpúrea rosa,  
 Tão alvas como vós, e tão côradas  
 Da loira Semidéa as brandas faces;  
 Candido pejo, virginal sorriso  
 Nos labios lhe pousava entre os Amores;  
 (Amores que inspirava, e não sentia)  
 Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,



E o seio tentador mais bello ainda,  
Que o da Cypria Deidade, e não tocado.  
O frio, o vento, o Sol jámais ousarão  
Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa:  
Realçava estes dons a flor da idade,  
E ao ver-se aquelle assombro, oh Natureza,  
Estranho então se achou que o teu sublime,  
Engenhoso poder chegasse a tanto.  
Descendente de origem mais que humana,  
(Tambem não longe do Thessalio Rio)  
De mil dignos Amantes cobiçada,  
E às conjugaes delicias insensivel,  
Não quiz ir de Hymenêo no altar brilhante  
Sacros votos firmar co' a voz, e a dextra,  
Illesa conservando a flor suave,  
Que, envôlta em brandos ais, colheis, Amores.  
Com estas perfeições, com estas graças  
Tramou vingança crua o Páfio Neme  
Ao livre Caçador, que, errando hum dia  
Em ermo bosque de viçosos Loiros,  
Argira vio luzir por entre a rama,  
Argira, que das Nynfas se perdêra,  
E que á benigna sombra de hum Loireiro  
Repousava do acerrimo exercicio,  
Temendo a força do Apollineo raio,  
Que ardia no azulado, ethereo cume;  
E tendo a par de si na ervosa terra  
O luzente carcaz, vasio, em damno  
Das selvaticas feras, que avistára.  
Morno suor em crystallinas gotas

Pelo virgineo rosto escorregando,  
 Resplandecente aljófar parecia;  
 O canção, o calor nas lisas faces  
 As rosas; e os encantos lhe avivava:  
 Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,  
 Depois de ter vagado as agras serras,  
 Descança do arvoredado ao fresco abrigo,  
 Ou entre o lindo Coro, ou solitária.  
 Dest' arte alli jazia a Virgetti bella,  
 Quando o incauto Atênêo, que mal presume,  
 Que mal crê por si mesmo ir enredar-se  
 No laço, com que Amor sagaz o espera,  
 Curioso, amparando-se das plantas,  
 Vai manso, e manso, e por detraz de hum tronco  
 (Sem que o sentisse o perigoso objecto)  
 No perigoso objecto os olhos firma.  
 Desgraçado! Imprudente! Ah que fizeste!  
 Ei-lo accezo, ei-lo attonito, ei-lo absorto,  
 Ei-lo encantado, e tremulo, e perdido:  
 Repentino fervor lhe escaldá o peito,  
 Lhe ancêa o coração, lhe tinge o rosto.  
 „ Que assombro, oh Ceos! Que Divindade he esta!  
 (Comsigo o Moço diz) será dos bosques  
 „ A Deosa pudibunda, Irmã de Febo?  
 „ No traje, no carcaz, e em formosura,  
 „ Em gestos lo parece... oh Ceos! Oh Deoses!  
 „ Que encanto! Que belleza!... Eu ardo... et morro.  
 Nisto arrancando hum fervido suspiro,  
 Assusta a clara Nynfa, que, voltendo  
 Os olhos de repente ao som queixoso,

Te

Te vê, misero Amante, e, visto apenas,  
 Sólta hum ai, lança mão do eburneo coldre,  
 E vai por entre as arvores fugindo,  
 Mais prompta, mas veloz, do que os ligeiros,  
 Silvestres Brutos de ramosas fronte.  
 Qual ficaste, Arenêo, vendo esconder-se  
 Aos olhos teus o encanto de teus olhos!  
 Longa perturbação prendeo-te as plantas,  
 Sem côr, sem voz, n'um extasis, n'um pismo,  
 Qual devia infundir-te o raro objecto,  
 O deixaste voar; depois, sahindo  
 Do lethargico espanto, em que jazias,  
 Seguiste acelerado a doce causa  
 Do teu mal, dos teus ais, mas já foi tarde;  
 Já co' a Turba gentil se tinha envolto  
 Das alvas Companheiras, e com ellas  
 Voltado ao bosque da Latonia Deosa.  
 Quão saudoso, frenetico, anhelante  
 O infeliz Amador se acolhe aos lares!  
 Alli arde, alli geme, alli prantêa,  
 Alli, sempre em cruel desassocego,  
 Desvelado, e carpindo, as noites perde.  
 Apenas as manhãs no Ceos roxêão,  
 Em vez de proseguir o usado officio,  
 Torna ao sitio funesto, onde espreitara  
 O caro enlevo de seus olhos tristes,  
 Torna, mas sempre em vão, não vê nem rasto,  
 Que ao das queridas plantas se assemelhe.  
 Dias, e dias no lugar damnoso,  
 E pelas densas matas circumstantes

Pragueja contra si, delira, e freme;  
 Até c'um fero impulso ás vezes tenta  
 Amolado farpão cravar no peito,  
 Mas acode a benefica Esperança,  
 E com destro pincel na fantasia  
 Lhe pinta de mil jubilos vindoiros  
 A scena, o quadro, a seductora imagem:  
 De faustas illusões lhe doira a mente,  
 Finge-o nos braços da risonha Amada;  
 E assim lhe inova o soffrimento exhausto.  
 Mas nem sempre, Esperança encantadora,  
 Tens arte, que allucine os desgraçados.  
 Cançou de se fiar o ancioso Amante  
 Nas vãs consolações, nas vãs promessas,  
 Com que adoçavas o ácido veneno  
 Da teimosa paixão, que o perseguia;  
 Cançou de se fiar, e, abandonado  
 Ao agro desengano o peito afflicto,  
 A raiva em languidez se lhe converte.  
 Sempre encerrado na colmada estancia,  
 A gemer, e a chorar, de dia em dia  
 O affanoso Arenêo se vai finando.  
 Amor, que do aureo Throno, onde promulga  
 As despoticas-leis, vê toda a Terra,  
 Todos os corações, pôz nelle os olhos:  
 Vio-lhe a consternação, vio-lhe os tormentos,  
 E piedoso huma vez, e arrependido  
 Dos damnos, que forjára ao Moço triste,  
 Mudou de condição, quiz dar-lhe allivio.  
 Eis, qual ave de Jove, estende as azas,

Eis

Eis esvoaça , e parte , e chega , e pausa  
 Ante o tugurio de Arenêo choroso ,  
 Que , á porta reclinado , envolto em ancias ,  
 Com roucas preces invocava a Morre.  
 „ Esmorecido Amante , ( o Deos lhe clama )  
 „ Que desesperação , que vil fraqueza  
 „ Tomou posse de ti ! Que he da ousadia ,  
 „ Com que por entre as selvas , acossando  
 „ Cerdosos javalis de agudas prezas ,  
 „ Mil , e mil vezes affrontaste a Morre ?  
 „ Fragil Mulher te affraca , e te consterna !  
 „ Eia , recobra alento. Eu sou de Venus  
 „ O filho omnipotente , inevitavel ,  
 „ Eu mando em corações , em pensamentos ,  
 „ fiu sou Author de bens , Author de males ,  
 „ E se dispuz teu mal , teu bem disponho.  
 „ A dura negação , que d'antes víra  
 „ No rude genio teu para seguir-me ,  
 „ E o desuso , em que estou de achar quem prove:  
 „ Dissabores sem mim , sem mim prazeres ,  
 „ Me instou a maquinar-te o precipicio ,  
 „ E logo apercebi teu cativoiro  
 „ Nos olhos da melhor de quantas Nynfas  
 „ A' Deosa das florestas se votarão ;  
 „ Mas norando por fim como em teu peito  
 „ Pouco a pouco a paixão vai sendo morte ,  
 „ Quero atalhar-lhe o tragiço progresso ,  
 „ E contigo applacado , affavel , pio ,  
 „ Secar teus prantos , serenar teus dias ,  
 „ De lúgubre tristeza anuveados.

„ Vem

„ Vem , que eu te guio ao idolo , que adoras ,  
 „ Que rastejaste em vão por esses bosques.  
 „ A' hora , em que te fallo , á hora amena ,  
 „ Em que o fervido Sol no mar se apaga ,  
 „ N'um fresco , e puro lago he seu costume ,  
 „ Por effeito da calma , e do canção ,  
 „ Banhar sózinha os delicados membros ;  
 „ Que , em virginal modestia requintando ,  
 „ Nem permite ás silvestres Companheiras  
 „ Olhar-lhe nus os candidos thesoiros ,  
 „ E só tendo findado a lida agreste ,  
 „ E dito a Deos ás mais , demanda o lago.  
 „ Approvo que lhes negue a doce vista  
 „ Das altas perfeições , de que he ciosa ;  
 „ Só compete es-a gloria aos meus mimosos ,  
 „ Só a ti , meu valido , a ti somente.  
 „ Não receies o enfado , a resistencia ,  
 „ O desdem pertinaz da inculta Virgem ,  
 „ O affetto , com que exerce as leis de Cymhia :  
 „ São brandas as que dou , cruez as delia.  
 „ Meu fogo , meu poder , teus ais , teus prantos ,  
 „ A Natureza , os Ceos por ti combatem ,  
 „ Que nem Jove immortal de mim se esquivá.  
 „ Reina em muito a Fortuna , Amor em tudo :  
 „ Della os bens , os bens delle extrahé a audacia.  
 „ O acanhado temor convém que expulses ;  
 „ Exhauré os mimos , a ternura , as preces ,  
 „ E se os mimos , se as preces , se a ternura !  
 „ Baldadas forem , não o seja a força.  
 „ Obstaculos não ha , que Amor consinta ,

„ To-

„ Todos, todos por mim serão vencidos;  
 „ E se hum de meus farpões, atremessado  
 „ Contra a nossa inimiga insana, e bella,  
 „ Não vai ferir-lhe o coração rebelde,  
 „ Dispôllo a teu favor, e amaciallo,  
 „ He por te não roubar a immensa gloria,  
 „ O gosto de a render, sem que eu te acuda  
 „ Com toda a força minha. Ela, não tardes,  
 „ Vem, que he proprio o lugar, e Amor te guia.  
 Nisto, o facho invisivel sacudindo,  
 E com elle roçando-lhe no peito,  
 Desusado vigor, ardencia estranha  
 Ao frôxó coração lhe communicá.  
 Já folga, já se apresta, ufano, e ledo  
 O cobiçoso Amante, e segue o Nume,  
 Quasi igualando na carreira o vôo.  
 Por milagre de Amor, que o guia, em breve  
 Vence a longa distancia, avista o lago.  
 Jazião na raiz de alpestre terra  
 As incorruptas agoas transparentes,  
 De que o vasto depósito arenoso  
 Só tinha pouco fundo ao pé das margens.  
 Deserto era o lugar, fechado em roda  
 De mistas, densas arvorés, e idoneo  
 Ao tímido pudor da Virgem bella.  
 Antes de a divisar per entre as plantas  
 Amor, e o Socio, sem que os visse Argira,  
 Havia a casta Nythfa retirado  
 Do lago venturoso as alvas carnes,  
 E repostos as ligeiras vestiduras:

Assim do immaculado, amavel corpo  
 A vedada, recondita belleza  
 Teus olhos, Arenêo, não profanarão.  
 Co'a vista immovel nas immoveis agoas,  
 A' margem ceterior do lago ameno  
 Abstracta reflectia a Semidéa:  
 (Era a meditação talvez presagio  
 Do imminente perigo) ainda em terra  
 O formoso carcaz lhe reluzia,  
 Por onde agudas settas apontavão.  
 Amor, para frustrar-lhe a resistencia,  
 A distracção da Nynfa aproveitando,  
 Mais veloz que o relampago, e mais leve  
 Que os Favonios subteis, adeja, furta  
 Os nocivos farpões no rico estojo,  
 (Tudo he facil a hum Deos, não foi sentido)  
 Toma com elle, occulta-o entre o mato,  
 E diz com mansa voz, com voz suave  
 Ao Mancebo (que attonito ficára  
 Da vista encantadora) o que desejas  
 Alli tens. Sólta o freio a teus suspiros,  
 As lições, que te dei, vai pôr em uso.  
 Cala-se, e, já co'a mente em mais empresas,  
 Delle se aparta, sóme-se, voando.  
 Destas palavras Arenêo pungido,  
 A'pressa para a Nynfa os passos move.  
 Ella, ao sentir pizadas, volta os olhos,  
 E, vendo-o já propinquo, receosa,  
 (Qual se fôra de hum Sátyro assaltada)  
 A'aljava quer lançar as mãos de neve,

Mas



Mas da aljava o sinal só vê na arêa ,  
 E , em subito furor arrebatada ,  
 Inda que ao Caçador pende dos hombros  
 Carcaz do seu diverso em côr , e em fórma ,  
 Se allucina , se abstrahê , baldões profere ,  
 De infame roubador , de vil o accusa .  
 „ Não , não sou roubador , ( elle a interrompe )  
 „ Sou teu amante , escravo de teus olhos ,  
 „ Victima da ternura „ e pro-eguindo ,  
 Com vivissimo ardor lhe expõe , lhe affirma  
 As ancias , as saudades , os delirios ,  
 Os maies , que soffreo , depois que a virá ,  
 Ousa mais : de consorte a mão lhe pede ,  
 Da austera Irmã de Febo as leis condemna ,  
 Jura que a lei de Amor só he ligada ,  
 Só conforme á Razão , e á Natureza ;  
 Blasona , ostenta de affoiteza , e de arte ,  
 Outro Orión ( 1 ) se diz ; e por mil modos  
 Quer attrahir a indomita Donzella ,  
 Insta , para apiedar-lhe o genio duro .  
 Ella , que ouvio suspensa , e como absorta  
 As temas expressões do audaz Amante ,  
 Só , e não tendo alli com que punillo ,  
 ( Já suspeitosa de amoroso insulto )  
 Em fogo os olhos , arrugada a testa ,  
 Com raiva lhe gritou : „ não mais , insano „  
 E á fuga se dispôz ; mas o Mancebo ,  
 A que hum tal desengano as ancias dobra .

Qua-

---

(1) Orión , Caçador famoso na Antiguidade ,

Quasi fóra de si, lhe impede o passo,  
 E, depois que outra vez deo uso aos rogos,  
 Aos requebras, e aos ais, porém sem fructo,  
 As ternuras vertendo em ameaços,

Carregado o semblante, a voz pezada:

„ Insensivel! Feroz! Oh penha! Oh tigre!

„ Oh barbara inimiga! ( o cego exclama )

„ Se a Amor não cedes, cederas á raiva.

„ Annue a meu desejo, a meus extremos,

„ Qu... convulsa de horror ao som terrivel

Destas vozes crueis, a Semidéa

C'os vagos olhos todo o sitio corte:

Vê d'hum lado a lagôa, a serra ingente,

E o frenetico Amante do outro lado,

Vê que fugir não póde, e neste aperto,

( Fitos nos Ceos os mavjosos lumes )

„ Oh leis augustas da immortal Diana!

„ Santas leis do pudor! Dever sagrado!

„ A vós me sacrificio, „ Assim fallando,

Arremessa-se ao lago a malfadada

Co' a pressa, com que o raio a nuvem rompe.

Ao vèlla baquear, sumir nas agoas

Súbito açode o Moço arrebatado.

O brunido carcaz, e o arco artoja,

Lança-se apôs a Nynfa, e merguinhando,

( Que as ondas qual delfim cortar sabia )

Depois de estar occulto alguns momentos,

O lindo corpo amado extrahe sem airma.

Eis, com elle nos braços sobre a arêa,

A' desesperação, e á dôr se entrega:

Vê-se author da Tragedia lastimosa,  
Sem lume os olhos vê; que lhe erão vida,  
Vê na face macia, e puro soio  
Formosa a pallidez, formosa a morte;  
Chora, soluça, applica os froxos labios  
A' gentil, muda boca, e nella imprime  
Beijos... ah! Beijos bem diversos desses,  
Com que o sofrago Amor se apraz, se encanta;  
Até que supportar já não podendo  
O pezo da miserrima existencia,  
N'um transporte, n'um impeto invencivel,  
Co' a mão convulsa pelo peito enterra  
Pontiagudo virote, e cahe, e expira  
Junto da Nynfa, que, morrendo, abraça.  
Foi seu ai derradeiro a Amor voando,  
Do catastrophe atroz foi dar-lhe aviso,  
E o Nume enganador, que accezo andava  
Com guerra, em que alta gloria obter podia,  
Mal que ouvio no suspiro o triste annuncio,  
Desistio por então da grande empreza,  
E ao theatro volveo do caso acerbo.  
Lá, no horrendo spectaculo attentando,  
Collige dos sinaes, e circumstancias  
Que de Argira o rigor, e a pertinacia  
Forão causa fatal da morte de ambos.  
Dá-se por gravemente injuriado,  
A sua omnipotencia a si convoca,  
Avisinha-se aos dois, e por castigo  
Da fera ingratição, do amargo insulto  
Em feia má loquaz converte a Nynfa,

Para que no lugar, ondô acabára,  
 Para que, ás mesmas horas, em que altiva  
 Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gostos,  
 Começasse a rogar, porém vâmente,  
 Com voz descompassada aos Ceos vingança,  
 Tendo sempre em memoria azeda, e viva  
 O seu antigo ser, e o lance infausto.  
 Já se vai apoucando o niveo corpo,  
 Despe a côr, perde a fôrma, e, recebendo  
 Nova respiração, vozêa, e salta  
 No lago crystallino. Amor em tanto  
 Pago, ufano de si, de estar vingado,  
 C'um as piedoso a vista apenas lança  
 Ao Mancebo infeliz, e o deixa, e vôa:  
 Tão mesquinha em Amor he a piedade!  
 Indo a cruzar hum prado, acaso á dextra  
 Dirige os olhos, que o Luar lhe ajuda,  
 E descortina sobre a relva amena  
 A gozar da frescura em ocio brando  
 Délia formosa co'as sequazes Nynfas,  
 Já descontentes de tardar-lhe a Socia.  
 C'um íntimo despeito as olha, as mede,  
 E por dar-lhes pezar, por dar-se gloria,  
 Librando-se nas azas côr de fogo,  
 Narra-lhe em breves, empolados termos  
 Qual fôra a morte, a punição de Argira,  
 E nos ares, a rir, desapparece.  
 De lagrimas se banha o bello Coro  
 Apenas ouve o deploravel caso:  
 Eis que de Apollo a Irmã lhes diz que a sigão,  
E

E com ellas caminha ao fatal sitio,  
 De vingativo impulso estimulada.  
 Chega, observa na arêa as tristes provas  
 Da Tragedia cruel, olha o virote  
 No peito de Arenêo todo entranhado,  
 E disto não contente, e ainda irosa  
 Da acção de Amor, e intrepidez do Amante  
 Co'a Nynfa mais prezada, e mais pudica  
 De quantas pelos bosques a acompanhão;  
 Para a desagrarar, para vingar-lhe  
 Tanto a transformação, como a virtude,  
 (Reparar não podendo o damno injusto;  
 Porque as obras de hum Deos nenhum desmancha\*)  
 Portentosas palavras murmurando  
 Contra o corpo sanguento, o piza, o muda.  
 Na ave importuna, que prevê desastres,  
 Diffunde agoiros, aborrece o dia,  
 E, quando vem do lôbrego Occidente  
 A fusca Noite semeando horrores,  
 Ou nas arvores poussa, ou entre as fragas,  
 Onde, em quanto arrancais, oh rás limosas,  
 Enfadoso clamor, que atrôa os ares,  
 (Do que era, e do que amou saudosa ainda)  
 Até que aponta no horizonte a Aurora  
 Em voz desconcertada está carpindo  
 Seu miserando amor, seu negro fado.

Tom. II.

Aa

---

(\*) Neque enim licet irrita cuiquam  
 Facta Dei fecisse Deo.

Ovid. Met. Lib. 3.



## I N D I C E

Das Poesias , que contém este Livro.

|                                                         |             |      |
|---------------------------------------------------------|-------------|------|
| <b>S</b> ONETOS. . . . .                                | Pap. 1. até | 71.  |
| <b>O</b> DES, <i>A' Existencia de Deos</i> , - - -      | - - -       | 72.  |
| <i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo</i>              |             |      |
| <i>Senhor José de Seabra</i> , - - -                    | - - -       | 75.  |
| <i>Ao Senhor Ignacio Quintela</i> , - - -               | - - -       | 78.  |
| <i>Aos Amigos</i> , - - - - -                           | - - -       | 81.  |
| <i>O Desengano</i> , - - - - -                          | - - -       | 84.  |
| <i>A instabilidade da Fortuna</i> , - - -               | - - -       | 90.  |
| <b>I</b> DYLLIOS, <i>Elíra</i> , - - - - -              | - - -       | 93.  |
| <i>Armia</i> , - - - - -                                | - - -       | 100. |
| <i>Uliua</i> , - - - - -                                | - - -       | 111. |
| <i>A morte de Adonis</i> , - - - - -                    | - - -       | 120. |
| <i>Dáfnis</i> , - - - - -                               | - - -       | 126. |
| <i>Amor fugido</i> , - - - - -                          | - - -       | 133. |
| <b>E</b> NDEIXAS, <i>A Armia</i> , - - - - -            | - - -       | 135. |
| <i>A gruta do Crime</i> , - - - - -                     | - - -       | 147. |
| <i>Queixumes de Amor, e Amizade</i> , - - -             | - - -       | 151. |
| <b>E</b> LEGIAS, <i>A' tragica morte</i> , - - - - -    | - - -       | 158. |
| <i>Ao Senhor Joaquim Pereira</i> , - - -                | - - -       | 162. |
| <i>A' morte do Senhor Bressane</i> , - - -              | - - -       | 168. |
| <b>C</b> ANTATAS, <i>Medéa</i> , - - - - -              | - - -       | 171. |
| <i>Ignéz de Castro</i> , - - - - -                      | - - -       | 177. |
| <i>Leandro, e Hero</i> , - - - - -                      | - - -       | 184. |
| <b>E</b> PISTOLAS, <i>Aos Ill mos, e Ex. mos Senho-</i> |             |      |
| <i>res, Marquez de Pombal</i> , - - -                   | - - -       | 191. |

Mar





